

ALTEROSA

Outubro • 1959

Segunda Quinzena

Cr\$ 15,00



MÁQUINA
QUE TEM
IDÉIAS

REI PRÊTO,
RAINHA
BRANCA

MODAS :
PARA IR
A FESTAS

PERIGOS EM CONDOMÍNIO



**Ela
também
aprecia.**

Ondas médias

1.000 Kcs

50.000 watts

Ondas curtas

19 - 25 - 31

e 49 metros

Ela também gosta de ouvir a RECORD, porque a RECORD também tem programas para ela. Nas suas 21 horas ininterruptas de irradiação,

a RECORD informa, instrui e diverte.

Por essas e outras é que a RECORD tem o maior público radiofônico do Brasil:

Rádio Record
a maior

UMA DAS EMISSORAS UNIDAS



PRB-9

FOME E PAPEL

Gilberto de Alencar

ESTA antiga rua onde moro há já não sei mais quantos anos quase nunca acontece nada e esta é precisamente a razão pela qual a ela me afeiçoei e não penso, nem por sombra, em mudar-me. Não sou lá muito amigo de acontecimentos. Acontecimentos só servem, na maioria dos casos, para atrapalhar a vida da gente, que tão atrapalhada já anda, por via exatamente do que acontece e não devia acontecer.

Quase nunca acontece nada em minha rua, mas alguma vez acontece esta ou aquela coisa.

Aconteceu, por exemplo, faz poucos dias, cair um homem na calçada, seriam duas horas da tarde, chamando logo o fato insólito a atenção da vizinhança em peso, que correu para ver se era desastre, ataque ou bebida demais. Desastre não era, nem ataque, nem bebida. Era fome, simplesmente. E os vizinhos, todos os vizinhos, apressaram-se em socorrer o homem, que era branco, moço e relativamente bem vestido, uns trazendo prato de comida, outros trazendo copo de leite, outros ainda trazendo dinheiro. E o homem, daí a pouco, já refeito, se bem que muito pálido, ergueu-se da calçada, deu uns passos bambos, depois outros passos firmes e desapareceu da rua. Disseram-me os vizinhos, e eu bem que já desconfiava disso, que muitos outros homens andam caídos de fome por muitas outras ruas da cidade.

— Feijão a cinqüenta, onde que se viu?
— E o toucinho? Já passou dos noventa?
— Carne nem se fala. Diz que vai a cem!

Enquanto os vizinhos, após terem visto a fome de perto, assim vão comentando, espantados e indignados, o acontecido, eu limito-me a observar a rua e noto que agora se conserva limpa, apesar de muito pouco visitada pelos varredores municipais. Esta minha rua, como todas as ruas da cidade, vivia cheia de papéis servidos, papéis sujos, jornais esfrangalhados ou amarfanhados, e agora não. Que é que aconteceu, que a rua já anda limpa? Aconteceu, porventura, ter o povo perdido a

abominável mania de jogar papéis para os passeios e calçadas? Não senhor. Aconteceu que os meninos pobres desta terra cheia de meninos pobres deram agora para catar papéis pelas ruas, com elos enchendo sacos e mais sacos de anigem, que vão vender às fábricas de papelão. A edilidade está satisfeita, satisfeitas estão as fábricas e satisfeitos os meninos.

Como se vê, ou se viu, sempre acontece uma que outra coisa na minha velha rua, de hábitos simples e sossegados. Homem morrendo de fome, menino catando papel, sempre são coisas, não é verdade?

Cuido que homens derrubados pela fome ainda aparecerão. O que talvez venha a desaparecer, não leva muito, é menino catador de papel. Papel vai custando cada vez mais dinheiro e ninguém há de querer comprar jornal de dez cruzeiros, para amarfanhá-lo e jogar para a sarjeta. Pontas de cigarro mesmo, não sei se irão apanhá-las no chão os meninos sem lar, que cigarro também subiu como o diabo. Mais do que o diabo, porque enfim o diabo a sina dêle é descer para o inferno, não subir para o céu.

Minha rua, ou o meu pedaço de rua, tirante as novidades que já contei, voltou ao seu ramerrão de sempre, o ramerrão que justamente para mim constitui o seu encanto dela. Jamais fui homem de me dar bem com muito movimento. Tudo visto e examinado, de que é que vale a gente viver correndo e se agitando daqui para ali, dali para aqui, sem outro proveito senão o de chegar mais depressa à imobilidade final?

Quanto aos homens que morrem de fome na rua e os meninos que na rua catam papéis, imagino que tudo é culpa de um certo papel que circula por aí aos montes e que em breve, se as coisas não mudarem, ninguém se abaixará para catar na sarjeta, quando ele na sarjeta estiver sendo atirado. Sim senhor, é do papel-moeda mesmo que estou falando.

CAPA

GIA SCALA, estréia italiana que aparecerá brevemente em "Colinas da Ira", num Kodachrome da "M.G.M".

CONTOS E NOVELAS

O Preço de Um Pecado	22
Cíclia	34
E Ela Disse: "Talvez..." ..	70

ARTIGOS E REPORTAGENS

Uma Máquina Que Tem Idéias	20
Condomínio: Negócio Perigoso	26
O Assombroso Tatu	38
Ouro Quer Dizer Vento Forte	42
Rei Prêto e Rainha Branca ..	48

Eleita a "Glamour-Girl" de Ouro Prêto	50	Satélites e Teleguiados	7
A Sociedade Belo-horizontina Homenageia Sette Câmara	54	Páginas Escolhidas	8
Diplomacia Também Se Faz Com Meninos e Tintas	62	Panorama do Mundo	10
Fotos e Legendas	102	Fuga	17
Rua São Bento, Domingo ..	104	Quitandinha	18

PARA A MULHER E O LAR

Modas — A partir da	74	Cantigas	89
Bazar Feminino	82	Fonte Viva	89
Arte Culinária	84	Cinema — A partir da	90
		Caixa de Segredos	94
		Como Falar — Como Escrever	95

SEÇÕES PERMANENTES

Concurso de Contos	94	Esparços	97
A Voz do Brasil	2	Livros e Letras	98
Cartas à Redação ..	4	Picadeiro	100



Os Animais Têm Relógio?

NUMEROSOS cientistas acreditam que muitos, senão todos os animais, nascem com algum tipo de relógio oculto em seu corpo, e que êsses marcadores do tempo são, muitas vezes, estabelecidos pelo número de horas de luz ou de escuridão, em um dia, pelo ritmo das marés ou pelas estações.

Um dos mais notáveis relógios de animais pertence ao caranguejo rabequista, aquêle familiar habitante das praias. Há muito tempo, os biólogistas descobriram que a casca do caranguejo é mais escura durante o dia, fica mais pálida à medida que se vai fazendo tarde, para depois tornar-se novamente escura ao despontar do dia, e que êsse escurecimento é de grande importância para protegê-lo contra os inimigos e contra a ação dos raios solares. Durante muitos anos, pensou-se mesmo que esta escuridão era uma resultante da ação dos raios solares sobre o caranguejo.

Entretanto, quando um cientista mais ousado colocou um caranguejo rabequista no escuro, ficou realmente surpresto ao verificar que a côn de casca do bicho continuou assinalando as horas, com a mesma exatidão. Um outro fato surpreendente foi observado: a casca do caranguejo readquiriu a sua côn mais escura cerca de 50 minutos mais tarde, cada dia. Havia um segundo relógio no seu interior, porque as marés também ocorrem 50 minutos mais tarde de um dia para o outro. Observou-se também que, quando os caranguejos são tirados da praia e colocados em lugar escuro, continuam com o seu ritmo relacionado com as marés.

Através de uma pesquisa, descobriu-se que um caranguejo de Cape Cod, Massachusetts, readquiriu a sua côn mais escura quatro horas mais cedo do que um outro que habitava a praia de uma ilha vizinha. Buscando as causas, os pesquisadores verificaram que as marés da ilha ocorriam exatamente quatro horas mais tarde do que as de Cape Cod.

• Na situação atual que atravessamos ninguém mais se arrisca a acreditar na assistência social, porque todas as instituições de Previdência Social no Brasil se acham desmoralizadas perante a opinião pública... O associado sempre contribui de primeira, e recebe tratamento assistencial de terceira, e, às vezes, até coisa pior.

J. Garcia da Silva
JORNAL DO Povo — PONTE NOVA — MG

• Quem tem juízo não solta foguete dentro de casa, não senta em borralho quente, e não fala em casamento. Porque, agora, casamento é uma espécie de suicídio lento, em que se vai morrendo um pouco cada dia até morrer-se definitivamente. Outra, todo namorado esperava, um dia, a «marcha nupcial», mas hoje namorado quer é «marcha à ré». Com este custo de vida, ninguém vai para a beira do altar.

Joaquim José
FOLHA DO Povo — GUAXUPE — MG

• Nem só de feijão vive o homem, afinal de contas! Retifiquemos nossos juízos, tratemos dos nossos fígados e cuidemos de aceitar a verdade otimista que o oficialismo inculca, dia e noite, através dos seus corifeus: o Brasil vai indo que é uma beleza e a «Geografia da Fome», de Josué de Castro, é apenas um testemunho do complexo de inferioridade de que estamos vencendo na raça, minha gente, na raça...

Mauricio Loureiro Gama
CORREIO PAULISTANO — SP

• Brasília, ordem inversa das coisas físicas, não nasceu. Surgiu grande, bela, imponente. E' o fim que não teve princípio. A meta máxima do candombo-mor que é Juscelino Kubitschek.

Sandra Lis
DIARIO DO OESTE — DIVINÓPOLIS — MG

• O Ministério da Educação nos induz a crer ser a educação um dos seus objetivos primários. Parece-nos, no entanto, que «educação» não é assunto cogitado nos diferentes estágios escolares. Não há programa que vise o aperfeiçoamento da educação, e se o há, não funciona.

Humberto Silva Araújo
ALVORADA — CRUZEIRO — SP

• Agüentará o povo os aumentos incessantes, os aumentos que surgem todos os dias? Até aqui está agüentando. Mas é possível que lá um dia, não agüente mais, tal qual o cavalo do inglês. Com uma diferença, é que o cavalo morreu e o povo, ao invés de morrer, talvez se disponha a reagir violentamente contra os que lhe tiram o pão.

DIARIO MERCANTIL — JUIZ DE FORA — MG

• Aves e ovos. Ave voa. E ovo também. Pelo menos no preço, que atinge alturas nunca dantes velejadas por lusitanas galeras. O único que se desvalorizou foi o ovo utilizado por Colombo.

Jean Pierre Conrad
DIARIO DA TARDE — GOIÂNIA — GO

• Um político conterrâneo ficou apertado com uma pergunta atravessada do seu filho menorzinho. — Diga-me, papai, o que é um traidor? — Um traidor, meu filho, é um homem que deixa o nosso partido, para entrar no outro contrário. — Ahn! E que nome se dá a um homem que deixa o outro partido para entrar no nosso? — Um convertido, meu filho, um convertido.

A VANGUARDA — CASSIA — MG

• Verificou-se, há poucos dias, um acidente com dois caminhões, numa cidade mineira. Os dois carros, por razões ignoradas, chocaram-se violentamente. Dêsse desastre resultou a morte do «chauffeur» do carro onde havia estampado esta frase: «VOU PRA LONGE». No outro caminhão, embora amassado, ainda se podia ler: «JA' VAI TARDE!...»

Mateus Velho
DIARIO DO OESTE — DIVINÓPOLIS — MG

• Manifesta-se verdadeira seca. Não temos luz, porque não temos água, não temos água, porque não chove. Não chove porque os homens arrasam as matas, secam as fontes, nesse bárbaro costume de queimadas...

Zé Canela-de-Ferro
GAZETA DE MINAS — OLIVEIRA

• O diabo é que, acostumando-se o povo com os preços altos, estes jamais descem, ou dificilmente descem. Os vendedores dizem lá consigo: — Estão comprando assim mesmo, é tolice baixar. O melhor, até, é aumentar ainda mais. E vão mesmo aumentando...

DIARIO MERCANTIL — JUIZ DE FORA — MG

• De que adianta tabelar, se a tabela é bôlha de sabão? O povo é que deve fiscalizar a tabela? Muito bem. Vá um operário reclamar a um açougueiro truculento o preço da carne, a ver o que acontece. Vai com guia e nota fiscal parar num hospital.

DIARIO DA TARDE — GOIANIA — GO

• Dizem que certa tribo da África do Sul tem verdadeira antipatia pelos longos discursos. Daí decorre um interessante costume: o orador é obrigado a falar, somente sobre um dos pés. Enquanto ele conseguir manter o equilíbrio, pode falar à vontade, mas, logo que tocar com o outro pé no chão, o seu discurso, queira ou não, está encerrado. Ah, se aqui fôsse assim!

Macedinho
O ITABORAHYENSE — ITABORAI — RJ

• Dizem as más línguas que o «slogan» de Tancredo Neves, para ganhar o Palácio da Liberdade no próximo pleito, será: reconstruir em 50 anos, o que Bias Fortes destruiu em 5...

DIARIO DO OESTE — DIVINÓPOLIS — MG

• O Brasil não precisa de reforma agrária. Para que criar mais encargos para este país já tão sobre-carregado, sem antes livrá-lo de seus problemas mais imediatos? Ou, então vamos fazer leis somente com intuições eleitorais, sabendo já de antemão que o Governo não pode arcar com mais esta responsabilidade? Será preciso, antes de pregar tais reformas agrárias, pesquisar onde estão os erros dos Institutos de Previdência Social, corrigir estes erros, fazer com que os Institutos cumpram as suas finalidades.

J. G. da Cunha Camargo
DIARIO DE NOTÍCIAS — DF

O
Decapitado
Vivo



TEM havido na França alguns casos de fuzilados que sobreviveram aos seus ferimentos, mas Fernand Cron é talvez o único decapitado ainda vivo que se conhece.

Na noite de 9 de março de 1945, três mil japoneses atacaram o forte de Dong-Dang, não muito longe da fronteira chinesa. O forte, guardado por duzentos homens franceses e indo-chineses, resistiu durante três dias, sob os tiros de uma poderosa artilharia. Esgotadas as munições, os assediados não tinham outra alternativa senão render-se.

Um general japonês os felicitou imediatamente pela sua coragem e foi assim que cinqüenta homens, entre os quais Fernand Cron, encontraram-se ajoelhados na beirada de uma vala. Vendo os oficiais e os sub-oficiais tirar seus sabres, os infelizes compreenderam que iam ser decapitados. Um após outro os homens caíram na vala, para onde os japoneses os empurravam a golpes de baioneta.

Fernand Cron foi um dos últimos. Quando chegou a sua vez, ele contraiu os músculos da nuca e acompanhou ligeiramente os movimentos do sabre, que o atingiu um pouco mais baixo e menos profundamente do que acreditava o japonês. O condenado seguiu executou a mesma manobra e caiu sobre Fernand Cron.

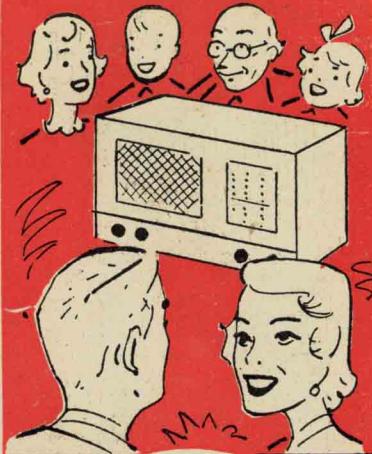
— Você não está morto? — cochichou este.

— Não, mas sofro horrivelmente.

Mas não iria sofrer durante muito tempo, pois um soldado japonês liquidou-o com seis golpes de baioneta. Fernand Cron, em vista disso, fingiu-se de morto e os soldados não o observaram. Dezoito minutos depois, ele levantou-se com precaução. Os japoneses saíram em busca de gasolina para queimar os corpos e não deixaram nenhuma sentinela. Cron, sentindo dores atrozes, chamou pelos seus companheiros, mas ninguém respondeu. Arrastou-se pela vala e escondeu-se em um arrozal, onde encontrou um atirador indo-chinês, que recebera um golpe de sabre e nove de baioneta. Cron foi tomado nos ombros e levado para um casa isolada, sendo depois recolhido por camponeses que se ofereceram para conduzir o atirador à casa de parentes seus que moravam nas redondezas, não obstante Cron achar que ele não resistiria aos ferimentos. Depois de ter o seu ferimento pensado sumariamente e ser disfarçado de camponês, Cron saiu à procura de tropas francesas, tendo andado dois dias antes de encontrar um pequeno destacamento com o qual bateu retirada em direção à China.

Sem sapatos, esgotado pela ferida que o impedia de dormir, ele empreendeu a pé marchas de trinta e quarenta quilômetros e foi sómente dois meses mais tarde, nas Índias, que um cirurgião inglês se prontificou a operá-lo. A operação foi bem sucedida e Fernand Cron não conserva dessa aventura senão uma grande cicatriz que causa admiração.

Companheiras DE TODOS OS MOMENTOS



- Bons programas
- Melhores locutores
- A melhor música nos céus de Minas



rádio
MINAS

rádio
PAMPULHA

Direção de
RAMOS DE CARVALHO

Dep. Comercial
Edifício Acaíaca — 14º andar —
Salas 1420/21 — Fone: 2-9711 —
Belo Horizonte.
Representantes no Rio e São Paulo :
M. A. Galvão & Cia. Ltda.
RIO — Av. Erasmo Braga, 227 — 2º
andar — Tel. 42-2020.
SÃO PAULO — Rua Sete de Abril,
342 — 1º andar — Tel. 33-6965

CARTAS À REDAÇÃO

«Ouviram do Ipiranga»

ESTANDO esta Chefia de Serviço interessada na aquisição do livro «Ouviram do Ipiranga», de Amarílio de Albuquerque (citado em ALTEROSA), venho solicitar de V. S's o

obséquio de me informarem como poderei adquiri-lo.

IOLANDA C. GAMA —
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO — SP

• Aconselhamo-la a dirigir-se à Câmara Brasileira do Livro, à Rua Xavier de Toledo, 114 — 4º andar — sala 406.

Elogio ao Artista

ESCREVO apenas para dizer de minha satisfação por encontrar, pela segunda vez, nessa revista que tanto aprecio e que sempre leio, há vários anos, uma ilustração de Álvaro Apocalypse.

A primeira, que ilustrou o con-

to «Um cão de fama», muito me impressionou, e sei que não me esquecerei do conto porque a ilustração lhe deu vida, realidade. Assim também este «O menino e a lambreta».

NEUSA BOMBONATO —
UBERLÂNDIA — MG

Campanha de Esclarecimentos

SENDO ALTEROSA uma revista de grande penetração, por que não desenvolver uma campanha de esclarecimento a favor do eleitor ingênuo? Acho que uma campanha de tal enver-

gadura seria coroada de êxito, pois existem muitos brasileiros que ainda acreditam em sua gente.

SALDANHA DIAS VALADARES —

TOCANTINÓPOLIS — GO

• Sua idéia corresponde, plenamente, aos objetivos das seções de opinião que mantemos e através dos quais procuramos orientar tanto quanto possível aqueles que nos honram com a sua atenção. Numa época confusa, em que os partidos políticos não se credenciam por programas definidos que lhes caracterizem a linha ideológica, cumpre-nos atrair a atenção de nossos leitores para aqueles homens que constituem, ainda, as reservas morais que são a razão de ser dessa confiança a que o amigo atende.

Muito Agradável

É COM imensa satisfação que venho, por intermédio desta, incluir-me entre os que apreciam essa encantadora revista, cujos artigos são muito agradá-

veis, revelando o cuidado de seus diretores.

MARIA DE SOUZA AGRA —
CAMPINA GRANDE — PB

Futebol

AS legendas foram preparadas fugindo à verdade, não coincidindo as declarações prestadas pelos fotografados, sendo as citadas legendas produto da fertilidade das cabeças dos repórteres. Não sou cavalheiro de capa e espada de causa alguma e jamais fui forçado a deixar a crônica esportiva do jornal «Gazeta do Triângulo»; eu resolvi não mais escrever aquela seção no jornal devido à falta de tempo; mas, senhores diretores, o maior absur-

do na legenda que ladeia minha foto é que em seu programa diário na Rádio Cacique Ney defende as moças e ataca o clero. Isto é o maior ultraje aos meus princípios católicos! Como poderia eu atacar minha religião ou aquêles que a ministram? Primeiro, eu não tenho programa diário em rádio; sou comentarista esportivo, atuando sómente quando da narração de um prélio esportivo, e sou narrador de programas; nunca estive atacando quem quer

que seja. Defendo as moças, concordo, pois julgo ser este o dever de todo cidadão probo e digno; se as moças são corretas, são honestas, mister se faz que as defendamos, joguem ou não futebol! Mas atacar o clero, isto é invencionice que sómente da cabeça de louco poderia sair...

Mister se faz que eu lhes diga que as garotas do futebol feminino de Araguari jamais receberam dinheiro por esta prática, recebendo, isto sim, presentes que as entidades beneficiadas com suas rendas lhes dão.

Sei que estas minhas declarações jamais serão publicadas, mas, se as faço agora, é para um desencargo de consciência.

NEY MONTES —
ARAGUARI — MG

• *Não fôra a sua carta tão longa e a publicaríamos na íntegra, prezado confrade. A reportagem "Bola em pé de moça dividiu Araguari", publicada em nossa segunda edição de agosto, nasceu do desejo natural de focalizar assunto palpitante. Os tópicos que destacamos de sua carta representam sua contestação, que respeitamos e, ao contrário do que supunha, estamos divulgando para que os leitores conheçam seu protesto. Quanto à "humilhação" a que atude na legenda que ladeia a foto da graciosinha Eleusa, acreditamos seja fruto da contrariedade do jovem radialista, cioso defensor dessas encantadoras moças de Araguari. Ganhar bem — dinheiro ou presentes — jogando futebol, isto é, honestamente, não constitui labêu, mas, ao contrário, recomenda a jovem esportista e prova a lisura com que agem os dirigentes de seu clube, recompensando-a pelo esforço com que se emprega nas pugnas.*

Miss Minas Gerais 57

Li, há dias, algo a respeito de Miss Minas Gerais de 1957, Maria Dorotéia Antunes Neto. Se possível gostaria de obter os seguintes esclarecimentos a respeito da linda Miss de 1957: Maria Dorotéia é mesmo de Juiz de Fora, ou de outra belíssima cidade mineira, Muriaé? Não é ela filha do grande amigo prof. Marciano Neto?

PROF. JOSE' MARIA FERREIRA —
BAU — COLATINA — ES

• *Maria Dorotéia nasceu em Muriaé e é filha do prof. Marciano Neto, residente em Juiz de Fora.*

Elogio ao Presidente

COM a inauguração do trecho rodoviário Curitiba—Lages, em Santa Catarina — 357 quilômetros de asfalto — desejo

(Conclui na pag. 96)



Você nunca viu lábios
tão brilhantes e atraentes
como os seus...

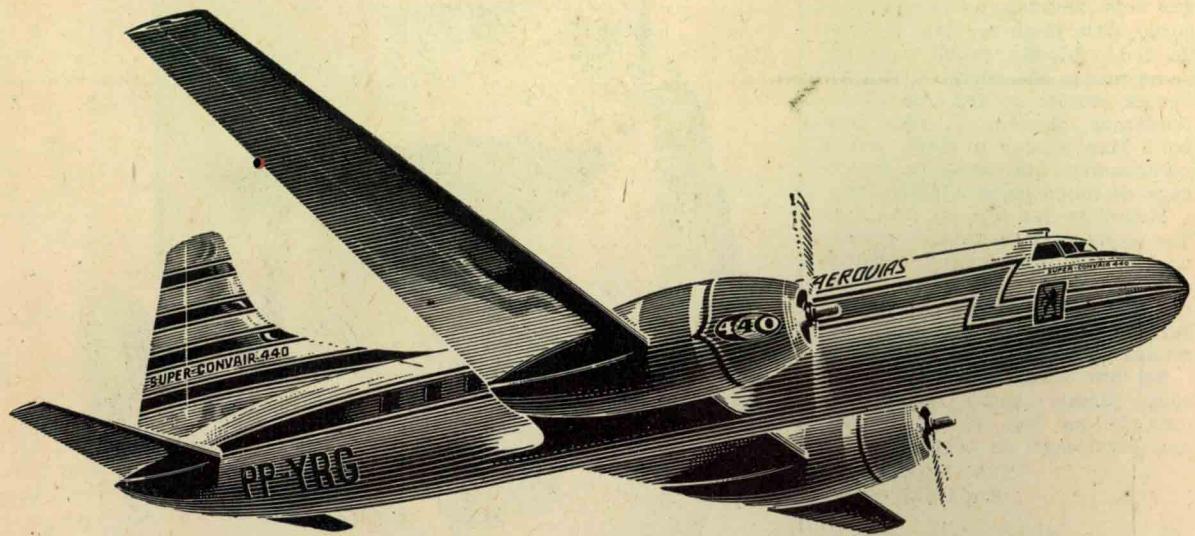
com a magia de **CUTEX**

Seu espelho reflete claramente os seus lábios macios, úmidos e brilhantes... nunca êles foram tão sedutores! Porque o Baton Cutex dá mais colorido. O rosa mais rosado... o vermelho mais vivo... o coral mais profundo. Você se torna o centro de atração quando usa o Baton Cutex! Dura mais... e mantém seus lábios irresistíveis. Você desejará possuir toda a coleção de cores do Baton Cutex!

BATON
CUTEX

DURA MAIS...
CUSTA MENOS...





GANHE TEMPO!

Realmente, tal é a suavidade de vôo, tão extrema a rapidez, que você tem a impressão de chegar antes do tempo, quando viaja num Super-Convair da Real. Tão seguro quanto veloz, este avião ultra moderno fará de sua próxima viagem na Real um vôo inesquecível.

VEJA OUE RAPIDEZ !

Belo Horizonte - Rio 0 h. 55'
Belo Horizonte - São Paulo ... 1 h. 25'
Belo Horizonte - Brasília 1 h. 40'
Belo Horizonte - Salvador 2 h. 45'
Belo Horizonte - Recife 5 h. 00'

São Paulo - Curitiba 0 h. 50'
São Paulo - Londrina 1 h. 05'
São Paulo - Pôrto Alegre 2 h. 05'
São Paulo - Montevidéu 5 h. 00'
São Paulo - Buenos Aires 6 h. 30'

Voe nos Super-Convair da Real

Veja quanto conforto!

Cabine pressurizada (a qualquer altitude, você goza a pressão do nível do mar). Grandes e macias poltronas reclináveis. Ar condicionado. Lanches deliciosos... e a famosa cortesia da Real.

Rua Espírito Santo, 647-Ed. Acaíaca
 Av. Afonso Pena, 342-Ed. IAPC - Tel. 4-8200



SATÉLITES e TELEGUIDADOS

GIBSON LESSA

AS NAÇÕES, COMO AS PESSOAS.

têm seus destinos traçados. Não adianta querer torcer. O destino da Rússia (ninguém me tira isso da cabeça) é acabar com a Guerra no mundo.

Com os guerreiros quentes ela já acabou. Acabou com os dois mais quentes guerreiros da História: acabou com Napoleão (oh! a retirada de Moscou!) e acabou com Hitler (oh! a epopéia de Stalingrado!).

Agora, com o Lunik na Lua, vamos ver se a Rússia acaba com os guerreiros frios...

MINHA FÉ NA PREDESTINAÇÃO pacífica da Rússia, aliás, não data de Khruchtchev, data de Dostoevski, aquél «pobre diabo», «jogador», «possesso» e «idiota» que há 79 anos atrás (muito antes do comunismo nascer) gravou no seu «**Diário Intimo**» essas palavras proféticas: «Humilha-te, homem orgulhoso... os acontecimentos estão se precipitando. Os eslavos têm grandes esperanças... Sabeis que presentemente sobre tóda a Terra, somos o único povo portador de Deus, propondo-se a renovar e salvar o mundo, em nome do Deus Novo, a quem são dadas as chaves da Vida e da Palavra Nova? A alma russa, o gênio do povo russo, será o mais capaz, entre todos os outros povos, de abrigar em si a idéia da União Universal e da Fraternidade... Agora que a nossa hora chegou, começamos a nos colocar a serviço de todos, visando à Conciliação Universal».

Assim falou Dostoevski, há 79 anos, em pleno regime do Czar, muito antes de Khruchtchev estender a mão a Eisenhower, muito antes do Lunik poussar na Lua advertindo à Terra de que daqui por diante a Paz ou vai ou racha.

ZAMENHOF: Sim, outro exemplo histórico de que a mística da **fraternidade universal** é um ingrediente cristão que está na massa do sangue russo. Sabeis, por certo, quem foi o Dr. Zamenhof. Foi o primeiro sujeito do globo que tentou botar abaixo a **Torre de Babel**, visando a que todos os povos, de Oriente a Ocidente, pudessem se falar, se amar e se entender numa língua só. Zamenhof morreu em 1917, mas o **Esperanto**, língua internacional, aí está, viva e virgem, à disposição dos homens de boa vontade. Nada menos de 50 mil obras já foram escritas ou traduzidas para o Esperanto; há cátedras de Esperanto em 30 universidades do globo e o Esperanto é hoje uma língua de ensino oficializado em nada menos de 22 países da Terra.

«**COM APENAS DUAS HORAS DE ESTUDO**, pude, se não escrever em Esperanto, pelo menos lê-lo com tóda facilidade», declarou o autor de «**Guerra e Paz**» (Leon Tolstoi) demonstrando com o seu próprio exemplo, como seria fácil realizar o sonho fraternal de Zamenhof e aproximar, pelo Verbo, os povos, através de um idioma único.

MAS, EM LIAO, NA FRANÇA, eis que acaba de se reunir um Congresso de Eruditos e lança um manifesto propondo aos governos dos principais países do mundo a adoção de uma língua universal. Qual delas? o **Esperanto**? Não, o **Latim**... o que «seria regredir à época primária da Civilização», brada o prof. Júlio Nogueira, acrescentando que o Latim (esse espantalho idiota dos estudantes do Brasil) «é uma língua paupérrima, difícil, tão pobre que não tem, sequer, capacidade vocabular para a sua internacionalização».

DECLARAÇÕES NOVISSIMAS de Ernest Hemingway, um dos três ou quatro norte-americanos vivos, de quem ainda vale a pena a gente se ocupar:

1) De um modo geral, não gosto dos filmes tirados dos meus livros. Para encarnar «**O Velho e o Mar**», Spencer Tracy tinha me prometido emagrecer. E não cumpriu a palavra.

2) Estou acabando as minhas «**Memórias**». Fiz 61 anos em julho e prometo que deixarei de escrever aos 65.

3) Vou retirar «**Por quem os sinos dobraram**» de circulação. Quero revê-lo. Tem coisas que hoje já estão caducas. Foi um livro escrito de um só jato, na época em que, durante dois anos, eu passava as tardes de telefone no ouvido transmitindo, como jornalista, de Paris para Nova Iorque, duas colunas de reportagem sobre os horrores da guerra civil na Espanha. «**Por quem os sinos dobraram**» é um dos meus oito livros principais, aquél de que mais gosto. Se os editores quiserem reeditá-lo, terão de aceitar o novo texto que vou lhe dar.

4) Bati por K. O. técnico **Tourgueniev e Maupassant**. Agora, com meu próximo romance, espero mandar à lona o grande **Stendhal**. Não foi átoa que me especializei em tauromaquia. Sirvo-me do coração e dos sentimentos humanos como o toureiro se serve da capa vermelha: para excitar o touro. Passei a metade de minha vida assistindo a corridas de touros e cheguei à conclusão de que triunfar numa corrida é como triunfar num livro. O toureiro fabrica seu touro, passe por passe, como o romancista constrói seu livro, parágrafo por parágrafo.

5) Acabo de ser pungueado em 150 dólares, enquanto me deliciava com uma corrida em Múrcia (Espanha). Peço ao ladrão que guarde o dinheiro e me devolva a carteira: foi presente de meu filho, Patrick, caçador de feras na Tanganyka africana.

«LEVANTA-TE E CAMINHA!»

Ao diretor dos correios e telégrafos que, em Paris, é também o diretor dos serviços telefônicos, madame foi queixar-se nos seguintes termos:

— Acabo ficando louca, doutor. Eu e meu marido vamos enlouquecer. Ele se chama **Lázaro**. Tóda noite nós nos telefonamos. Eu pergunto: «E você, **Lázaro**?» e, quando, lá do outro lado do fio, ele responde: «Sim...» uma terceira voz incógnita se intromete na linha e brada, bíblica e soturnamente: «**Pois então, levanta-te e caminha!**»

MENINA BURRA

ELsie LESSA

ELA NÃO queria ser burra. Nem se achava tal. E como é que a gente sabe, na infância, se é inteligente ou não? O resto da vida é pouco para os tormentos da autocritica. E uma criança meio tímida, que não corresponde aos próprios cânones de beleza, que ainda há pouco tempo era chamada, sem cerimônia, de "banguela", que não aprovava o próprio guarda-roupa, que achava uma tristeza aquela penteado puxado acima das orelhas — grandes — dos cabelos escuros e escorridos, e que, além do mais, não é grande coisa como aluna, na classe, pode lá ser alegre ou segura de si?

Até que não desgostava da escola, do livro de leitura, daquela independência de sair ao meio-dia, com mala embaixo do braço, nela uma fartura de lápis e papéis, cadernos vários que ia enchendo com letra incerta e feia. Não era ruim ir ao colégio, sentar na carteira "Brasil", lustrando de verniz, olhar a vida para além das grandes janelas abertas da classe, na tarde azul lá de fora. Da professora não gostava, os cabelos vermelhos de palha de milho, sardenta, um "pincenez" antipático. Hoje, poderia dizer que seus fluidos não combinavam. Naquele tempo, só lhe inspirava um vago receio, com aquêles olhos impiedosos, que as lentes aumentavam, estranhamente, a falar de coisas vagas, que ela nunca entendia bem. Especialmente, aritmética. Nunca se deu bem com a tabuada, com a linguagem dos números, misteriosa, incompreensível linguagem. E não há nada mais derrotado, mais infeliz, neste mundo, que uma criança que não comprehende matemática. Ficava a olhar para a cara das outras, capazes de resolver problemas, dar respostas certas. Qual era o maquinismo que funcionava atrás da testa de fuinha da Cortopassi, ou do nariz grande da Maria do Carmo de Azevedo — de colegas a gente sempre sabe o nome inteiro — capaz de fazê-la responder, com tão espantosa rapidez, contas de multiplicar e dividir, problemas que ela, com um dia inteiro na frente, jamais haveria de resolver?

E ia afundando, pequenininha, na carteira. Vinte anos depois descobriria que isso se chamava "complexo de inferioridade". Nesse tempo, não sabia, mas doía igual. E lutava, às cegas, contra élle.

Uma tarde, D. Elisa — até que estava de bom humor! — lançou uma pergunta à classe:

— Quem é que sabe a metade de cinqüenta?

Olhou logo para a Cortopassi, que estava distraída, fazendo a ponta do lápis. Maria do Carmo não viera à escola. O resto era silêncio. Não teve tempo de pensar muito, a mão direita já estava se agitando no ar, alegremente:

— Professora, eu sei, eu sei!

Aluno respondia de pé. Levantou-se, no silêncio claro e expectante da classe:

— Cinqüenta não tem metade: vinte mais trinta.

Era mais pena, ou só desprêzo o que havia no olhar de dona Elisa?

Até ontem, eu não tinha tido a coragem de fazer essa pergunta a mim mesma. Porque a menina burra era eu. Naquela tarde, cheguei em casa, arrasada, e inventei na mesa, para mamãe e meus irmãos, que a mais burra da classe — a Luisinha, vocês sabem? — tinha dado aquela resposta. E a gargalhada reboou na sala de jantar.

Ontem — também foi na mesa! — depois de uma vida inteira rolar sobre aquela humilhação — pude contar, rindo, para meu filho, aquela história, sem precisar mentir mais que a heroína não era eu. O tempo tudo pode.

Mas não sei se teria tido o heroísmo desta lavagem pública de cérebro, se não me consolassem da tamanha e tão distante humilhação:

— Não, burrice não foi. Foi uma opinião. Meio alienada, meio demente, mas opinião.

E' capaz.



Transcrita de
«O GLOBO»

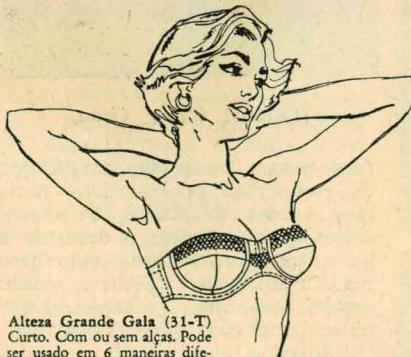


boa viagem,

ALTEZA!

É uma rainha autêntica. Veste-se com apuro... só o melhor a satisfaz. Alteza, por exemplo, é o seu soutien. Seu tecido é finíssimo e seu corte é impecável — tão anatômico como se fôra sob medida... por isto não sobra, nem oprime. E porque sabe vestir-se, porque sabe ser elegante, ela confia no sucesso... e reina!

ALTEZA torna V. muito mais confiante



Alteza Grande Gala (31-T) Curto. Com ou sem alças. Pode ser usado em 6 maneiras diferentes. Em fina tricoline branca, com aplicações de renda "marisco" colorida. Bojos de látex, perfurados... Cr\$ 287,



Alteza Elizabeth (mod. 127-T) Longo. Adelgaça a cintura e corrige o porte. Bojos em fina espuma de látex. Modelo em finíssima tricoline..... Cr\$ 321,

Alteza Grace (mod. 14-T) Maravilhoso modelo em fina tricoline. Bojos inteiramente em espuma de látex... Cr\$ 240,

Alteza (29-T) Para uso diário. Levíssimo. Em fina tricoline branca e salmon..... Cr\$ 113.

Alteza Grande Gala (mod. 1131-T) Longo. Com ou sem alças. Pode ser usado em 6 maneiras diferentes. Em fina tricoline branca, com aplicações de renda "marisco" colorida. Corpo todo presionado. Bojos de látex perfurados..... Cr\$ 765, Porta-ligas..... Cr\$ 60,

Alteza (mod. 14-T) Maravilhoso modelo em fina tricoline. Bojos inteiramente em espuma de látex... Cr\$ 240,

SOUTIENS DE LUXO

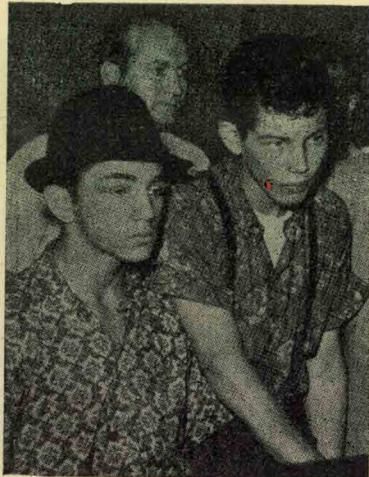
Record 20027

CONFECÇÕES ALTEZA S. A.



- dignos de uma rainha

Rua Nova Jerusalém, 189 - Tel. 30-7508 - Bonsucesso - Rio de Janeiro



PANORAMA
DO MUNDO

História de Traição

NUMA certa noite de dezembro de 1957, um barco de pesca deslizava tranquilamente nas proximidades de Amoy (cidade costeira da China Comunista), quando, de repente, seus tripulantes foram surpreendidos por um estranho que entrara desparecido a bordo, e lhes ordenava agora que rumassem para Quemoy, na ilha Formosa. O desconhecido era o tenente-coronel do exército chinês Chang Chun-sheng que, apontando uma «Mausser» na direção do proprietário do pequeno barco, não precisou de muito para conseguir o seu intento. Daí a pouco estava chegado ao seu destino.

Na China Nacionalista, Chang Chun, antigo soldado vermelho que, inclusive, lutara na Coreia, na qualidade de voluntário, du-

Criminosos no duro, disfarçados na figura de transviados.

Estados Unidos: Delinqüência Por Atacado

A ATMOSFERA em Manhattan mostrava-se brumosa e opressiva e a noite quente amortalhava como um grande coberto de lá as ruas espremidas entre os grandes edifícios de apartamentos. Num parque pouco iluminado, localizado no pacífico mas pululante distrito de Clinton, sete rapazes e duas jovens achavam-se

rante os anos de 1951 a 1952, teve uma acolhida de herói. Também não era para menos, pois vinha aureolado com o emblema do refugiado, do convertido ao regime de Chiang Kai Shek. E para maior alegria de todos, Chang Chun vinha se revelar como a mais alta patente vermelha a se transferir para o lado nacionalista. Como refugiado ficou sendo considerado até que... as coisas mudaram de aspecto.

Por sua fuga aventureira, os nacionalistas concederam a Chang um prêmio especial de dois mil dólares, além de conceder-lhe, em seu próprio exército, uma promoção ao posto de coronel. E como coronel, foi aproveitado no cargo de auxiliar de um comando de artilharia anti-aérea. Isso, afinal de contas, não era nada de mais, pois o pobre Chang havia deixado para trás, no continente, seus pais, esposa, e o filho, de cinco anos, coisa desagradável, sem dúvida. As suspeitas que porventura os nacionalistas pudesse alimentar acerca da sinceridade de Chang foram facilmente apagadas pelo vulto que tomou a propaganda feita em torno do sensacional caso «de defecção».

E, assim, durante mais de dois anos, nada de novo aconteceu a Chang em sua nova vida. Mas, isso não impediu que, passado

ainda sentados num banco de concreto. Era mais de meia-noite.

Das sombras, surgiu meia dúzia de outros rapazes. «Onde está Franchy?», perguntou um deles. Ninguém sabia, embora alguns estivessem cientes de que o corrompido Franchy Cordero, havia recentemente sido expulso da redondeza, depois que tentara vender maconha a uma mulher de Clinton. Depois disso os intrusos se retiraram. E amedrontados, os rapazinhos do banco de concreto resolveram ir embora para casa. Mas, quando começavam a sair, os estranhos apareceram outra vez.

Estes somavam aproximadamente uns treze, todos porto-riquenhos e liderados por certo rapaz trajado de maneira característica — com capa e sapatos de fivelas. Na qualidade de chefe, este conduzia uma faca. Outro segurava um guarda-chuva. Sem qualquer motivo, esboçou-se uma pequena agitação, e um dos valentões desmontou um dos rapazes de Clinton com uma garrafa. Outro gritava: «Nenhum gringo deixará o parque!». Desesperados, os rapazes de Clinton correram para



Coronel Chang Chun.

esse prazo, as coisas mudassem de rumo. Há poucos dias, notícias vindas de Taipé, Formosa, disseram que o antigo deserto e herói havia finalmente sido desmascarado pelo Governo, como espião comunista empenhado em passar segredos para o continente. Julgado sumariamente, o coronel recebeu, um dia desses, ordem para ajoelhar-se e inclinar a cabeça. Feito isso, recebeu uma bala mortal na base do crâneo, de acordo com a punição clássica reservada aos traidores, na China Nacionalista.

E, era uma vez o coronel Chang Chun-sheng...

tentar uma escapada, mas o bando de desconhecidos conseguiu deter a maioria dêles. Anthony Krzesinski, de 16 anos, caiu, ferido no peito e no abdômen. Bobby Young, também de 16, apunhalado nas costas, caiu no passeio. Cinco outros jovens cambaleavam, gravemente feridos.

Um dos companheiros de Clinton arrastou Bobby Young, através da rua, para um local iluminado, onde Bobby acabou morrendo. Krzesinski cambaleou durante certo tempo, arrastou-se para um edifício próximo, bateu à porta, gritou para uma moça que respondeu-lhe o chamado, segurou seu pulso com força, e morreu.

No dia seguinte, a cidade, há muito acostumada com as desordens noturnas dos «Sinners», os «Assassinos», e outros bando de adolescentes transviados e criminosos que infestam Nova Iorque, amanheceu revoltada com a carnificina. Sabe-se que, de uns tempos para cá, inúmeras turmas de pequenos delinquentes da pior espécie, distribuídos pelos diversos setores do centro novaiorquino, têm-se empenhado em lutas cons-

tantes que sempre resultam em assassinatos, agressões e esfaqueamentos. Cada bando possui o seu nome de guerra, constituindo verdadeiro cancro dentro da grande cidade. Assim temos, além dos «Sinners» e dos «Assassinos», os «Young Lords», os «Vampires», e os «Viceroy».

Logo depois da lamentável ocorrência, a polícia desdobrou-se para seguir a pista deixada pelo «Homem da Capa», «Homem do Guarda-Chuva» e seus companheiros. No Bronx, os policiais encontraram os dois líderes procurando alimento num depósito de lixo. «O Homem da Capa», esfaqueador, não passava de um rapazinho que mal completara os 16 anos, chamado Salvador Agron (foto). Sua mãe, divorciada e casada novamente com um ministro protestante, havia enviado o rapaz para morar em Harlem, com uma irmã casada cujo marido a abandonara. Aliás, Agron já estivera às voltas com a polícia, tempos antes. O «Homem do Guarda-Chuva» não passava dos 17 anos e chamava-se Antonio Hernández, cuja madrasta e pai moravam num local imundo em

Harlem.

Em vista da grande proliferação desses autênticos «sindicatos-mirins do crime», em cujo seio são encontrados adolescentes dominados por toda a espécie de corrupção, viciados em narcóticos, dipsomaníacos, e anormais de toda a ordem, o prefeito de Nova Iorque e o Governador do Estado de mesmo nome trataram de reforçar o contingente policial da metrópole, e admitiram novos elementos para ajudar na coibição dessas falhas. Uma horripilante seqüência de crimes, motivados pelas inclinações mais torpes, e que vinham se verificando com espantosa freqüência nos últimos meses, determinaram uma provisão mais energica por parte das autoridades americanas.

Na missa de Requiem celebrada por uma das vítimas do fato referido, o Monsenhor Joseph A. Mc Caffrey denunciou aquêles que «parecem obcecados com a teoria de que não há coisa mais bonita do que um mau rapaz». E continua: «Essa mentalidade, essa bondade, essa suavidade, têm resultado sempre em bandos de malfeiteiros».

Cada Povo Com Seu Uso

A CONCECE, todos os anos, no dia oito de fevereiro, em Zamarramala, Província de Segóvia, na Espanha: seus habitantes elegem, numa festa ruidosa e tradicional, entre as senhoras da sociedade local, aquela que, envergando trajes consagrados por uma tradição de centenas de anos, será o prefeito da cidadezinha durante... dois dias. Os eleitores dêsse prefeito anual jamais se decepcionaram com suas candidatas... E' que, no curto período da gestão, tão diferente daquele que nós conhecemos, a eleita mal tem tempo de receber os que vão cumprimentá-la... Na foto, vemos o último prefeito, no esplendor de seu traje oficial, concedendo a primeira entrevista à emissora local.



Conferindo Antigas Posições

A RÁPIDA viagem que o presidente Eisenhower empreendeu através da Europa serviu para fortalecer — entre aqueles que acreditam nos ideais democráticos — os laços de compreensão necessários a uma vitória cabal do mundo livre. Em Londres, em Paris ou na Alemanha, a presença do chefe de Estado norte-americano serviu para reafirmar a confiança que o Ocidente deposita em si mesmo.

Na Capital da Inglaterra, dezenas de milhares de pessoas aglomeraram-se nas ruas para assistir a sua passagem, algumas gritando: «Queremos Ike» «We like Ike» e «Boas-vindas!». Em Paris, gritos de «Ike» seguiram-no por toda a parte onde foi. E os escoceses, a fim de congratularem-se com o visitante, percorreram quilômetros e quilômetros, embora Eisenhower houvesse

esticado até à Escócia apenas para se refazer das canseiras da viagem, num fim de semana agradável, em que até jogou golfe.

Mas um dos pontos mais altos de sua excursão pelo Velho Mundo parece ter-se registrado no banquete oferecido em sua honra, em Downing Street, pelo primeiro ministro britânico Harold Mac Millan. O encontro dos dois estadistas, retransmitido por uma enorme cadeia de televisão cobrindo a Inglaterra e toda a Europa, pôde ser visto por cerca de vinte milhões de pessoas. Mac Millan, chamando seu velho amigo de «Mr. President», congratulou-se com ele por motivo de seu plano de trocas de visitas com Krushchev — «uma salutar contribuição para a paz», no seu modo de ver. O presidente, dirigindo-se ao primeiro ministro como «Prime Minister» ou



Soberanos do Cambodja: escaparam por um triz.

UMA noite de setembro de 1959 — Em seu palácio de Phnompen, Capital do Cambodja, o rei Norodom Suramarit e a rainha Kossamak acabavam de se aprontar, no apartamento particular localizado atrás da sala do trono. O chefe do protocolo da residência real, príncipe Norodom Vakrivan, minutos antes anunciara que havia chegado certa encomenda, endereçada ao rei e procedente de Hong-Kong.

No cartão que acompanhava o embrulho lia-se que o mesmo continha um «presente para o rei e a rainha», oferecido por uma companhia norte-americana de engenharia, que, tempos atrás, havia ajudado na construção da Rodovia da Amizade Cambodjiana-Americanana, que vai de Phnompen ao pôrto de mar Sinouville.

Comegando a abrir o pacote, o príncipe Norodom encontrou primeiramente uma caixa lacrada.

Dentro da primeira, encontrava-se outra caixa, fortemente circulada por uma fita adesiva. O Acaso entra em cena: O rei Norodom Suramarit, já de cabeça branca, com os seus sessenta e três anos de idade, e a rainha, sua esposa, elegante, apesar dos cinquenta e cinco, não mostravam muita paciência. E decidiram que não poderiam esperar o final da abertura da embalagem, pois deveriam, logo a seguir, receber a delegação do Cambodja, com assento na Assembleia da ONU. Ato contínuo, deixaram o cômodo.

Mal haviam atingido o salão de recepção onde se encontrava um punhado de diplomatas, quando todo o palácio estremeceu com o impacto de uma poderosa bomba. O presente mortífero acabava de explodir na sala de onde provinham. O príncipe Vakrivan desapareceu nos ares; um criado da corte ficara morto e quatro ou-

tro apresentavam-se seriamente feridos.

Passados alguns momentos, enquanto o rei e a rainha se empenhavam para que seus súditos permanecessem calmos, a polícia de segurança cambodjiana dava início às investigações. Logo anunciou-se que o cartão da tal firma construtora dos Estados Unidos era falso, e que a ocorrência não passava de um «grosseiro atentado», destinado a despertar sentimentos anti-americanos. Quem era então responsável pelo atentado?

Observadores ocidentais, empenhados em esclarecer os fatos, afirmaram notadamente que as relações do Cambodja com os seus vizinhos de Oeste, Sul Viet Nam e Tailândia, tinham melhorado, depois de vários anos de tensão. Restava, pois, uma conclusão: sómente os comunistas desejariam usufruir de um caos no Cambodja.

«Harold», declarou que «as relações anglo-americanas nunca haviam estado mais fortes e melhores do que agora».

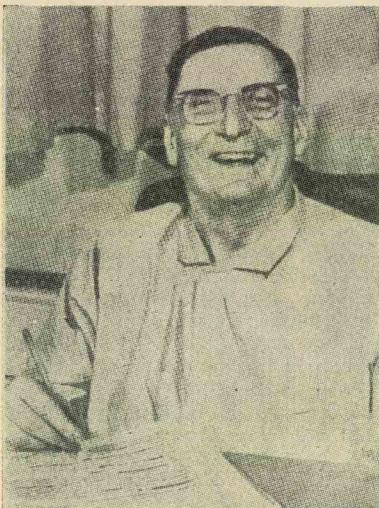
Na noite subsequente, numa ocasião que excedeu mesmo o brilho do «show» anterior proporcionado por Mac Millan, o presidente Eisenhower reuniu vinte e oito de seus antigos companheiros da II Guerra Mundial, além de outros amigos, para um banquete na embaixada dos Estados Unidos em Londres. Presentes estavam, Sir Winston Churchill, ainda esfregando-se por ser expansivo (fôra por avião, da Riviera). Os marechais Montgomery e Alambrooke, ambos críticos impiedosos da política de Ike, mas com quem o presidente não tratou menos afetuadamente. E, no jantar, entre velhas reminiscências, velhas discórdias desapareceram.

Na manhã seguinte ao jantar dos velhos amigos, o presidente seguiu em seu Boeing 707 para a fulgurante cidade que os aliados libertaram em memorável campanha: Paris. Ali, esperando no aeroporto de Le Bourget, encontrava-se o empertigado general Charles De Gaulle, o homem da Libertação e da Recuperação da França, e agora um aliado orgulhoso e difícil, muitas vezes considerado como o problema número um da OTAN. Quando o presidente acabava de descer a rampa, De Gaulle adiantou-se e disse em inglês: «Hello, how are you?». Momentos depois, iria dizer De Gaulle, numa saudação formal: «Sois um homem, um homem de inteligência, um homem de coração, um homem de honra». O presidente classificou De Gaulle de: «Meu velho amigo e colega... símbolo da coragem da França,

do arrôjo e da dedicação». Em seguida, os dois estadistas, num Citroën aberto, ladeado pela guarda republicana, percorreram as ruas da Cidade Luz, lotadas com milhares de pessoas.

Na Alemanha Ocidental, um empregado de um posto de gasolina disse: «Eisenhower é um bom sujeito», e acrescentou, numa associação de idéias: «Os americanos são honestos quando dizem que desejam a paz e a justiça no mundo». Em Bonn, o presidente americano teve ocasião de dizer que o chanceler Adenauer simbolizava «a liberdade».

Por fim, profundamente satisfeito com o sucesso de sua missão, e revigorido com a vilegiatura na Escócia, o presidente Eisenhower dirigiu-se de volta a Washington, para aguardar a chegada de Khruchtchev.



Futuro governador do Mississipi : racista número um.

Vitória do Racismo

NUMA convenção do Partido Democrata recentemente levada a efeito no Mississipi, Estados Unidos, logrou ser indicado

como candidato à governança do Estado (o que significa que estará praticamente eleito em novembro próximo) um dos racistas mais extremados daquele País. Trata-se do senhor Ross Robert Barnett, atualmente com sessenta e um anos de idade, e que antes tentara por duas vezes consecutivas ser eleito para o mesmo cargo, não tendo conseguido. Desta vez, porém, a coisa mudou de aspecto, sabendo-se que a sua posição foi garantida por uma campanha baseada em opiniões tais como: «O negro é diferente, porque Deus o fez diferente para puni-lo. Sua testa se inclina para trás. Seu nariz é diferente. Seus lábios são diferentes e sua cõr é, seguramente, diferente».

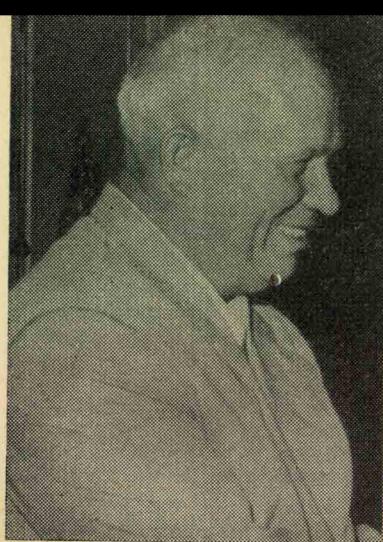
Ross Robert, filho nº 10 de um antigo confederado, é protestante e exerce a advocacia em Jackson. Em sua campanha ele fala e age como um fazendeiro do sertão, numa modalidade de política que entusiasma os apaixonados. A calúnia e a demagogia não ficam excluídas de seus métodos.

Segundo notícias vindas do Mississipi, um dos primeiros atos do futuro governador será a convocação de uma conferência com o seu ídolo particular, o governador do Arkansas, Orval Faubus, e outros segregacionistas semelhantes. «E' meu desejo», afirma ele, «levar avante o trabalho de organizar numa única frente os governadores do sul, a fim de criar-se e cristalizar-se a opinião pública de todo o País relativamente as nossas tradições e a maneira sulina de viver».

Os Mais (Menos) Bem Vestidos

ELABORANDO uma lista dos homens mais «mal vestidos» do mundo, a revista londrina «Man About Town» fez figurar nos primeiros lugares duas personagens famosas por suas excentricidades: Elvis Presley e o pianista Liberace. Coincidência: ambos gostam de usar roupas «furta-côr». Mas, segundo alguns órgãos da imprensa britânica, causa de grande surpresa foi o fato de na tal lista não haver comparecido o nome do desleixado primeiro ministro Harold Mac Millan.

Em compensação, porém, e como era de esperar, na relação do jornalista não faltou o nome do Duque de Windsor, que costuma fazer horríveis combinações de roupa escocesas com severos jaquetões de casimira. Desculpando-se por tê-lo incluído na lista, afirmou o jornalista: «Receio que ele esteja se tornando mais velho, pois a moda é, de fato, uma coisa para as pessoas jovens».



Lunik II: Maior Desafio Científico de Todos os Tempos

Khruchtchev sorri para a posteridade: foi o primeiro patrocinador da grande publicidade lunar...

NO dia 12 de setembro último, quando a agência russa «Tass» anunciou que a União Soviética havia lançado ao espaço mais um foguete cósmico endereçado à Lua, os habitantes do mundo inteiro conservaram-se calmos e ocupados nas suas obrigações normais. Como calmos terão sido os dias que precederam a descoberta da América por parte de Colombo, ou os momentos que antecederam a invenção da bomba atómica, ou a descoberta da penicilina, por exemplo. Mas, embora na aparência se mostrasse um tanto indiferente, todo o mundo achava-se, na verdade, numa silenciosa expectativa. O ser humano, sempre padecente de uma incurável insatisfação, costuma mostrar, diante de grandes acontecimentos que irão revolucionar por completo o seu futuro, uma paradoxal atitude, que toca as raias da apatia, do torpor, ou coisa semelhante. Lançado na Rússia, no dia 12, dia a dois dias, precisamente às 18 horas, 2 minutos e 24 segundos do dia 14 de setembro (hora do Rio, correspondente aos 2 minutos e 24 segundos da madrugada de 14, hora de Moscou), o Lunik II despedaçava-se de encontro à Lua, numa proeza para a qual difícil se torna encontrar um equivalente.

No calendário histórico, achávamo-nos precisamente no ano 1959 da Era Cristã, e no calendário da Guerra Fria, desenvolvida há mais de dez anos entre as duas maiores potências mundiais, vivíamos a véspera de uma histórica viagem a ser realizada pelo «premier» Khruchtchev aos Estados Unidos. O fato que, sem dúvida alguma, viria figurar como talvez o de maior importância no século XX, representava, ao mesmo tempo, o mais espetacular golpe publicitário jamais desfe-

rido por qualquer «expert» em assuntos internacionais. E valeu para a URSS o mesmo que cinqüenta anos de intensas atividades diplomáticas.

Sómente na Rússia, ou mais precisamente, em Moscou, é que o acontecimento resultou em verdadeira festa popular. Antes de ser anunciada a notícia definitiva de que o foguete atingira o satélite da Terra, certo locutor de uma emissora moscovita bradava: «O mundo está esperando! Ouça Moscou! Ouça, a Praça Vermelha!»

Na véspera do grande dia, despachos da agência «Tass» diziam que o foguete se encaminhava para a Lua, mas, ao mesmo tempo, a rádio de Moscou citava as declarações de um técnico em rádio-eletrônica dizendo que, talvez, o projétil passasse tão-somente perto da Lua, em sua viagem sideral.

Momentos depois, entretanto, Alexandre Topchiyev, vice-presidente da Academia de Ciências da União Soviética, declarava a um correspondente que, de acordo com informações recebidas, o foguete mantinha um rumo satisfatório na trajetória final de sua viagem lunar. Enquanto isso, despachos da agência «Tass» diziam que o «êxito do lançamento do segundo foguete cósmico soviético era uma nova e importante etapa na investigação e conquista do espaço pelo homem. O fato amplia as possibilidades de cooperação internacional, na esfera do domínio e conquista do espaço, o que promoverá uma nova redução da tensão internacional e um fortalecimento da causa da Paz».

Por outro lado, o secretário da Defesa dos Estados Unidos, Sr. Neil Mc Elroy adiantava aos jornalistas: «Temos de tirar o cha-

péu ante os russos, numa homenagem ao êxito que eles alcançaram». Enquanto o Dr. Herbert F. York, diretor da Divisão de Pesquisas e Engenharia do Departamento da Defesa declarava que «os russos não revelaram nada de significação militar que os Estados Unidos já não soubessem».

Ao mesmo tempo, enquanto se sucediam os mais diversos pronunciamentos a respeito da matéria, todos, porém, festejando o grande feito dos soviéticos, um comentarista londrino asseverava que «o primeiro ministro soviético fez, hoje, uma inequívoca advertência aos Estados Unidos de que a sua nova campanha de «coexistência» não será um obstáculo para a URSS, em sua determinação de ganhar, a todo custo, a batalha pela conquista do espaço». E, mais adiante, continuava o mesmo comentarista: «A oportunidade do lançamento do foguete é demasiado óbvia para que a consideremos como uma simples coincidência. O foguete deverá chegar à Lua quase ao mesmo tempo em que Khruchtchev iniciará sua viagem aos Estados Unidos. O governo russo, cuja tendência é empregar os meios mais práticos para alcançar os seus propósitos, segundo demonstra a política soviética nos últimos anos, demonstrou uma tendência igualmente decidida para o espetacular, à guisa de aureola de prestígio, cuidadosamente preparada».

De uma maneira ou de outra, porém, a verdade é que a façanha dos russos representou o maior desafio científico e mesmo político de toda a história da humanidade. E agora, para poder compensá-lo, os americanos não tardarão muito em enviar o primeiro homem à Lua, a bordo de um teleguiado. Esperemos.



15 bilhões em depósito

Banco da Lavoura

DE MINAS GERAIS, S. A.

A MAIOR ORGANIZAÇÃO BANCÁRIA PARTICULAR DA AMÉRICA LATINA

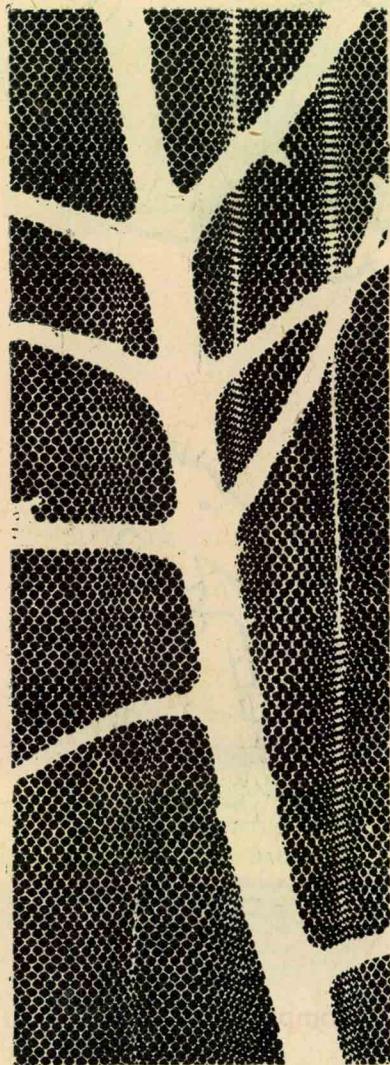
Há

anos
nascia
a
Panair
do Brasil

Pioneira da maior parte de linhas do Brasil, cresceu apoiada num trabalho, representado hoje por enorme acervo de experiências e confiança.

Seu desejo de servir ultrapassou as fronteiras domésticas para atingir outros Continentes onde, com dignidade leva a Bandeira do Brasil.





fulga

LEONOR TELLES

«Árvore, tuas fôlhas
tremulosas me acariciam
o coração como se fôssem
dedos de criança...»

SEI que nunca verei poema mais belo e ardente, do que uma árvore; uma árvore que encerra uma bôca faminta, aberta eternamente ao háito sutil e flutuante da terra. Voltada para Deus todo dia, ela esquece os braços a pender-se de fôlhas, numa prece. Uma árvore que, ao vir do estio môrno, esconde um ninho de sabiás nos cabelos da fronde. A neve pôe sôbre ela o seu níveo diadema e a chuva vive na mais doce intimidade do tronco, a se embalar nos galhos seus: qualquer mortal como eu sabe fazer um poema, mas, quem pode fazer uma árvore? — Só Deus... (Olegário Mariano)

DE Pablo Equez — A árvore que canta: alça-te forte e alto, como se alça o pensamento em baixo da cúpula imensa; porque, ela e tu, são irmãos no azul do firmamento: e um pensa que é árvore, o outro é árvore que pensa.

QUANDO encontro uma árvore podada estremeço de horror e compaixão, pois nela vejo inteira retratada a própria imagem de meu coração. Aos golpes do Destino, sua ramada de Sonhos e Quimeras foi ao chão, ficando o tronco só, em angustiada, em dolorosa inação. Nem a carícia fresca e boa do orvalho alivia o queimor das cicatrizes, ou suaviza o ardor de cada talho. E a fronde triste, desgalhada e nua, prossegue ereta, firme nas raízes, enquanto a Vida em torno continua... (Gracielle Salmon)

DE Marques da Cruz — Carvalhos, eucaliptos, castanheiros, sobreiros de polaina rude e grossa, ramalhando, (retos como a virtude, tortos como o mal, de quando em quando...)

— A vossa vida é igual a nossa! A Humanidade ora direita, ora tombando, é como a árvore e o bêbedo banal, curveteando à rajada brusca, ziguezagueando, mas sempre em busca da Vertical!

COMO uma chuva de ouro no ar parada, na fronte dos ipês, no fervedouro desse amarelo e mágico tesouro, vejo a Pátria pairar, simbolizada: é aqui tão fácil encontrarmos ouro, que o acharemos nas árvores da estrada, e a quem quiser essa riqueza é dada, e o que é nosso é de todos logradouro. Na copa de um ipê, alta e florida, fulge, provinda do sertão profundo, a generosidade, sem medida, que espalha o ouro do pão, forte e fecundo, aos quatro ventos trágicos da vida, nos quatro cantos infernais do mundo. (Martins Fontes)

TAGORE — Como se fôssem as pirações da terra, as árvores põem-se na ponta dos pés para atingir o céu...

DE Menotti Del Picchia — A árvore! Em todo o homem, vindoo do crepúsculo da espécie, há a mística da árvore. Ela é a acha do fogo que defende e aquece; é a arma de defesa; é a coluna e o pé direito da casa; é a cerca e o môvel; é o berço e o caixão. Todo ciclo da vida está jungido à árvore...

HORAS mortas... curvada aos pés do Monte a planície é um brasido... e, torturadas, as árvores sangrentas, revoltadas, gritam a Deus a bênção duma fonte! E quando, manhã alta, o sol pospone a oito e giesta, a arder, pelas estradas, esfingicas, recortam desgrenhadas os trágicos perfis no horizonte! Árvores! Corações, almas que choram, almas iguais à minha, almas que imploram em vão remédio para tanta mágoa! Árvores! Não choreis! Olhai e vede: — Também ando a gritar, morta de sede, pedindo a Deus a minha gôta de água! (Florbel Espanca)

DE Juan Ramón Jiménez — Quando, no vôo dos meus pensamentos, as imagens arbitrárias se colocam onde querem, ou nesses instantes em que há coisas que se vêem como em um outro plano e à margem da realidade, o pinheiro da montanha, transmudado não sei em que visão de eternidade, surge a meus olhos, mais rumoroso e maior ainda, convidando-me, na dúvida, a descansar em sua paz, como o ponto final, verdadeiro e eterno da minha viagem pela vida...

AZUL do céu, do mar; asas ligeiras das gaivotas ao longe! Alvas jangadas, nas praias, entre os leques das palmeiras, em festivas manhãs ensolaradas.

Dirito é contemplar cores fagueiras, festivas, deslumbrantes, irisadas, enfeitando paisagens brasileiras, orlando as longas curvas das estradas.

Nas curvas das estradas, que são belas, velhos ipês ostentam, nos seus ramos, os penachos das flores amarelas.

Na luz dessas manhãs azuis, safiras, tudo louva o Brasil que tanto amamos, numa canção de glória, em nossas liras... (Paulo Freitas)

DE Irvin Sherwood — Repousem as minhas cinzas junto das raízes de uma árvore, na estação adequada para o plantio. Vivendo a árvore e florescendo, será para mim um grande monumento.

GOSTO das árvores porque elas parecem resignadas ao modo de vida que têm de levar, mais do que as outras coisas. (Willa Cather).

Quitandinha



Espírito Prático...



A TRIPULAÇÃO perfilou-se para receber o novo comandante que, depois dos cumprimentos de praxe, dirigiu-se a ela nesses termos :

— Marinheiros, assumindo o comando desse navio, quero deixar bem claro que ele é tão meu quanto de vocês : é o *nosso navio* !

Foi aí que um dos marinheiros propôs com seriedade :

— Então vamos passá-lo nos corvos ?



Cabecinhas de Vento

LECIONANDO para uma classe de senhoritas preocupadas com tudo, menos com a aula, o professor de Física explica o princípio de Arquimedes e depois dirige-se a uma aluna :

— Então, senhorita, diga-me o que acontece quando um cordo imerge na água.

— Imediatamente — responde a aluna — o telefone toca...

— Então, lá você ficará mais sossegado e poderá pensar melhor nelas...

* * *

COM ares de quem está disposta a resolver a questão, a esposa entrou no laboratório onde o marido passava horas inteiras entretido com as suas pesquisas, e disse-lhe :

— Pela última vez, Serafim : ou eu ou os teus micróbios !

As Doçuras do Lar

QUERIDO, vamos passar oito dias na praia ?

— Impossível, pois preciso pensar nas minhas obrigações.

Composição Relâmpago

A PROFESSORA pediu aos seus alunos de segundo ano que escrevessem uma frase iniciada com a palavra "mais". Enquanto os outros se preocupavam em resolver a questão, um garotinho correu a levar o exercício. Na sua fôlha lia-se : "Mais é uma palavra que tem quatro letras".

QUERIDO, disse a esposa, com ar pensativo, você sabe que em mim existem duas mulheres ?

— Como não, suspira o marido, pois sou eu quem visto as duas.

* * *

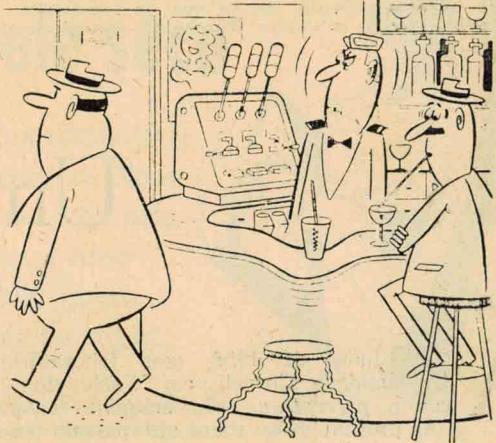
A GAROTINHA estudando gramática :

— Quando é você que canta — explica a mãe — você diz "eu canto". Mas se é o seu pai, o que é que você diz ?

— Pare !

Respondendo à pergunta «Por que a população de Belo Horizonte cresceu tão rapidamente?» — um aluno do curso primário respondeu: «A população de Belo Horizonte cresceu tão depressa por causa da grande quantidade de cegonhas».

Sorrisos
da Vida



O NOVO médico visitava os enfermos numa clínica de alienados, quando um dos doentes aproximou-se dele e disse:

— Doutor, o senhor é bem mais simpático do que o seu antecessor.

— Oh, que gentileza! — disse o médico. — Mas por quê?

— Porque o senhor tem uns ares de ser dos nossos.

* * *

QUANDO Orson Welles chegou aos Estados Unidos com Paola Mori, sua bela esposa italiana, um jornalista perguntou-lhe:

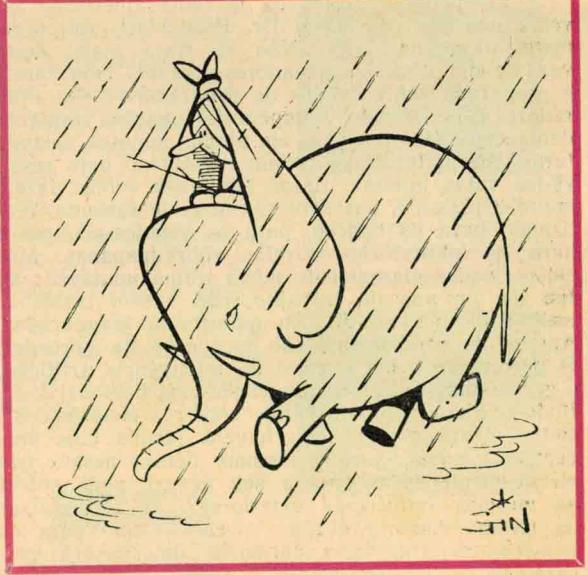
— Mas afinal, o que é que a sua esposa europeia tem que uma americana não tem?

— Eu — respondeu lacônica o ator.

* * *

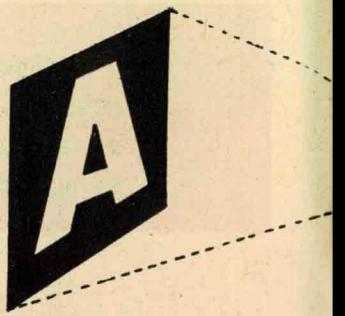
O PESSOAL que a cercava ficou deveras indeciso quanto ao caminho a tomar, quando aquela moça, desesperada por ter brigado com o noivo, pôs-se a gritar, prisa de uma crise histerica:

— Quero morrer, chamem o médico, quero morrer, chamem o médico.



«SEU NAMORADO JA' SABE A SUA IDADE?» — PERGUNTAVA A AMIGA À AMIGA. E A AMIGA RESPONDIA: «E' CLARO QUE SABE, EM PARTE».

O perceptron, bem como o cérebro humano, baseia-se num princípio fundamental da fisiologia: o influxo nervoso passa mais facilmente ao longo dum circuito de que já se serviu. Seus circuitos de memória, como os nossos, "reconhecem" as coisas. Mas nem nosso cérebro, nem o perceptron seriam capazes de reconhecer os objetos do mundo real se se contentassesem em registrá-los em blocos, como o faz a película fotográfica, pela boa razão de que o mesmo objeto não tem duas vezes completamente a mesma aparência. Só há semelhanças parciais, jamais identidade absoluta. Se, contudo, somos capazes de reencontrar um sorriso, mesmo quando nosso amigo raspou o bigode, se identificamos uma letra do alfabeto malgrado uma rebarba, se reconhecemos uma ária musical assobiada na rua, esquecendo automaticamente as falsas notas e se sabemos descobrir um quadrado, mesmo quando girou 45° e aparece como um losango, é porque decomponemos as imagens. Nossa ótica trabalha a partir de 140 milhões de unidades de imagens distintas. São estes transmitidos por 1 milhão sómente de filetes nervosos. São assim esses sinais elementares obrigados a passar várias vezes pelos mesmos circuitos, deixando à nossa memória o tempo de reconhecê-los um a um. Diz-se que ela varre o campo visual. E quando um número bastante grande dessas unidades elementares se encontra na mesma ordem do curso duma visão procedente, decide que há identidade. E' este mesmo princípio da varredura que o professor Rosenblatt conseguiu reconstruir artificialmente.



Uma Máquina Que

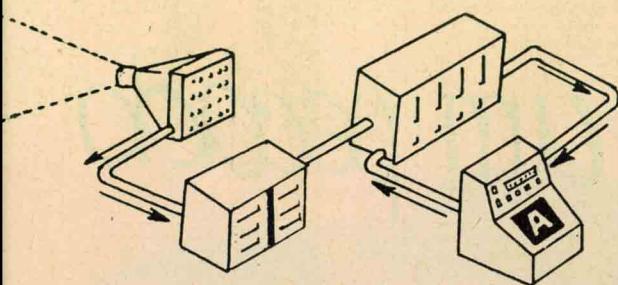
A 7 de julho de 1958, num laboratório da Universidade Cornell, em Washington, nasceu o perceptron, uma máquina fenômeno. As proezas desse robot ultrapassam todos os recordes dos "cérebros eletrônicos". Trabalha sem ajuda humana; reconhece sua direita e sua esquerda, lê as letras do alfabeto e instrui-se sózinho como um homem, olhando em torno de si.

Um curto telegrama da marinha americana revelou que seu pai era o Dr. Rosenblatt, psicólogo, matemático, eletricista. Não se trata mais, desta vez, de um desses calculadores-gigantes cuja tarefa é preparada sobre tábua de programas e que operadores especializados entopem de equações transcendentes que elas resolvem em alguns minutos, quando turmas de matemáticos teriam trabalhado para resolvê-las vidas inteiras. Essas máquinas sábias fazem muito depressa o que sabemos fazer lentamente, realizando para os bancos, para os estados-maiores e para os laboratórios, tarefas sobre-humanas. Mas estão fixadas eternamente numa rotina imutável: ao fim de um ano de trabalho, não sabem trabalhar melhor do que no dia em que foram inauguradas. Apesar de prodigiosas, são incapazes de aprender. O perceptron é um começo da inteligência artificial, o germe duma máquina que possui uma personalidade. Podem-se construir em série "cérebros eletrônicos", todos idênticos. Mas não haverá jamais dois perceptons iguais, porque nenhum deles, mesmo que eletricamente semelhante a seu gêmeo, pode sofrer as mesmas influências exteriores, ver e registrar da mesma maneira o que "viveu". Como para os homens, sómente a experiência determinará seu caráter.

Uma recordação de viagem permanece para mim ligada a seu princípio. Acabávamos de deixar Nova York para Orly, pelo avião da Air France. Perdo de mim, uma norte-americanazinha, de cinco a seis anos, que fazia sem dúvida sua primeira viagem aérea, via os arranha-céus oscilarem sob as asas, enquanto o aparelho realizava uma larga viagem. A medida que avançávamos para o leste, os gigantismos da cidade, as orgulhosas altitudes dos arquitetos se reduziam a miniaturas para se esfumar bem depressa no cinzento do horizonte. Perplexa, a criança perguntou à sua mãe: "Me diga,

mamãe, quando é que a gente vai também começar a ficar pequena?" A mamãe sorriu, explicando com o orgulho e a sabedoria de uma pessoa grande a irreversibilidade da vida, sem duvidar talvez de que naquele instante mesmo sua filha acabava de descobrir por instinto a noção de perspectiva.

Por estranho que pareça, essa noção de perspectiva não é inata. A humanidade levou milênios a adquiri-la. Os primitivos da época das cavernas e os povos antigos, mesmo altamente civilizados, como os egípcios, davam a todos os personagens de seus afrescos a mesma dimensão, quaisquer que fossem sua distância e seu afastamento uns dos outros. Foi preciso esperar até o ano de 1525 para que o grande pintor alemão Albrecht Dürer descobrisse e ensinasse a perspectiva. Sómente três séculos mais tarde é que o francês Monge a pôs em equações. Qual é, pois, essa dificuldade que os animais, mesmo superiores, jamais conseguem suplantar? Quando um objeto se afasta ou muda de posição, em uma palavra, quando ele muda de aparência, é preciso que nosso cérebro realize uma operação muito complexa para que possamos sempre identificá-la. A menina do avião de Nova York, que estava habituada desde a infância a ver as montanhas de arranha-céus de seu quarteirão, levantando a cabeça de baixo para cima, teve de fazer grande esforço intelectual para pensar de novo num arranha-céu quando eram elas reduzidas a riscos de alguns centímetros no horizonte. E' essa operação mental, cujos segredos só muito recentemente foram descobertos, que o perceptron consegue imitar. Colocaram-se diante do olho elétrico do perceptron, 50 quadrados brancos dispostos ao acaso num quadro negro, ordenando-se-lhe que designasse os que estavam à direita e os que estavam à esquerda de seu eixo de visão. A princípio, o perceptron tartamudeou: apenas 3% das respostas eram certas. Como um adulto educando uma criança, um engenheiro deu-lhe a lição, corrigindo-o após cada erro. Hoje, depois de três meses de escola, o perceptron reconhece a posição dos quadrados com 97% de êxito e nunca mais se enganará. Tendo-se tornado robot adulto, pode dispensar seu preceptor e toda ajuda humana. E' essa uma proeza que nenhuma máquina construída por mão de homem jamais realizou.



Tem Idéias

O perceptron atual, o que soube separar os quadrados da direita e da esquerda, é um aparelho experimental, um esboço. Sua memória eletro-química, que é o seu grande segredo, tem sómente mil células. Nossa cérebro conta 120 bilhões; mas já se anuncia a construção de um perceptron de 100 mil células de "inteligência". Numerosos modelos vão ser agora construídos. E sua invasão provocará uma das maiores revoluções científicas e técnicas; porque se trata, pela primeira vez, de uma máquina que pôde, por si mesma, sem que um programa de ação lhe tenha sido traçado, transformar informações em idéias. Dotado desse poder surpreendente, um perceptron saberá ler espontaneamente em voz alta um livro, isto é, aprender todas as letras do alfabeto, as palavras, quaisquer que sejam suas dimensões.

Saberá igualmente reconhecer um avião amigo de um avião inimigo, de acordo com seu perfil, quaisquer que sejam sua distância ou sua posição. Poderá igualmente identificar o rosto de seu patrão e ordenar em seguida a abertura da porta diante da qual este se apresentar. Dentro de cinco anos, os cofres-fortes do Pentágono e os do Kremlin só se abrirão diante do rosto vivo daquele que tiver o direito de abri-los. Nenhuma fotografia poderá enganá-lo, porque a percepção já sabe reconhecer o relêvo.

Mas a noção de perspectiva tem outros sentidos, mais largos ainda. Ter o senso da perspectiva é compreender o que nos dizem. Um operário que trabalha numa fábrica sabe que sua mulher está doente e que deve regressar ela com urgência à sua casa. Quer esta notícia lhe seja cochichada ao ouvido por uma assistente social, ou o anúncio se faça pelo alto-falante da oficina, o resultado é sempre o mesmo: o homem corre para sua casa. *Só foi levado em conta o sentido da mensagem.* Da mesma maneira, o perceptron saberá reconhecer o sinal sob não importa que forma. Os problemas da tradução automática dum língua ficarão resolvidos. Poder-se-á ensinar o inglês a um perceptron francês, como se faria a uma criança cuja língua maternal fosse a nossa. Haverá "velhos perceptrons", poços de ciência, e jovens perceptrons que aprenderão o bê-a-bá.

Várias outras aplicações são possíveis. Um
(Conclui na pag. 80)

Esta é a época

em que se agravam
os problemas da

pele seca

O sol implacável
queima os óleos
naturais da pele,
deixa-a resse-
quida, áspera,
cheia de rugas.

Para conservar sua cútis lisa
e suave, você deve renovar
os óleos naturais da pele
todos os dias. A pele
seca precisa de um creme
lubrificador que não
fique apenas na superfície...
um creme *realmente*
rico, que penetre a fundo.

O Creme S Pond's
para Pele Seca penetra
rápidamente e começa a
produzir resultado imedia-
tamente após a aplicação.
Use-o ao sair de casa, para
proteger a cútis. E aplique
sempre o Creme S Pond's
para a pele delicada exposta
ao sol: o Creme S refresca
e suaviza.



Apague essas linhas de-
nunciadoras. Aplique o
Creme S Pond's em redor
dos olhos e nas pálpebras.



Amacie a pele ressequida
— Aplique o Creme S
sobre os ombros, onde
você sente a pele "repu-
xada". Contém lanolina
umedecida para que pe-
netre e suavize a fundo.

CREME S POND'S

PARA PELE SÉCA

LANOLINA UMEDECIDA — IDEAL PARA O NOSSO CLIMA

Premiado no Concurso «Cia. de Seguros Minas-Brasil»

O preço de um pecado

FERNANDES BARBOSA

Ilust. de Moura

Sim, a moeda de Chico Pedro já estava reservada, ele haveria de pagar pela hediondez inominável de seu crime.

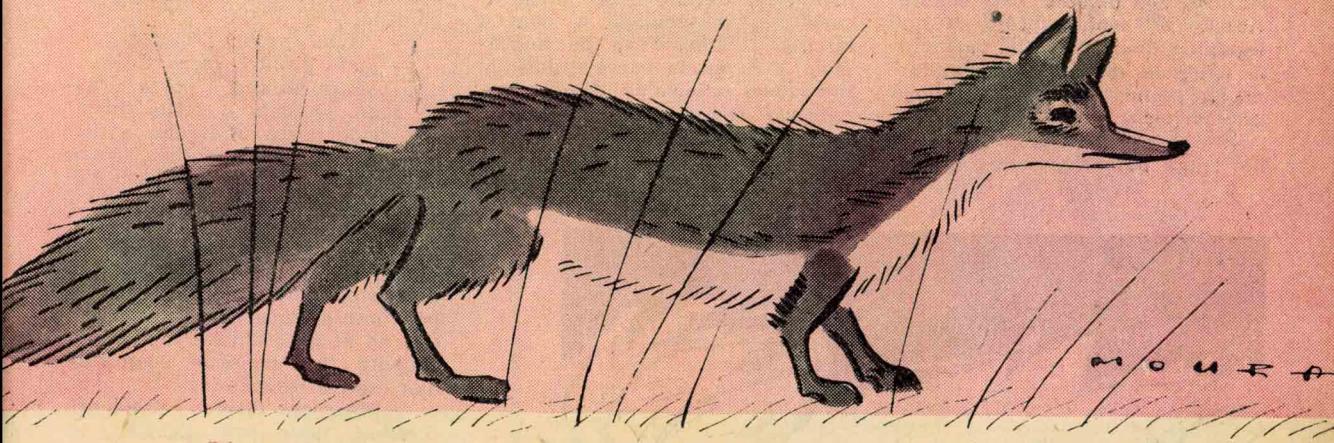


HA tempos que o ladino graxaim, um dia sim e outro não, às vezes mais espaçadamente, vinha visitando o galinheiro de Chico Pedro, dono de um pedaço de campo, sítio na 2ª Zona do Município, e de onde, pelo trabalho constante e honesto, sempre tirara o necessário para a modesta mesa de seu lar. E sempre que o fazia, era uma ave a menos das que, pela madrugada do dia novo, deixavam o poleiro para movimentar o bucolismo da paisagem.

Essa incessante e arbitrária invasão de seus domínios, por parte daquele inveterado visitante das capoeiras, há muito, também, que o vinha preocupando e irritando, a ponto de fazê-lo perder noites de sono, transformado em sentinela, de espingarda emartilhada, de ouvido atento e olhos como azougue, mergulhados na treva, que o acende-e-apaga dos pirilampos tornava mais confusa ainda.

O estalido de um galho, o pio de uma coruja, o ciciar do vento, o grunhido de um porco, cortavam, amiudadamente, a respiração de Chico Pedro, colocando-o cada vez mais à escuta, obrigando-o a redobrar o esforço da espreita, despertando-lhe na alma a ânsia da descoberta, aguçando-lhe o sabor do flagrante.

Assim passavam-se as noites, no céu debuxavam-se as primeiras pinceladas do arrebol, e o



pobre homem, pálpebras derreadas pela vigília, retornava ao trabalho rotineiro do campo, desesperançando de pilhar com a bôca na botija, ou melhor, com o focinho no «prato», o solerte gatuno que havia decretado o genocídio de suas «penosas» indefesas e humildes.

O diabo era que a noite que o pacato camponês tirava para dormir e descansar — sonhando com a messe promissora das seis quadras de trigo que havia plantado, e que bem ali, frente ao velho rancho de leiva, de chão batido e limpinho, já se apresentava como uma cabeleira loira e ondulante, que os dedos invisíveis do vento remexiam em gestos de afago — o gravisco notívago cruzava a fronteira, desrespeitava o direito de propriedade, seqüestrava nova ave, e lá se ia com ela ao longo das quebradas, para terminar de matá-la a golpes frios do punhal siberiano dos dentes, na certeza de que a vítima, naquela noite, não contava com a menor solidariedade de Chico Pedro.

Não era mais possível suportar tamanha desfaçatez. Raciocina daqui, planifica de lá, eis que se lhe surge a idéia luminosa: uma gaiola comprida e estreita, com uma das partes laterais gradeada; porta sistema guilhotina, fura quatro dedos acima da borda de baixo, a fim de que, levantada, pudesse se manter apoiada na ponta de um arame grosso e longo, estendido longitudinalmente, na parte de cima, externa, entre dois grampos de cérca, cravados, o qual elado ao gancho interno da isca, tôda a

vez que se tironasse êste, correria para trás, escapando do orifício da porta, que cairia e se fecharia, como os primitivos registros de açude.

Se assim ardilara Chico Pedro, metendo mãos à obra, melhor o fizera.

Pronta a ratoeira, e deixando que a noite se aproximasse, arrastou-se para junto do galinheiro. E depois, antes de armá-la, afixando à extremidade de um arame de ponto robusto naco de carne, passando-o pela brasa, veio de longe, das bandas de um caponete, com o assado a cabresto em direção da gaiola, com o propósito de deixar no pasto o rastro perfumado, que o graxaim, com seu faro apuradíssimo, haveria de pressentir de longa distância, bastando levantar o focinho e farejar o próprio ar fino da noite.

Tudo em ordem, Chico Pedro recolhera-se ao galpão. Ai, para matar o tempo, colocou na cuia nova cevadura de erva e, empurrando com o pé o cépo de corticeira mais para perto do velho fogão, sentou-se, empunhando a cuia com a mão direita, enquanto, com a esquerda, ajeitava sobre o braseiro a chocolateira cascuda e tisnada de picumã.

Quando a água começou a chiar, levantando as primeiras bolhinhas em torno da superfície, cevou o primeiro amargo acendendo, num tição, o grosso cigarro de palha que o negro velho Canuto lhe havia ofertado para provar o novo fuminho da bodega do castelhano Balaca.

Com os olhos semicerrados, virando a cabeça de um lado para

outro, buscando resguardá-los da fumaça impertinente, quieto, de mate em mate, apenas escutando a conversa mole do índio velho, dir-se-ia que Chico Pedro já estava antegozando o momento em que haveria de ouvir a batida da porta e erguer-se de um salto, dando de mão no candeeiro para, na companhia do antigo peão de cabelo recordando a pelagem dos gambás, ir e encontrar o atrevido «gato» enjaulado, passeando como tigre, mostrando os dentes na impotência de sua raiva subjugada, gritando — guasca! — e cheirando mal, como sabem cheirar todos os encarcerados da sua espécie.

Naquela postura deixara-se ficar, até que, sentindo as pálpebras se lhe pesarem de sono, ergueu-se, indo guardar a cuia ao lado da lata de erva, que se encontrava num caixão de queirosene pregado à parede, à guisa de prateleira. E recomendando ao tio velho que o chamasse, caso percebesse barulho pras bandas do galinheiro, encaminhou-se na direção do rancho, ouvindo-se o ranger da cancelinha trôpega do cercado que o circundava e, logo após, o bater do tramelão de uma porta que se acabara de fechar.

De longe o ladrar de um cão e, de quando em vez, o grito de alerta dos quero-queros, despertavam a natureza da letargia do seu sono.

Deveria ser, mais ou menos, uma hora da madrugada, quando Chico Pedro acordara, pulando da cama, sobressaltado, com as batidas insistentes do negro velho à janela de seu quarto, com

a notícia alvífareira de que o velhaco graxaim havia caído.

Munidos de uma piola de barrigueira, candeia erguida à altura da cabeça, para melhor iluminar o caminho, lá se foram os dois, coração aos pinotes, pela concretização do sonho antigo. E que espanto, quando a luz, atingindo a gaiola, delineou aquêle enorme graxaim, que mais parecia um cachorro policial!

— Vá lá no galpão, Canuto, e me traga aquela gasolina que tá

pagar pela hediondez inominável do seu crime.

Não desejando perder tempo, enquanto esperava pela gasolina, o dono das seis quadras de trigo madurinho lançou mão do cordão de barrigueira, fez uma laçada na extremidade e, com o auxílio de uma vara de marimole, através da parte gradeada, introduziu o laço na gaiola, procurando laçar o infeliz animal pelo pescoço, o que lhe não foi difícil fazê-lo, porque o graxaim,

tinha subjugado, com a cabeça ligada às grades, que o priso mordia e remordia estalando os dentes, deixando que se lhe escorresse da boca a baba sanguinolenta do seu protesto contra o selvagem sistema de justiça dos homens.

— Tudo pronto, Canuto?

— Tudo pronto, «seu» Chico!

— Agora vó abri a porta e lascá fogo. Quando o bicho incendiá, pode cortá o cordão e deixá que vá comê galinha nôtra freguisia — arrematou Chico Pedro.

Do dito ao feito. Um fósforo riscado e um animal, transformado em tocha viva, correndo dentro da noite, como um buscápe, rumo de uma lavoura de trigo que ali se apresentava à faina da colheita, no esplendor cantante das espigas sazonadas.

— Mais prá direita! mais prá direita! mais prá direita! gritava, aflito, Chico Pedro, como se o sentenciado, improvisado num incandescente aerólito, pudesse ouvi-lo e atendê-lo, modificando a trajetória já traçada pelo destino.

E o graxaim entrara bem no meio da lavoura, abrindo uma picada de fogo, cujas labaredas, agitadas pelo vento, representavam lâminas de aço de violentíssimos machados que, cada vez mais, numa estralaçada de coivara, iam dilatando a brecha da derrubada, até transformar todo o trigal, na desolação fumegante dos incêndios.

Pela manhã quando o sol surgiu, para continuar regendo a orquestra sinfônica da natureza, veio encontrar o pobre ladravaz de dentes arreganhados, brasino, olhos vidrados, saltando fora das órbitas, e amortalhado na imensa colcha cinza-escuro da terra calcinada, sobre a qual, bem alto, em vôos circulares, corvos farejadores eram pedaços de crepe mordidos, tarjando de sombra as nuvens de cambraia.



num galão de óleo, no girau da alfafa. — ordenou Chico Pedro.

Dando essa ordem, Chico Pedro, num galopito do pensamento, já havia planejado a idéia macabra: embeber o pobre animal de gasolina e atear fogo, para que morresse queimado, no mais abarbarado de todos os castigos.

Mas o Velhinho lá em cima, que sempre está de alcatéia, bombardeando o passo dos homens aqui na terra, num galopito do pensamento, também já havia reservado a moeda, com a qual Chico Pedro, em seguida, haveria de

em suas passeadas de lá para cá, se encarregara de meter a cabeça na armadilha.

— E' prá hoje essa gasolina, Canuto? — gritou Chico Pedro.

— Já vó indo, patrão! — respondeu o negro, em meio do caminho.

Recebendo o combustível, e virando a gaiola de lado, para que a parte gradeada ficasse para cima, passou a derramá-lo sobre o pelo do indefeso carnífice, encharcando bem a cola e os quartos, ao passo que o crioulo velho, segurando e puxando o cordão, de faca em punho, o man-

NOTA EXPLICATIVA

GRAXAIM — Mamífero da família dos Canídeos, chamado também Guaraxaim.

LEIVA — Pedaço de terra não endurecida, que se corta com a pá, medindo, mais ou menos, 30 centímetros de comprimento, 20 de largura e 18 de altura, e que substitui o tijolo na construção de ranchos (casas de barro).

QUEBRADAS — Depressões de terreno.

ARAME DE PONTO — Arame fino com que se ata a santafé (palha) na cobertura dos ranchos.

CEVADURA — Quantidade de erva-mate suficiente para se preparar um chimarrão.

CEVOU o primeiro amargo — Colocou água quente na cuia, enchendo-a para o mate.

GUASCA — Homem rude do campo. O graxaim ao latir parece exprimir perfeitamente o vocabulário.

PIOIA DE BARRIGUEIRA — Cordão grosso com que se faz cincha (peça de arreio que passa pela barriga do animal).

UMA QUADRA DE TRIGO OU ARROZ — 17.424 m2. (132 × 132).

MARIA-MOLE — Árvore da família das Nictagináceas.

BOMBIANDO — Olhando, observando.

O Cérebro do Sexo Frágil

O VICE-ALMIRANTE Hyman Rickover, o «pai» do submarino atômico americano, disse, em discurso transmitido pelo rádio, que a humanidade inteira poderia alcançar um bem elevado grau de progresso, se as mulheres decidissem fazer uso do seu cérebro com finalidades técnicas e científicas. «Muitas moças inteligentes — declarou Rickover — acham que não é próprio para o elemento feminino empregar os próprios recursos cerebrais e fazem uso do seu talento potencial sómente para tratar de sua beleza e para encontrar um marido».

Mundo Canhoto

EXISTEM, espalhados pelo mundo inteiro, cerca de 200 milhões de pessoas canhotas. E, segundo os estudiosos do assunto, o número das chamada pessoas sinistras está aumentando cada vez mais. Há vinte e cinco anos, apenas uns 2 ou 4% de meninos na idade escolar escreviam com a mão esquerda, mas, hoje, verifica-se que 10% dos estudantes pertencem à classe dos canhotos. Através de eficientes estudos, verificou-se que nada menos de um quarto do total de americanos foi canhoto inicialmente, mas passaram a ser dextros em virtudes da exigência dos pais e professores, lutando contra a sua tendência natural e obrigando-os a usar a mão direita.

Não obstante as pessoas que têm preconceitos com relação aos sinistros os descreverem como sendo temperamentais, instáveis, desinteligentes, teimosos e brigões, a verdade é que ésses mesmos traços são encontrados nos dextros e, possivelmente, nas mesmas proporções.

☆☆☆

Foguetes Para a Lua

O PROFESSOR Silverstein, Diretor do Serviço de Pesquisas da Aeronáutica Americana, declarou que se encontra em preparação, desde o início do ano, um foguete de sete estágios que, daqui a três ou quatro anos, estará transportando os homens da Terra para a Lua e de lá para cá. Os três primeiros estágios do foguete, denominado Nova, servirão para a viagem de ida; o quarto funcionará como freio para a aterrissagem na Lua e os outros três serão utilizados para o retorno.

TAPÊTE MÁGICO

SAMOA — o «Paraíso Terrestre»



NO arquipélago de Samoa, situado no meio do Pacífico, os dias da semana recebem nomes particulares, que se relacionam com as atividades nêles desenvolvidas e, o que é mais interessante, a sexta-feira é o único dia de trabalho. Lá, o calendário observado é o seguinte: domingo — dia do Senhor; segunda-feira — primeiro dia do repouso; terça-feira — segundo dia (subentende-se a expressão «do repouso»); quarta-feira — dia dedicado aos jogos; quinta-feira — dia de preparação para o trabalho, que se processa todinho na sexta-feira; o sábado é dedicado à preparação para o dia do Senhor. Aí está a razão pela qual o arquipélago de Samoa é comumente chamado «Paraíso Terrestre».

São dois os elementos fundamentais que concorrem para tornar digna de um paraíso a vida nessas ilhas perdidas na imensidão do Oceano Pacífico, sendo o clima o primeiro deles. Situada a uma mesma distância do trópico de Capricórnio e da linha do Equador, Samoa goza durante o ano inteiro dos benefícios de uma estação temperada, já que a influência do mar preserva-a de calores excessivos.

O segundo elemento a contribuir para a felicidade dos habitantes do «Paraíso Terrestre» são as palmeiras, que produzem cocos e constituem a base da economia local, uma vez que o seu fruto tem um largo campo de emprego. O líquido que ele encerra pode ser fermentado, produzindo um licor de notáveis capacidades inebriantes. A polpa branca do coco pode ser comida tal qual se apresenta, ou então cozida de modos diferentes, com os mais variados condimentos, enquanto que a parte externa, a casca, é empregada na confecção de cordas, fios para tecer tapetes e escovas. A parte lenhosa é usada no fabrico de taças, pratos, utensílios de cozinha, botões e, por um processo apenas um pouco mais complexo, pode-se obter dela um ótimo carvão em pó. Resta ainda um pôzinho, que fica entre as fibras da casca e que, prensado, constitui um material isolante.

A principal indústria do País é a da polpa do coco, quando seca ao sol. Assim é que ela se aplica no fabrico de sabão, óleos, margarina, glicerina, geléias e uma infinidade de gorduras para usos industriais. Mas nada disto é feito em Samoa, que não possui fábrica de espécie alguma. Os frutos são levados para a Nova Zelândia ou a Austrália, o que livra os habitantes do «Paraíso Terrestre» do risco de se verem obrigados a trabalhar por um salário, e do inconveniente da fumaça das fábricas. O gado vacum e o rebanho suíno completam a riqueza dos habitantes de Samoa e lhe permitem, ao lado das palmeiras, manter o calendário de que falamos.

Desde 1936, as ilhas gozam de uma grande autonomia política, não obstante estarem confiadas ao mandato da Nova Zelândia, pela Sociedade das Nações, e essa situação foi ratificada pela ONU. Durante 15 anos constituíram uma colônia alemã, depois de terem sido disputadas por vários países europeus e pelos Estados Unidos que, atualmente ocupam apenas uma pequena parte no arquipélago, a chamada Samoa ocidental. O mandato da Nova Zelândia foi instituído em 1920, no fim da primeira guerra mundial, mas por dez anos ela considerou Samoa como o lugar mais adequado ao repouso dos velhos coronéis e generais.

Os dias sucedem-se aos dias e os anos aos anos, neste paraíso terrestre, sem que coisa alguma venha perturbar o pacífico transcorrer de sua vida. Os estrangeiros, não obstante serem gentilmente recebidos, não são encorajados a visitar as ilhas: sua presença pode turbar a boa ordem antiga. A população, entretanto, está sempre crescendo, por razões demográficas, o que vem despertando preocupações, uma vez que um paraíso aglomerado não é mais um verdadeiro paraíso.



CONDOMÍNIO: NEGÓCIO PERIGOSO

COMO COMPRAR APARTAMENTO EM BH SEM CORRER RISCOS

←

Belo Horizonte é uma cidade que cresce rapidamente, e enquanto cresce, vai ganhando novos problemas. Dentre estes, eis um dos mais graves: o problema da aquisição de imóveis em condomínio, hoje sujeita a toda sorte de distorções. E, por causa dele, quase se pode dizer que em cada quarteirão da Capital mineira há um drama — o drama dos lesados.

Edifício Hugo Werneck, conjuntos de salas para escritórios em condomínio: parou (há meses) onde estava quando foi feita a foto. Até hoje, continua assim, e não vai ser concluído.



Reportagem de ROBERTO DRUMOND

• Fotos de PONCE DE LEON

MORAR em apartamentos do edifício «Hugo Werneck», na Rua Tupis, era o sonho de dezenas de pessoas, que já haviam dado à firma construtora a entrada de trinta e oito mil cruzeiros. Quase diariamente, elas passavam ali, mas ficavam decepcionadas: só existia, de concreto, uma placa anunciando a construção. Um dia, quiseram saber as outras obras que a firma, E-M-I-R-C-E, estava erguendo. Eram mais dois edifícios: «Juncal» e «São Francisco». Outra decepção: também estes estavam paralisados, porque subira o custo de vida, e a E-M-I-R-C-E, que já levantara entre os compradores de apartamentos, nos três edifícios, exatamente Cr\$ 11 milhões, confessava que não iria construir-los.

O desfecho: corre na Delegacia de Falsificações e Defraudações de Belo Horizonte, um processo contra seus proprietários, Srs. Moisés Elian Auad Filho e Dirceu Coutinho Gouveia. Ainda assim, os compradores não sabem se receberão de volta o dinheiro que gastaram, porque o que há de certo até agora é que os edifícios não serão mais construídos.

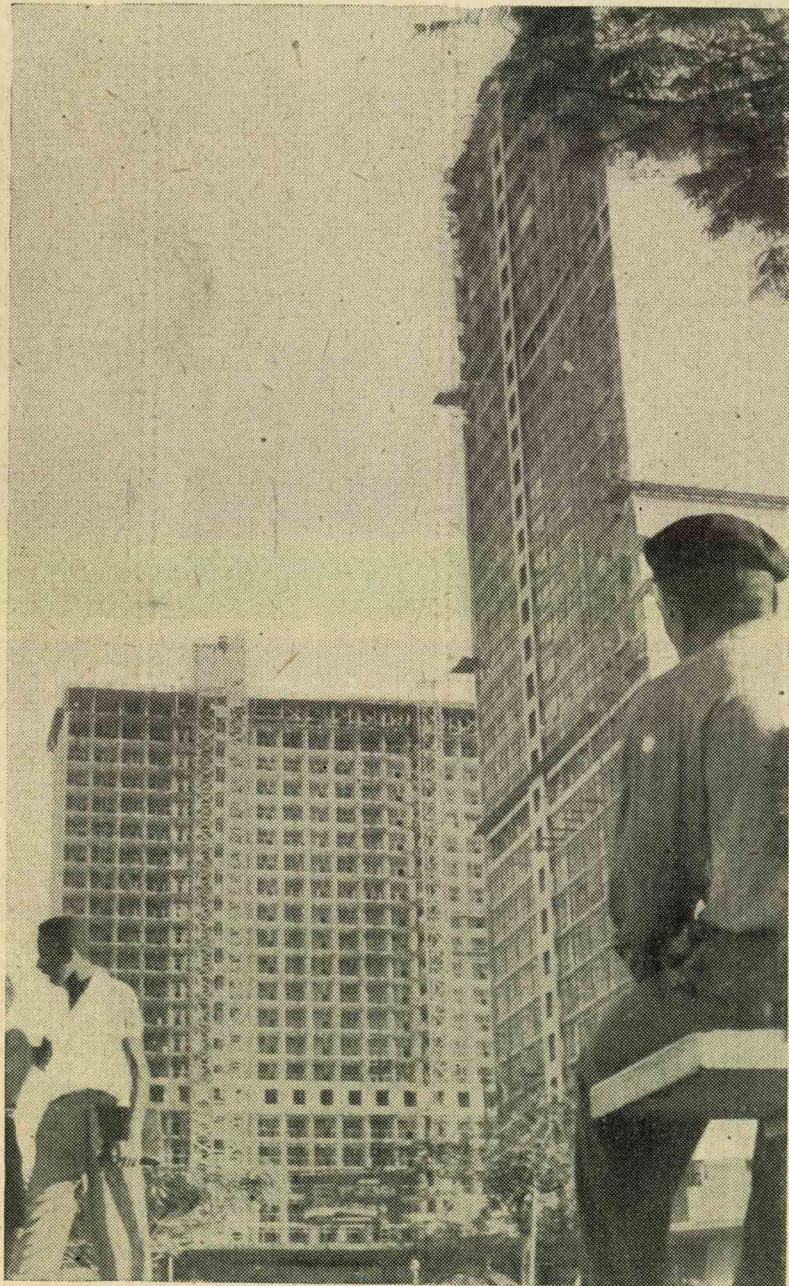
Esse fato, que foi um dos maiores escândalos imobiliários de Belo Horizonte, ocorreu recentemente, e mostra apenas um dos riscos que correm centenas de pessoas que compram apartamentos. Com esta reportagem ALTEROSA mostrará a seus leitores como proceder para adquirir, tranquilamente, um apartamento.

CONJUNTO G. K.: EXEMPLO

É comum ouvir que Belo Horizonte tem crescido muito: horizontalmente e verticalmente. O crescimento vertical ocorre porque, não podendo comprar casas, centenas de pessoas lançam mão de apartamentos. Assim se explica o crescimento para «o alto», e também, o fato de a construção imobiliária ter-se transformado num dos melhores negócios dos dias atuais.

Como em todo ramo comercial, aparecem aí os que são idôneos e responsáveis — e os outros: simples aproveitadores. Por isso, a pessoa que vai comprar um apartamento corre riscos. Um dos mais sérios é o reajuste. Compra-se uma unidade por um preço x, e depois tem-se que atender a um reajuste. Argumen-

CONDOMÍNIO...



Conjunto Governador Kubitschek : um plano mirabolante, deu prejuízo a muita gente, estêve parado muito tempo; tanto tempo que, até hoje, poucos são os que acreditam que venha a ser concluído um dia. Isso apesar de ter sido a sua inauguração marcada para dezembro de 1954. Por quê ? Porque faltavam (continuam faltando) leis de proteção aos compradores, contra os incorporadores inescrupulosos.

... tam os incorporadores que a causa do reajustamento é a alta (constante) nos materiais de construção, bem como a dos níveis salariais. Muitas vezes, o comprador não suporta o reajustamento, e fica na iminência de perder o imóvel. Um dos exemplos mais conhecidos de reajustamento (illegal) ocorreu no «Conjunto Governador Kubitschek» : iniciado em 51, ele deveria estar pronto três anos depois. Em 54, porém, em vez disso, os construtores comunicaram que necessitavam fazer um reajustamento de 150%. Com isso, apartamentos de 98 mil subiriam de preço, em 131 mil cruzeiros.

Os condôminos, revoltados, contrataram como advogado o prof. Caio Mário da Silva Pereira, e foi possível uma conciliação que salvou a obra : através da Caixa Econômica Federal, o Governo financiou a construção, com Cr\$ 210 milhões (como empréstimo) e os compradores tiveram que concordar com um reajustamento mais brando.

OS OUTROS RISCOS

Até nos menores detalhes, os compradores de apartamentos podem ser prejudicados. Exemplo : no acabamento. Muitas firmas, nos prospectos que imprimem para propaganda, dizem que vão colocar portas largas e bonitas, e as colocam estreitas e banais. Especificam que colocarão pisos «de boa qualidade», mas não dizem o preço. Prometem banheiras do maior tamanho, mas acabam colocando peças que mais parecem para crianças. Dizem que a pintura será boa e bem fixada, mas a pintura que fazem só se fixa na roupa dos que acreditavam na sua promessa. Fechaduras «tipo Yale», acabam por se tornar tão ordinárias que o comprador não pode deixar de substituí-las. E assim por diante. Dessa forma, enganam aos que as procuram, dando-lhes uma visão falsa, e depois, mais uma deceção : ao receber o apartamento, a pessoa vê que foi ludibriada. Espera o bom acabamento prometido, mas a firma não cumpriu o que disse no prospecto.

Um dos riscos mais graves é o que diz respeito ao direito de posse. Em várias ocasiões, os construtores ou incorporadores não são os legítimos donos do terreno, e começam a erguer um edifício e a vender os apartamentos. O perigo : o verdadeiro dono pode desistir do negócio, que ainda não foi concretizado através de uma escritura, e o comprador

(que já pagou prestações) perde tudo.

Quanto ao prazo para entrega, muitas firmas (inidôneas) costumam prometer que três anos depois darão pronto um apartamento-financiado em cinco anos. Entregam, no entanto, justamente cinco (ou mais) anos depois: assim de nada valeu o «financiamento», pois na verdade foram os condôminos que financiaram o incorporador e o construtor.

EM Belo Horizonte, são inúmeros os edifícios iniciados e depois paralisados, porque os construtores não têm capital para levar ao fim a obra. Um deles é o «Edifício Flávio Dias», na Praça Benjamim Guimarães. As vítimas são sempre os compradores.

Tudo isso acontece por causa da ingenuidade e falta de experiência no assunto. Todos encontram pela frente o dilema: como comprar um apartamento?

CAMINHO: CAUTELAS

Para explicar a todos como proceder ao comprar um apartamento ALTEROSA ouviu cinco autoridades no assunto: dois incorporadores, um construtor, um corretor e um advogado.

Um incorporador é o engenheiro Wady Simão, um dos mais conhecidos e respeitados de Belo Horizonte.

COMO PROCEDER PARA EVITAR PREJUÍZOS

Tomando como base os "conselhos" dados, em entrevistas a ALTEROSA, por quatro pessoas que conhecem a fundo o assunto, eis o que se deve fazer para comprar um apartamento em condomínio:

1) — *Conhecer a idoneidade técnica, financeira e moral do incorporador e do construtor. Para isso, ouvir os cadastros de Bancos e, sobretudo, compradores de outros edifícios já construídos por elas.*

2) — *Saber se o incorporador é o dono legítimo do terreno onde está construindo, exigindo a exibição do respectivo título de posse definitiva.*

3) — *Ver se existe a cláusula do reajuste no contrato. Se não existe, conseguir a inclusão de outra cláusula, impedindo o reajuste. Só comprar por preço fixo.*

4) — *Conhecer as vantagens do apartamento: se é arejado, se o sol penetra em seu interior, se fica próximo ao centro, ou em que bairro está localizado. Se o bairro é bom, pode haver uma maior valorização do imóvel.*

5) — *Saber a qualidade (e o valor) autêntica do acabamento, exigindo que as especificações sejam claras, minuciosas e completas. Fiscalizar o construtor na fase desse acabamento.*

6) — *Consultar um advogado competente e idôneo, antes de firmar o contrato. Pode haver falhas ou omissões que resultem em prejuízos futuros para o condômino.*

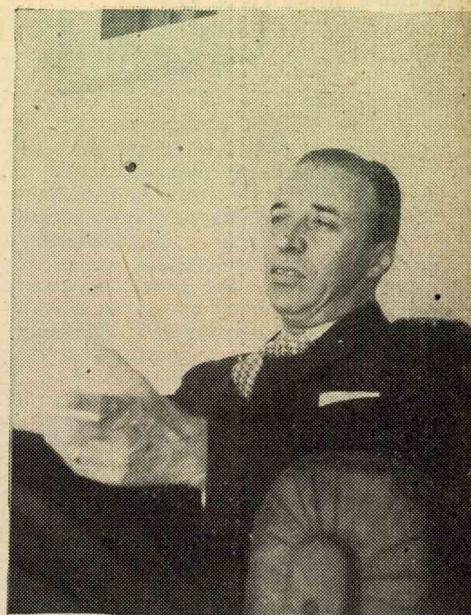
rizonte, cuja autoridade está justamente no fato de nunca uma pessoa ter-se queixado por haver comprado dêle um apartamento. É um dos mais conceituados incorporadores mineiros e um dos maiores do País.

O construtor é o engenheiro Urquiza Pessoa de Mendonça, da SEA (Sociedade de Engenharia e Arquitetura Ltda.), uma firma que tem levantado alguns edifícios em Belo Horizonte.

O corretor é o Sr. Oscar Coelho dos Santos, que há 45 anos milita no ramo, é o mais antigo e um dos mais acatados desta Capital.

O advogado é o Prof. Caio Mário da Silva Pereira, que, além de ser um dos mais conceituados profissionais belo-horizontinos, possui a grande experiência de ter sido o defensor dos condôminos do «Conjunto Governador Kubitschek». Através de seus conselhos, os leitores saberão como comprar um apartamento, sem correr riscos.

O Sr. Múcio Athayde, outro incorporador ouvido nesse trabalho, é também um dos que vêm se destacando no ramo pelo vulto de seus empreendimentos, entre os quais um dos maiores edifícios em construção na Avenida Afonso Pena, o «Super-Building Valente», com 28 pavimentos.



Prof. Caio Mário da Silva Pereira.

Fala o jurista:
há que apurar
a idoneidade
do incorporador
e do
construtor

EXPLICANDO que, «apesar de ser em tese uma boa aplicação pecuniária», a compra de apartamentos oferece certos riscos, o Prof. Caio Mário da Silva Pereira, advogado dos condôminos do «Conjunto Kubitschek», aponta os dois perigos principais para o comprador:

— O primeiro diz respeito ao desequilíbrio orçamentário, seja em função de um reajuste, seja em razão de os encargos gerais colocarem o comprador em termos de não suportar os compromissos contratuais. O outro, mais específico, é o de atingir

CONDOMÍNIO...

se um ponto de fricção em que a edificação é paralisada. E isso depois de haverem os condôminos dispendido importância sensível, quando, então, vão defrontar-se com uma alternativa penosa, que consistiria na perda das somas gastos, ou na submissão a condições demasiadamente onerosas.

Diz o Prof. Caio Mário da Silva Pereira que, como advogado, é testemunha de «incidentes e conflitos semelhantes», ocorridos em Belo Horizonte.

A BOA POLÍTICA

Acredita o Prof. Caio Mário que a «boa política» para a orientação de quem vai comprar um apartamento pode ser resumida em poucas palavras.

— Na verdade, quase se poderia dizer que o bom êxito de um empreendimento desta ordem situa-se na apuração da idoneidade da pessoa ou empresa que lança uma incorporação ou organiza um plano de edificação. Quando digo idoneidade, emprego a expressão em duplo sentido: refiro-me à idoneidade moral, que é sem dúvida o requisito básico, indispensável àqueles que vão utilizar capitais alheios e administrá-los na aplicação imobiliária; mas não pode ser desprezada também a idoneidade técnica, sem a qual, muitas vezes com boa intenção, tudo é conduzido a um irremediável insucesso.

Acrescenta o Prof. Caio Mário que, após essas cautelas, os compradores «devem investigar essas qualidades, ver as disponibilidades financeiras dos incorporadores e construtores e apurar se a obra em perspectiva obedece a um bom planejamento».

REAJUSTAMENTO

— O crescimento constante dos preços de materiais de construção e a elevação periódica de salários tem sugerido a inserção nos contratos relativos a esses negócios de cláusula pela qual se estabelece a possibilidade de um reajustamento — retorna o Prof. Caio Mário.

Esse reajustamento, esclarece o entrevistado, pode ser no curso da edificação, ou numa outra «mobilidade análoga», que é chamada «venda pelo custo».

— Uma e outra importam em estabelecer de início um preço meramente estimativo, e com-

prometer-se o adquirente a admitir a sua revisão paralelamente à causa ascensional dos preços.

Pensa o entrevistado que a cláusula não merece em si uma condenação, quando o que se obtém é um equilíbrio justo entre as vantagens que do negócio devem originar-se para ambas as partes».

— Mas ela pode conduzir a um resultado mau na hipótese de ser usada menos cuidadosamente.



Eng. Urquiza Pessoa de Mendonça.

**O engenheiro
aconselha:
é necessária
uma fiscalização
permanente
das obras
pelos próprios
condôminos**

PARA o engenheiro Urquiza Pessoa de Mendonça, da SEA (Serviço de Engenharia e Arquitetura Ltda.) a primeira providência a ser tomada por quem vai comprar um apartamen-

to é «escolher um incorporador idôneo».

— A idoneidade, no caso — diz ele — é a financeira, a técnica e a moral. Sendo assim, serão evitados transtornos, e procedendo desta forma, o comprador garantirá um princípio e um fim para o seu negócio.

Outro detalhe importante para o Sr. Urquiza Pessoa de Mendonça diz respeito às condições jurídicas: — o direito de posse que o incorporador tem sobre o terreno.

— Se ele não tiver um direito de posse absoluta sobre o terreno, o seu legítimo proprietário poderá alegar condições tais que haverá um grande perigo: o negócio não ficará garantido, e então, o incorporador terá que desfazer os compromissos assumidos com os compradores.

MAIS CAUTELAS

Diz o Sr. Urquiza Pessoa de Mendonça que, depois disso, deve-se olhar a localização do apartamento a ser adquirido.

— Há o bom local e o mau local. Também no projeto, é necessário, observar a localização da unidade, sendo que se deve ver se os cômodos têm sanidade: insolação, arejamento, etc.

Depois é a vez de «traçar uma diretiva comercial», explica o engenheiro.

— O comprador precisa saber a modalidade pela qual a incorporação será executada, ou seja, a preço fixo ou a preço variável (por administração). De um modo geral, essa segunda condição de negócio tem acarretado, forçosamente, o reajustamento, dada a instabilidade reinante na mão-de-obra e nos materiais.

Quando alguém fôr adquirir um apartamento — aconselha o Sr. Urquiza — tem que se lembrar do «lado técnico», como é o acabamento. Ele acha que se deve ter cuidado e ver se o «material especificado condiz com o preço e com um bom acabamento».

— Na execução da obra, o comprador precisa ficar em permanente contato com o vendedor, para a boa observância do cumprimento do contrato. Nunca deve ficar ausente: é conveniente ir sempre às obras e ver, no que chamamos de acabamento, a colocação de pisos, esquadrias, pinturas e instalações.

FINANCIAMENTOS LONGOS : MAU NEGÓCIO

Explicando que qualquer um, ao comprar um apartamento, o

faz para o emprêgo de capital, e assim visa normalmente «aumentar lucro», o Sr. Urquiza Pessoa de Mendonça afirma que esse fato «traz responsabilidades sérias para os construtores».

— Essa responsabilidade, num de seus aspectos, é justamente manter o negócio dentro do contrato, do princípio ao fim. Pois o comprador, geralmente, é inexperiente, e por isso, confia nas condições estatuídas e prometidas. É preciso que o incorporador e o construtor garantam essas condições.

Julga o entrevistado que os financiamentos longos devem ser evitados.

— Como está claro, tem-se aí que computar juros sobre o capital empatado. E, no fim do pagamento, o comprador terá pago uma grande soma pelo imóvel comprado. Também para o incorporador, é ruinoso o financiamento longo, pela instabilidade que traz a seu capital.

Esclarece o corretor: quem fica conivente com o furto, também é ladrão

DIZENDO ter sido o «bandeirante neste ramo de negócio» em Belo Horizonte, o corretor Oscar Coelho dos Santos, que tem 75 anos, aconselha:

— Devem-se comprar apartamentos de firmas que mereçam um bom conceito, e no caso de haver corretores, estes devem ser credenciados. Há inúmeras pessoas que se dizem «corretores», mas não pagam licença, nem possuem credencial. Pode ser um aventureiro, um falso corretor, e quem comprar de uma pessoa assim, está sujeita a pagar e não receber o que comprou, ou



Corretor Oscar Coelho dos Santos.

então receber coisa pior do que a esperada.

Ainda analisando a função do corretor, o Sr. Oscar Coelho dos Santos explica que o profissional do ramo, «de consciência», deve saber o valor real do imóvel e da construção, porque «ladrão é também aquele que fica conveniente com o furto, e não só o autor do furto».

— Assim, é um passo importante a escolha do corretor pelo comprador.

O QUE FAZER

Além de honesta, afirma o Sr. Oscar Coelho dos Santos, a «empresa incorporada e construtora deve ter um capital suficiente para erguer um prédio de apartamentos».

— Tal aspecto tem grande relevância para o comprador. Uma empresa com capital suficiente pode assegurar a quem compra que não haverá majoração nos preços. Serão evitados danos, como ocorreu àqueles que compraram apartamentos no Conjunto Governador Kubitschek.

Quanto à condição dos condôminos (quem são?) o Sr. Oscar Coelho dos Santos aconselha cautela. A razão: pode-se comprar um apartamento num edifício, e ao se tomar o elevador, ficar ao lado de uma pessoa suspeita que também é proprietária no prédio.

— Nem mesmo a empresa mais escrupulosa consegue sempre sa-

ber a quem vendeu apartamentos. Nessas condições, um edifício pode ser ótimo mas, por causa da vizinhança suspeita, não ter valor algum. É bom que o comprador procure inteirar-se, quando o edifício não for muito grande, de quem comprou ali.

LOCALIZAÇÃO: IMPORTANTE

— É muito importante olhar a localização do imóvel — retorna o Sr. Oscar Coelho dos Santos — porque conforme a sua localização é que ele se valoriza muito ou não se valoriza nada. O preço de uma construção é o mesmo, seja ela na Barroca, seja ela em Santa Tereza. Mas o valor não é o mesmo: na Barroca vale mais, e assim por diante.

Os meios de transportes que levam até o local do apartamento, os seus habitantes que ficam nas vizinhanças e o grau de crescimento do bairro, são aspectos importantíssimos na valorização, conforme julga o entrevistado.

— Antes de comprar, tudo isso precisa ser analisado. Se uma pessoa proceder assim, pode estar certa de que fará o melhor negócio.

MATERIAL, SAÚDE & PRESTAÇÃO

Onde o ar não entra, e onde não entra o sol, diz o Sr. Oscar Coelho dos Santos, o médico entra: é a doença.

— Deve-se ver as condições de sanidade do apartamento; não basta que seja bem feito, e bem dividido, ou ser amplo.

Quanto ao material a ser empregado, acha o corretor que o interessado deve pedir ao vendedor uma especificação completa do material que será empregado.

— Nesse caso, dependerá muito de se saber se a firma merece fé ou não merece fé, se tem boa reputação ou não tem boa reputação. Uma firma de boa reputação nunca será capaz de prometer colocar janelas, portas, assolho de primeira qualidade, e depois ludibriar o seu comprador, colocando tudo isso, mas com uma qualidade inferior. Nesse ponto, quem compra precisa ser exigente: um acabamento ruim não dura e trará despesas depois.

— E quanto ao pagamento das prestações?

— A pessoa só deve pagar as prestações na época combinada pelo contrato: nunca antes. E, se uma empresa promete entregar um apartamento no prazo de três anos, mas não o faz, o comprador tem todo o direito a pedir indenização. — Encerrou.

CONDOMÍNIO...

Opina um dos maiores incorporadores da Capital: só compre a preço fixo



Incorporador Wady Simão.

ACHA o construtor é incorporador Wady Simão que «antes mesmo de examinar a planta e as condições de venda» o que o comprador deve fazer em primeiro lugar é «saber quem é o incorporador».

— Deve conhecer as garantias que ele oferece através de seu patrimônio, de sua tradição e de sua organização. Em seguida, saber quem é o construtor, sua idade técnica e comercial, se ele está em condições de construir o prédio dentro dos requisitos mínimos da técnica, segurança e perfeição.

Sugere o Sr. Wady Simão que, após esses estudos, torna-se necessário, então, fazer um «exame rigoroso» do imóvel, vendo sua planta, as suas especificações, a planta geral do edifício, e conhecer as condições de iluminação, aeração, circulação horizontal e vertical.

— O preço do imóvel — diz ele — é outro fator importante, devendo ser objeto de comparação cuidadosa, levando-se em conta sua situação, suas especificações e as condições técnicas do projeto. Tudo isso tem que ser examinado com cuidado. Nem sempre, o mais barato é o melhor. É importante também a modalidade de pagamento, que às vezes, pelas suas facilidades, possibilitam a compra.

INCORPORADOR & CONSTRUTOR

Perguntado sobre as garantias que o construtor e o incorporador devem dar a quem compra apartamentos, o engenheiro Wady Simão preferiu antes distinguir a «diferença que existe entre o construtor e o incorporador».

— O incorporador é aquele que incorpora o condomínio, nos termos da lei que regula o assunto, vendendo as suas diversas peças a terceiros, financiando, providenciando contratos, escrituras, convenções, etc. Ele é o responsável pelo bom ou mau êxito do negócio, devendo dar aos condôminos todas as garantias necessárias para assegurar os seus direitos. O construtor, por sua vez, se limita a construir o imóvel, quase sempre para o incorporador, com quem contrata a construção de acordo com o projeto e as especificações detalhadas. Muitas vezes, o incorporador é o próprio construtor, como é o caso de minha firma, e, desse modo, os deveres e obrigações se somam.

— Agora, ele define as garantias que o comprador deve ter:

— O incorporador deve oferecer ao comprador amplas e positivas garantias, alicerçadas na sua indispensável capacidade fi-

nanceira e comercial, e nas tradicionais normas de honestidade e sinceridade que regem todos os negócios lícitos. O comprador necessita sentir-se garantido, ao adquirir um imóvel em condomínio a ser construído, e ter a certeza de que receberá o que comprou, pelo preço do contrato e nas condições estabelecidas no mesmo. O incorporador deverá ter condições de oferecer essa tranquilidade ao comprador, zelando e providenciando para que tudo corra exatamente como foi prometido. Quanto ao construtor, compete a construção cuidadosa e segura do imóvel, de modo que o condômino receba, no fim da obra, um apartamento na construção do qual tenham sido obedecidos rigorosamente o projeto e as especificações estabelecidas no contrato. Por outro lado, é necessário que também o comprador cumpra de sua parte as obrigações estabelecidas nas cláusulas contratuais, principalmente aquelas que se referem ao pagamento das prestações, a fim de que não sejam criadas dificuldades ao incorporador e ao construtor.

REAJUSTAMENTO & CAPITAL

Na opinião do Sr. Wady Simão, os reajustamentos só se verificam quando a construção «é feita pelo preço de custo»; e, às vezes, tomam aspecto muito sério. Dizendo que isso ocorre por causa da grande e constante oscilação dos preços, e que aí surgem «situações críticas entre os condôminos, que nem sempre se acham preparados para um grande acréscimo no custo previsto inicialmente», o entrevistado afirma:

— Por isso é que acho aconselhável a compra do apartamento pelo sistema de preço fixo e certo, e não sujeito a reajustamento.

Como é indispensável a existência de capital para erguer um prédio, o Sr. Wady Simão diz que «seja ele de dez, doze ou quinze pavimentos» a firma construtora necessita de «um capital inicial de, no mínimo, 10% do valor total da construção».

— Isso é para fazer frente às primeiras despesas com o projeto e sua aprovação, estudos e sondagens do terreno, instalação da obra e início da construção. É indispensável que o construtor disponha desse capital inicial, a fim de que a construção tenha o seu andamento normal desde o lançamento da incorporação, o que lhe proporcionará melhores condições de êxito nas vendas.

**Incorporador Múcio Athayde:
a restrição
ao crédito privado
responde pelo insucesso
de algumas firmas**

DECIDIMOS, finalmente, para completar esta elucidativa «enquête» sobre o palpitante problema do condomínio imobiliário em Belo Horizonte, que seria interessante ouvir a palavra de outro incorporador que já se vem firmando pelo conceito adquirido na praça e pelo êxito de seus empreendimentos, entre os quais o «Super-Building Valente», edifício de 28 pavimentos que ocupará o local do antigo Cinema Glória, na Avenida Afonso Pena: Múcio Athayde.

O Sr. Múcio Athayde já incorporou nada menos de 25 mil metros quadrados de construções em condomínio, entre apartamentos e escritórios, o que lhe dá autoridade para opinar sobre o problema em pauta.

Ao tomar conhecimento do nosso interesse em orientar os leitores de ALTEROSA sobre o importante assunto, o Sr. Múcio Athayde colocou-se inteiramente às ordens da reportagem, esclarecendo:

Belo Horizonte passa atualmente pelo mesmo «rush» de crescimento que São Paulo atravessou há dez anos. Um desenvolvimento tão acentuado que, por três vezes consecutivas, a Capital mineira foi classificada como a capital que mais cresce no Brasil. Para isso contribuiu, sobretudo, a criação da Cidade Industrial onde já operam um número considerável de fábricas e indústrias pesadas, atraindo para o nosso Estado bilhões de cruzeiros com seu faturamento. E esse desenvolvimento se acentuará ainda mais com as novas indústrias que se estão instalando na área de Belo Horizonte, entre as quais avulta a grande fábrica de automóveis «Simca», e outras que já se acham em estudos, como a Refinaria Mineira de Petróleo, a qual se liga-

rá diretamente ao Rio por um oleoduto subterrâneo.

Dando mais ênfase à sua tese, acrescentou o Sr. Múcio Athayde, demonstrando a sua enorme fé no futuro de nossa Capital:

— Saliente-se ainda as novas e modernas rodovias pavimentadas que ligam Belo Horizonte ao Rio, São Paulo, Vitória e Brasília, pa-



Incorporador Múcio Athayde

ra que se possa avaliar o aumento desenfreado de população que está exigindo sempre novos arranha-céus em nossa Capital, principalmente em condomínios, pois, segundo o famoso arquiteto Oscar Niemeyer, «o que justifica o grande desenvolvimento do sistema de habitação coletiva é o fato de os moradores poderem ter, em conjunto, as condições de conforto que não poderiam usufruir isolada-

damente, na escala de iniciativa individual».

Passando, a seguir, ao assunto propriamente dito da nossa momentosa «enquête», o incorporador Múcio Athayde teceu as seguintes considerações:

— Nos dois últimos anos, o Governo, considerando que a compra de conjunto de salas e de apartamentos é negócio dos mais vantajosos, atraindo, por si só, considerável parcela do capital particular, incentivou a restrição ao crédito privado, provocando, assim, o insucesso de algumas firmas que não estavam vinculadas a grupos econômicos bastante sólidos, pois essa indústria é muito pesada, ficando um arranha-céu médio, normalmente, em mais de 50 milhões de cruzeiros. Daí a «maré-baixa» que se verificou na venda de edifícios, motivada pelo natural receio da população, a ponto de reduzir em cerca de 60% o volume da construção civil, segundo dados apresentados pelo arquiteto Osvaldo Nery.

Essa reviravolta, porém, teve um efeito benéfico: demonstrar ao público as firmas verdadeiramente sólidas, que permaneceram firmes apesar da instabilidade verificada.

E como a documentar a sua observação, o nosso entrevistado acrescentou:

— A incorporação e construção de «arranha-céus», sendo negócio volumoso, necessita sobretudo de trabalho em equipe e de uma harmoniosa interligação de grupos econômicos. Por exemplo: incorporamos pessoalmente os edifícios «Lagoa Dourada» e «Jaguaracu», ambos de 13 pavimentos e 10 mil metros quadrados de construção, empreitando-os ao engº Wady Simão, firma bastante sólida e idônea, que já nos entregou uma parte dos prédios, estando o restante prestes a terminar. Incorporamos, também, o «Super-Building Valente», com 28 pavimentos e 340 salas e lojas. As fundações foram confiadas à Engenharia de Fundações S. A., uma das maiores organizações brasileiras dessa especialidade, responsável, inclusive, pelas fundações, dentro do mar, da grande ponte que liga a Ilha de Santos ao continente. A estrutura desse nosso edifício se acha a cargo de Severo e Vilares do Rio de Janeiro S. A., firma com 74 anos de existência e mais de quatro mil obras executadas, entre as quais o Estádio Maracanã, o Edifício do Banco do Estado de São Paulo e todas as usinas e barragens da Light.

CLÍCIA

ROBERTO F. PEREIRA

— Clícia...

Gozado... Eu não sei o nome daquela menina. Eu a chamo de Clícia, mas é sómente porque ela se parece com você. Nunca nem sequer cheguei a vê-la de perto. Também: sujo, bêbado, rôto e com a calça rasgada no joelho eu iria é assustá-la. Por isso eu a olho sempre de longe. Sentada, correndo graciosamente entre os canteiros do jardim, tal qual você fazia quando vivia. Eu não poderia por nada deste mundo querer que ela viesse a sofrer qualquer coisa.

E como ela se parece com você, Clícia! Loura. Viva. Tão alegre! Quando eu a vejo sinto impetos esquisitos de abraçá-la, beijá-la, ficar com ela horas e horas. Tenho vontade de tomá-la nos braços e fugir. Das gentes. Das casas. Das maldades.

Mas ela está sempre sentada, correndo graciosamente entre os canteiros do jardim. De calças compridas...

Outro dia ela caiu. Eu imediatamente quis correr para ampará-la. Mas faltaram-me as forças. Quanto eu desejei ajudá-la nessa hora, meu Deus! Quanto eu desejei ser forte. Muito forte. O bastante para apertar uma moeda de tostão até o Getúlio pôr a lingua p'râ fora.

Quase duas horas faltam para eu ver Clícia. Como estará ela hoje? Bonita? Triste? Alegre? Maliciosa? — Sei sómente que ao vê-la terei impetos bárbaros, mas saberei reprimi-los. Terei desejos fúnebres, mas saberei contê-los. Terei recordações ternas e as guardarei em silêncio.

Interessante. A bebida hoje está me causando um sono terrível. Eu sinto o corpo pesado. A cabeça às voltas. O rosto cheio de olhos. Moles. Cheios de visgo. Como se qualquer coisa invisível me quisesse obrigar a dormir... a sonhar...

Sonhar dormindo. Engraçado, não? Por que será que eu fui pensar nisso? — Deve ser bom a gente sonhar dormindo. Até hoje nunca me aconteceu. Acho que é porque eu sou vazio. Não tenho memória, sou um fardo. Não tenho vida, sou um autômato. Não tenho passado, presente ou futuro, sou um nada total e absoluto.

Eu sonho sempre mas é andando, falando, comendo, bebendo...

E sonho coisas tão tristes. Cobras enrolando cavernas profundas, escuras. Funerais de grilos. Fogo. Fumaça. Neve. Trombadas de carrinhos de mão. Ferros retorcidos. Fú-

ria. Chuvas. Revoltas. Serenatas de urubus.

Serenata de urubu... He-he-he.

Você já viu alguma serenata de urubu?

Vamos, responda sem debuchar!

Eu já vi muitas. De manhãzinha, na Avenida Brasil, eles abrem roda e cantam. Cantam Puccini, Leoncavallo, Wagner. Eu tiro a caixa de fósforos e bato um samba para marcar o ritmo. Depois começo a rir. Primeiro com um dente. Dois. Todos eles. Com as mãos, com a barriga, as pernas e o corpo.

E não é bebida que me faz ver essas coisas não. Eu sempre entendi os pássaros. Conversei com as árvores. Brinquei com as casas. — Tenho muita pena dessas casas brancas, compridas, que ficam aí querendo arranhar céu. — Eu vou lhe contar um segredo: — Elas não são como os homens não. Se nascem sorrindo, morrem sorrindo. Se nascem chorando nunca mais se alegram. São muito orgulhosas mas não podem andar como os postes. Voar como os elefantes. Brincar como as pedras. Só sabem rir, falar e chorar. Mas eu não gosto mesmo é de caminhão. Ele grita muito. Parece até que não tem alma.

ilust. de Wilma Martins

Depois começo a rir.
Primeiro com
um dente. Dois.
Todos eles.
Com as mãos, com a
barriga, as pernas
e o corpo.



Cícilia. Você gosta muito de mim, não é mesmo? Eu fujo de você, você está junto de mim. Eu evito você, você está me acompanhando. Eu me esconde de você, você está a meu lado.

Vá embora, Cícilia! Por que é que você não me deixa? — Eu estou querendo beber, e quando bebo e você me olha eu me sinto tão diminuído que tenho vergonha de ser tão pequeno. Fico com vontade de me esconder nas garrafas das prateleiras.

Mas elas estão tampadas...

Por favor! Tire êstes olhos de cima de mim. Eles me perturbam, me censuram, me tiram por completo a liberdade. Você sempre foi teimosa, mas antes eu gostava de você. Gostava porque você me abraçava. Me beijava. Ficava muito e muito tempo em meus braços. Até dormia comigo. Você era muito bonita, mas me dava muita preocupação por ser muito nova. Tinha apenas dez anos e a cabecinha mais tonta de tôdas as cabeças tontas do Rio de Janeiro.

Até para nascer você deu trabalho. Tivemos que fazer uma operação difícil em sua mãe, e o médico julgou que podia salvar as duas. Você se salvou...

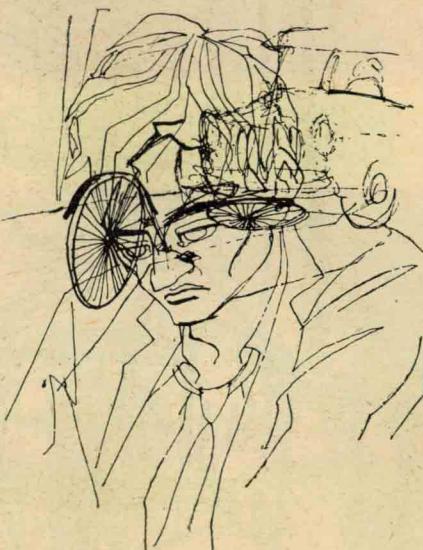
Depois cresceu de calças compridas. Olhos verdes.

Grandes. Cabelos louros. Viva e alegre. — Eu lhe comprei muitos brinquedos. Eles foram desprezados. Eu lhe comprei muitas bonecas. Elas ficaram espalhadas pelo quarto. Tristes. Nuas. Olhos furados. Braços arrancados. Esquecidas.

Até Katia. Aquela boneca grande, de louça, que usava «rabo de cavalo» e que falava. Você fez questão de lhe quebrar o ventre para que o «aparelho fonador» funcionasse em sua mão.

Mas você gostava muito de se sentar e correr graciosamente entre os canteiros do jardim. Pelo cimento das calçadas. Pelo asfalto das ruas.

Puxa, Cícilia! Mas como eu estou com sono. Você vai me perdoar, mas eu vou recostar



um pouco a cabeça sobre esta mesa...

☆☆☆

Cícilia!

Onde está você, Cícilia? Será que só porque eu dormi um pouco você se escondeu? Vamos, venha p'ra perto de mim.

Ah... Ela deve ter ido ao jardim ver a outra. Eu é que hoje não irei, porque me aconteceu uma coisa muito especial: eu sonhei dormindo!

Era um escritório, grande. Tinha papéis e máquinas de escrever. Rapazes engravados, de calça azul-marinho e mocinhas risonhas querendo parecer santas. Tinha até secretárias de óculos, com os cabelos presos à nuca. Leis penduradas pelas paredes.

E o meu gabinete! Era bonito, limpinho e com móveis modernos. Eu era o chefão. Bem nutrido, unhas polidas, cabelos bem penteados e roupas novas.

Um dia... um dia o telefone me chamou com urgência à minha casa. Eu saí às pressas com os pensamentos em arruaças. E acordei, quando ao entrar no jardim de minha casa, encontrei a um canto, todo retorcido, amarrado e quebrado como se saído de baixo de algum caminhão, um monte de ferro, que ainda cedo era a bicicleta nova de minha filha.

Respostas do Teste da Página 58

1. Terra, 12.740 m de diâmetro; Marte, 6.760 m;
2. Amazonas (desmembrou-se do Pará em 1822); Paraná (desmembrou-se de São Paulo em 1853);
3. Chumbo (pêso atômico 207,21); Ferro (pêso atômico 55,84); 4. O cavalo (que pode ser adestrado); 5. A velocidade da luz, 300.000 km por segundo; velocidade do som, 340 metros por segundos; 6. Tratando-se dos mesmos números, o MMC (mínimo múltiplo comum) há de ser maior que o MDC (máximo divisor comum); em algarismos romanos, MMC = 2.100; MDC = 1.600; 7. Alagoas, 58.491 km²; Sergipe, 39.000 km²; 8. A esmeralda; 9. «Requiem» é a Missa de Defuntos; «Scherzo» é uma forma do Minueto; 10. «A Viúva

Alegre» uma opereta; «Madame Butterfly», uma ópera trágica; 11. O período de Neanderthal foi seguido imediatamente, pelo de Cro-Magnon; 12. Punta Arenas fica no extremo sul da Argentina; Punta del Este situa-se no Uruguai, bem mais ao norte; 13. O «Empire State» tem 385 m de altura; a Torre Eiffel, 300 m; 14. O terremoto; 15. O Nilo mede 6.450 km; o São Francisco, 3.160 m; 16. Sírio tem a magnitude aparente de 1,6; Canopus, de 0,9; 17. O sabiá; 18. A civilização grega deixou influências que continuam até hoje; 19. Gustavo Doré só desenhava a bico de pena; 20. O granito.

Eleita a «Glamour-Girl»...

Conclusão da pag. 53

to. Frequentadora assídua de bai-les, cinema e reuniões sociais.

Marilda de Castro Trópia, filha do casal João Trópia—D. Geraldina de Castro Trópia. Como suas colegas, gosta de esportes, preferindo natação. Tem dezenove anos e estuda vários idiomas, pois seu sonho é viajar.

Alair Perini, filha do casal Frederico Perini—D. Adelina Rosa. Pratica esportes no entusiasmo de seus vinte anos e estuda na Escola de Farmácia de Ouro Preto.

ALTEROSA registra a presença à encantadora festa dos casais Srs. e Sras. Dr. Raimundo Campos Machado, Dr. Antônio Pinheiro, Dr. Alberto Barbosa, Dr. Altamiro Tibiriçá Dias, Dr. Antônio Moreira de Calais, prof. Vicente Ellena Trópia, Teófilo Álvares da Silva, Dr. Roberto Lacerda, Dr. Washington Andrade, Dr. Múcio Junqueira, e senhoritas Gilda e Edna Dias, Taís Andrade, Cremilda Miranda, Jucelita e Celinha Silva, Branca Simões, e outras figuras da sociedade ouro-pretana.

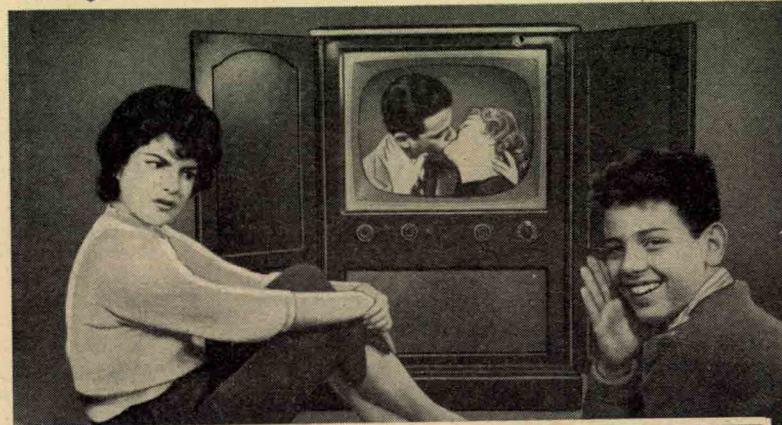
Abstracionismo é Perigoso

UM conhecido cardiologista parisiense, o Dr. Elie Bontzolakis, afirma que entre quatro pintores abstratos, três sofrem de tensão nervosa, pressão alta e outros distúrbios circulatórios. E não é só isso! Diz ele que, quanto mais abstratos os quadros, piores as condições dos pintores. O médico tratou, nos últimos anos, de nada menos que 70 abstracionistas, e observou que, em alguns casos, a melhora do estado de saúde dos seus pacientes verificou-se como consequência da sua passagem do abstracionismo para o impressionismo.

O Sósia de DeGaulle

O MÉDICO francês, de 62 anos, Dr. Fraissard, possui tal semelhança com o general De Gaulle, nos traços, nos gestos e no porte, que a vida para ele se está tornando cada vez mais complicada: mal entra em algum lugar, vê todos os presentes colocarem-se de pé; se anda pelas ruas, vê-se rodeado de pessoas a lhe pedirem autógrafos. E é uma confusão tremenda. Entretanto, para fugir à curiosidade da multidão e não querendo submeter-se a uma operação plástica, o Dr. Fraissard resolveu refugiar-se na Sicília.

Romance... só na TV!



CREME DENTAL **COLGATE**

limpa e embeleza os dentes - combate o mau hálito e ajuda a evitar a cárie!

COLGATE é o Creme Dental da mais pura qualidade que existe. Sua espuma ativa e penetrante, destrói as bactérias e ácidos causadores da cárie e do mau hálito. Pelos resultados positivos que oferece para a saúde dos dentes e a higiene da boca, COLGATE é o creme dental preferido por milhões de pessoas no mundo inteiro!



O Assombroso Tatu

Esse quadrúpede blindado é uma das mais estranhas esquisitices da Natureza

AÚNICA chapa blindada que os conquistadores espanhóis encontraram, quando invadiram o território ao sul do Rio Grande, era usada por um animalzinho de aspecto engraçado que eles prontamente apelidaram de «armadillo», ou «pequena armadura». Uma vez passado o choque que tiveram os espanhóis ao ver aquela sobrevivência em miniatura da era dos animais encouraçados, causaram-lhe os nativos uma série de choques menores.

Vieram a saber os espanhóis que o tatu fêmea sempre pare quatro crias do mesmo sexo — quadrigêmeos; que os tatus são espíritos malignos: cavam as sepulturas e alimentam-se da carne dos cadáveres; que cruzam pequenas correntes caminhando-lhes pelo leito e as grandes, inchando a ponto de ficarem rotundos como balões; que um tatu pode cavar num chão fôfo tão depressa que um homem não pode pegá-lo; como o casco foi colocado no tatu como um natural prato para cozinhar: basta tirar-lhe as entranhas e colocá-lo em cima de

brasas... e pronto! uma sabrosa comida! E mais, que os tatus e as cascavêis são camaradas, vivendo juntos no mesmo buraco.

Os indígenas disseram muito mais; os caras-pálidas acharam que a maior parte não passava de mito. A maior parte é, porém, verdade.

Vejamos o caso dos quadrigêmeos. É assim mesmo que acontece. Geralmente há quatro crias numa ninhada e, sem exceção, são do mesmo sexo e gêmeos. Provêm do mesmo ovo.

E' verdade que os tatus cavam as sepulturas rasas... mas não para comer carne podre. Seu objetivo são os insetos e larvas e não o cadáver. Alimentam-se quase exclusivamente de insetos e outros minúsculos exemplares da vida animal, podendo engolir 40.000 formigas duma assentada.

Os índios estavam certos no que se refere ao sistema de travessia d'água pôsto em prática pelo tatu. Ao vadear pequenas lagoas ou riachos, caminha simplesmente pelo fundo, inteiramente debaixo d'água. Seu peso

casco conserva-o no fundo.

Em largas correntes, nada a princípio com grande esforço, lutando por conservar o focinho inteiramente fora d'água. Engole ar enquanto nada e em breve está flutuando perfeitamente, remando ao longo sem esforço. Seu estômago e seus intestinos estão equipados de válvulas de reclusão para reter o ar.

O tatu é um animal cavador e quando atacado mete-se numa toca ou cava uma, se o chão é fôfo. Pode desaparecer dentro dum solo fôfo num espaço de tempo espantosamente curto e, uma vez que começa, nem o homem mais forte consegue puxá-lo para fora pela cauda, numa franca luta de quem-puxa-mais. Mas o homem pode, por meio de ardil, fazer sair o tatu da toca. O meio lento e seguro é manter tensão uniforme na cauda do animal. Eventualmente tentará o tatu agarrar-se mais profundamente. Aí a gente ganha uma polegada, e se continuar assim, ganhará tudo.

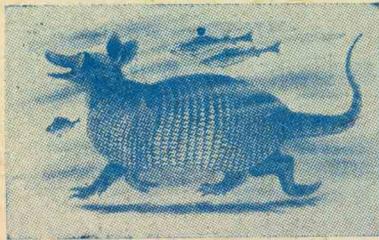
O método mais rápido e mais arriscado é colocar a mão por baixo do tatu e fazer-lhe cócegas na barriga. Afrouxará seu afêrrro, mas poderá rasgar a pele da mão da gente, quando o fizer. Uma vez sólito, o único meio seguro de erguê-lo é pela base da cauda.

Quando um tatu é atacado, ou quando pensa que está a ponto de ser atacado, não se enrola formando uma bola, como algumas pessoas sustentam, muito embora possa recolher sua cabeça e seus pés dentro do casco. Em vez, tem o hábito de pular, súbita e violentamente, do chão. Tal pulo pode quebrar a metade dos dentes de um cachorro ou o dedo de um homem. Não é tão bem sucedido nas estradas de rodagem, onde milhares de tatus são mortos todos os anos em virtude de loucos pulos contra o lado de baixo dos automóveis que passam.



O tatu é caçado para fins comerciais, principalmente por cau-





sa de seu casco, enfeitado em forma de cesto, arranjado como quebra-luz ou novidades parecidas. Algumas fazendas, como por exemplo a Fazenda Apelt, em Salado, no Texas, têm tido bons lucros criando tatus presos e há pessoas que os apreciam como animais caseiros.

Aprendem êles a distinguir seus donos pelo tom de voz e pelo cheiro, pois sua vista é muito curta. Chegarão quando chamados, sentando-se e estendendo as patas dianteiras, enquanto batem com a cauda no chão, pedindo comida.

A maior parte dos anglo-americanos recusam categóricamente comer carne de tatu, muito embora seja levemente colorida, tenra e tenha pouco «fartum», se as glândulas odoríferas forem removidas logo depois de ser morto o animal.

A carne tem um tanto o sabor da de leitão ou de tartaruga. Os latino-americanos comem-na com gôsto e pelo menos um mercado de carne no Texas oferece à venda tatus a um dólar cada um.

O casco do tatu resiste às garras e aos dentes, mas substitui pobramente a pelica no resistir ao frio. Deve-se a isso, não terem êles avançado para as regiões mais frias, como vem acontecendo nos Estados Unidos, por exemplo, onde, em outras regiões menos frias o número deles tem crescido extraordinariamente, a ponto de ultrapassarem seu habitat originário, perto da foz do Rio Grande e invadirem os Estados de Oklahoma, Arkansas, Louisiana, tendo mesmo atravessado o Mississippi.

Sim, os tatus são muitas vezes encontrados nas mesmas tocas com cascavéis. Mas trata-se apenas de uma accidental escolha de lugar para hibernar, não havendo relação de camaradagem intima. E' justamente um dos muitos mitos a respeito do assombroso tatu. — Hart Stilwell.

NOSSAS CRIANÇAS

O EXEMPLO AJUDA A CRIANÇA A ENFRENTAR AS DORES



MESMO sem perceber, a mãe pode ensinar seu filho a enfrentar corajosamente a dor ou a chorar e lamentar-se diante do mais insignificante machucado. Mesmo antes de a criança entender as palavras e aprender a falar, ela é capaz de sentir e de perceber o medo que se apodera de sua mãe, quando lhe acontece machucar-se ou cair. Estendida sobre um cobertor colocado no chão, aos cinco ou seis meses de idade, a criança pode rolar e bater com a cabeça nas pernas de uma cadeira, chorando imediatamente ou deixando o chôro para bastante tempo depois do acidente. Se deixada sózinha, naturalmente passará muito tempo sem se lembrar de chorar. Mas acontece que o impulso natural da mãe é apanhá-la e sacudi-la nos braços, externando a sua ansiedade na voz e no seu corpo todo. Depois de repetidas experiências como esta, mesmo quando a dor for simples e passageira, a criança tenderá a chorar durante longo tempo, diante das mais simples ocorrências.

Se a criança cai de uma mesa, de um carro ou do berço, é lógico que pode machucar-se, assim como pode acontecer se a queda for de uma cadeira muito alta. Mas por maiores que sejam os cuidados, ninguém pode estar sempre atento e vigilante contra tais acidentes e, por isto, felizmente, a criança é protegida contra machucados graves pelo próprio fato de os ossos serem ainda tenros. Não adianta, pois, que a mãe fique sempre cheia de cuidados, inoculando no espírito do seu filho, ainda que inconscientemente, um medo ilimitado.

Depois, pode ser que venha o tempo em que a criança necessite de injeções e de pequenos cuidados cirúrgicos. Neste caso, os pais muito se beneficiarão observando a calma do médico ou da enfermeira ao aproximar-se do pequeno enfermo. Naturalmente, talvez seja mais fácil para êles conservarem a calma, por saberem o que têm a fazer. Não obstante, nós pais precisamos nos disciplinar-nos e tentar imitar a atitude dos profissionais.

Nosso bom senso e nosso controle próprio são testados até o limite, quando, por exemplo, sabemos que nosso filhinho deverá sofrer uma operação de garganta, e então, nós mesmos o levamos para o hospital ou vamos visitá-lo lá.

A fim de dar um bom exemplo para nossas crianças, precisamos agir como pessoas adultas, quando enfrentamos qualquer dor. Meu dentista contou-me recentemente que um cliente seu fizera um barulhão em casa a respeito da dor que havia sofrido no consultório. Alguns dias depois, quando seu filhinho de nove anos necessitou de um pequeno cuidado dentário, êle teve grande dificuldade em levar o rapazinho ao dentista.

Pelo exemplo e pelo natural controle próprio, podemos ensinar as nossas crianças a se manterem firmes diante das dores físicas e a enfrentá-las estóicamente — Dr. Garry C. Myers.

AGORA em Português



Um novo livro de
Carlos B. Gonzalez Pecotche
(RAUMSOL)

LOGOSOFIA CIÉNCIA E MÉTODO

TÉCNICA DA FORMAÇÃO
INDIVIDUAL CONSCIENTE

Contém os principais
lineamentos da con-
cepção logosófica, da
qual surge uma nova
cultura para a huma-
nidade.

NAS PRINCIPAIS
LIVRARIAS

TAMBÉM EDIÇÕES EM
CASTELHANO E INGLÊS

PELO REEMBOLSO POSTAL

Pedidos à Livraria

OSCAR NICOLAI

AV. Afonso Pena, 776
Belo Horizonte — Minas

O anúncio em ALTEROSA
custa sempre menos, con-
siderado em relação à tira-
gem e às classes de leitores
que serão atingidos. Apro-
veite bem suas verbas de
propaganda, anunciando sem-
pre em ALTEROSA.

DR. JOSÉ CHIABI

Clinica e cirurgia de
Ouvido, Nariz e Garganta

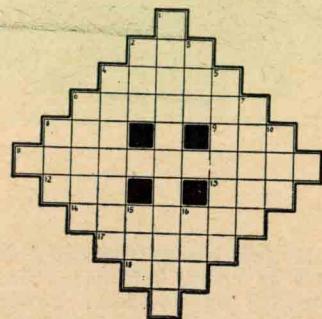


Edif. Banco Crédito Real — 13º
pav. — sala 1302 — Rua Espírito
Santo, 495 — Telefone: 4-4040

ERNESTO ROSA NETO

PALAVRAS CRUZADAS

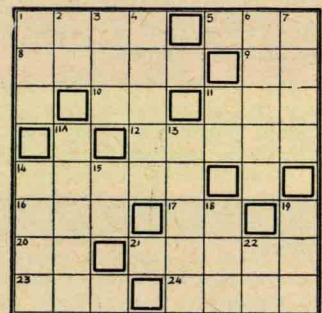
VETERANOS



HORIZONTAIS: 2 — ave gigantesca e fabulosa. 4 — desbastar. 6 — estrofes de oito versos, nas quais o 1º, o 4º e o 7º são iguais. 8 — jôgo de cartas. 9 — apologia. 11 — nojento; repugnante. 12 — pedra. 13 — sirga; reboque. 14 — delongarás. 17 — espécie de musselina que vem da Índia. 18 — a personalidade de cada homem.

VERTICIAIS: 1 — (anat.) falange dos dedos dos pés. 2 — magoa. 3 — óxido de cálcio. 4 — escrito em prosa. 5 — resistes. 6 — espécie de peixe salmonídeo. 7 — inércia; indolência. 8 — tomba. 10 — antropônimo feminino. 15 — irrite. 16 — grande quantidade.

NOVATOS



HORIZONTAIS: 1 — gracejavam. 5 — mau cheiro. 8 — instrumentos de ataque e defesa. 9 — atmosfera. 10 — outra coisa. 11 — aranha amazônica. 12 — parede de barro com enxaiméis e fasquias de madeira. 14 — listas; catálogos. 16 — repetição. 17 — prefixo que indica aproximação. 20 — letra grega. 21 — instrumento agrícola. 23 — grande barbatana peitoral de alguns peixes. 24 — pregas.

VERTICIAIS: 1 — arrás. 2 — morrer. 3 — senhora. 4 — súcia; catarva. 6 — arena. 7 — cantiga. 11 — grito de dor. 11A — peça de atafona (pl.). 13 — planta da família das aristoloquiáceas. 14 — simples. 15 — poeira. 18 — oferecer. 19 — tira de pano que rodeia a cintura em certas peças do vestuário. 22 — contração de preposição com artigo.

Soluções do Número Anterior

VETERANOS — **Horizontais:** 1 — alterosa. 8 — si. 9 — rival. 10 — cal. 12 — ga. 13 — amido. 15 — am. 16 — ré. 17 — árabi. 19 — it. 20 — lár. 21 — ditar. 25 — ré. 26 — eremita.

Verticais: 1 — ascáride. 2 — liame. 3 — er. 4 — rigor. 5 — ova. 6 — sa. 7 — alamires. 11 — li. 14 — datam. 15 — abara. 18 — al. 19 — ite. 22 — ir. 24 — ri.

NOVATOS — **Horizontais:** 1 — dia. 3 — na. 5 — zarza. 9 — na. 11 — ar. 12 — tur. 13 — ro. 14 — sa. 16 — talamentos. 20 — alma. 22 — irar. 23 — nausearias. 25 — ra. 26 — ad. 27 — ara. 28 — lô. 29 — or. 30 — sisar. 31 — ré. 32 — ras.

Verticais: 1 — dativo. 2 — irar. 3 — num. 4 — arenas. 6 — aros. 7 — rosear. 8 — asara. 10 — acasos. 12 — taras. 15 — ali. 17 — lar. 18 — nada. 19 — tu. 21 — mala. 24 — are.

Presente das grandes festividades



JOYA

EXTRATO • LOÇÃO • COLÔNIA

— MYRURGIA —



EURO QUER DIZER VENTO FORTE

Reportagem de MAURO SANTAYANA

(Fotos do arquivo de ALTEROSA)

ADITADURA acabara de cair quando o rapaz Euro Luiz Arantes chegou a Belo Horizonte. O País começava a experimentar o governo democrático do Sr. Eurico Gaspar Dutra, depois da melancólica intervenção do Sr. José Linhares e Euro Luiz Arantes vinha fazer o seu curso de Direito. Seus planos não diferiam de o de milhares de jovens — estudar, conseguir o seu anel de bacharel e voltar a Ubá, onde montaria sua

banca de advogado, faria fortuna, casar-se-ia com alguma conhecida da infância e seria um burguês pacato, com galinhas no quintal e um sítio para passar os domingos. Se bem trouxesse, junto com as recomendações do pai e o dinheiro para as primeiras despesas, uma experiência jornalística (fizera o "Escorpião", jornal humorístico, em sua terra) Euro não pensou em jornal, de inicio. Matriculou-se no "Afonso Arinos" para terminar o curso cien-

O mais votado parlamentar da UDN e o que recebeu maior número de votos, em Belo Horizonte, Euro Luiz Arantes tem 32 anos, é solteiro, luta judô e anda armado com um "38". Possui inimigos em profusão, mas é bem maior o número de seus amigos.

Em poucos meses de atuação parlamentar, já agitou a Assembléia com várias denúncias. Leva ao plenário os documentos, exibindo-os aos seus pares, como o vemos na foto, exibindo os documentos da corrupção policial em Belo Horizonte.



EURO QUER DIZER VENTO FORTE



Homem de jornal antes de tudo, Euro trabalhou na Folha de Minas, Informador Comercial e Tribuna de Minas, até que se dedicasse inteiramente ao seu semanário. O jornalista Moacir Andrade o despediu da Folha de Minas, dizendo-lhe que "não tinha jeito para a imprensa".

nas duzentos cruzeiros. Entrou para a "Folha de Minas" da mesma forma que milhares de jovens ingressam no periodismo: como "attaché", sem ganhar nada. Três meses depois, o jornalista Geraldo Alvim admitia-o como funcionário do órgão com o salário de seiscentos cruzeiros. Já era alguma coisa.

Euro levava uma vantagem sobre os colegas. Geralmente, quando um rapaz se inicia na carreira jornalística, o faz pelo pior setor da imprensa: aquêle que dá mais trabalhos e menos renome — a reportagem de polícia. Euro trabalhava na reportagem geral. E isto lhe possibilitou uma visão completa da vida da metrópole, com suas mazelas, com a corrupção política comentada nas rodas profissionais e nunca divulgadas em preto e branco, devido às eternas injunções. O germe do "Binômio" deve ter surgido por essa ocasião. Euro, como muitos outros jornalistas, pensava em ter o seu jornal, em que, livre das peias dos interesses, pudesse contar aquilo que lhe parecesse ser a verdade.

Substituído o Sr. Milton Campos pelo Sr. Juscelino Kubitschek, as-

sumiu a direção da "Folha" o jornalista Moacir Andrade. E o novo diretor tratou de "limpar" o jornal daqueles elementos que lhe pareciam ser udenistas. Euro era um deles, apesar de, nessa época, nenhuma ligação ter com o partido. Era (e é) militante do Partido Socialista e foi convidado pela UDN, mediante acordo inter-partidário. Moacir arranjou uma desculpa para dispensar o rapaz. Chamou Euro ao seu gabinete e lhe disse, meio pesaroso, que o jovem "não tinha jeito para a profissão" e que seria um entrave à sua vida "mantê-lo em jornal onde nunca seria vitorioso".

Euro procurou, então o "Informador Comercial", onde conheceu o jornalista José Maria Rabélo, seu companheiro do "Binômio" até hoje. Conversou com o colega sobre o seu antigo plano de fazer um jornal independente, mas ficaram apenas na conversa. O "quebra-quebra" de 1952, que atingiu os cinemas de Belo Horizonte precipitou o nascimento do periódico. Euro chamou o seu colega à "república" em que morava e fizera o primeiro número do jornal. Para custearlo, apelaram para a bancada da UDN, composta de 22 deputados. Cada um contri-

tífico (terceiro ano) e, para não pesar ao pai, arranjou um empréstimo de propagandista de laboratório. Seu primeiro salário (era 1946) foi de quinhentos cruzeiros mensais. Com a pasta cheia de amostras, percorria os consultórios médicos, conversava com os profissionais, até que terminasse o seu horário de trabalho. Ia, então, para o Colégio e estudava. Muitas vezes, em época de prova, valia-se dos estimulantes de amosstras, para manter-se acordado no seu quarto de pensão.

Terminado o científico, entrou para a Escola de Direito da UMG. E continuou percorrendo os consultórios médicos, como propagandista do "Instituto Bioquímico" até 1950, quando resolveu fazer a experiência de jornal. Euro chegara à conclusão de que ser propagandista de laboratório não trazia nenhum futuro. Progredira, nos quatro anos de trabalho, ape-

Euro nasceu em "Sapé de Ubá", hoje Guidoval. Com sua mãe, até hoje professora, fez o curso primário na "Fazenda Santana da Serra".

buiu com cem cruzeiros. O primeiro número custou pouco mais de dois contos. Hoje, cada tiragem do "Binômio" custa mais de duzentos mil cruzeiros. Os primeiros tempos do jornal foram duros, com perseguição policial, falta de dinheiro, retrairoamento dos anunciantes e tudo mais. O jornal era humorístico e seus principais personagens, como élé mesmo anunciaava, eram Juscelino, Geraldo Starling, Pedro Pereira Filho e o banqueiro Antônio Luciano. Euro confessa que a perseguição policial ao "Binômio" era feita sem a audiência do governador. Um dia — e esta informação já não é do deputado — o Sr. Luiz Soares da Rocha, chefe de Polícia, procurou o governador com um número do "Binômio" debaixo dos braços. Mostrou ao governador, meio sem jeito, uma matéria inserida naquele número: a "História Secreta dos Amôres do Nonô", e perguntou ao chefe do governo que medidas devia tomar contra Euro Arantes. Juscelino leu a matéria, deu um sorriso e disse ao seu chefe de polícia:

— "Mas, apenas por isto você quer prender o rapaz? Ora, deixe o moço fazer a sua brincadeira. Está até muito engraçada..."

Pouco a pouco o semanário foi



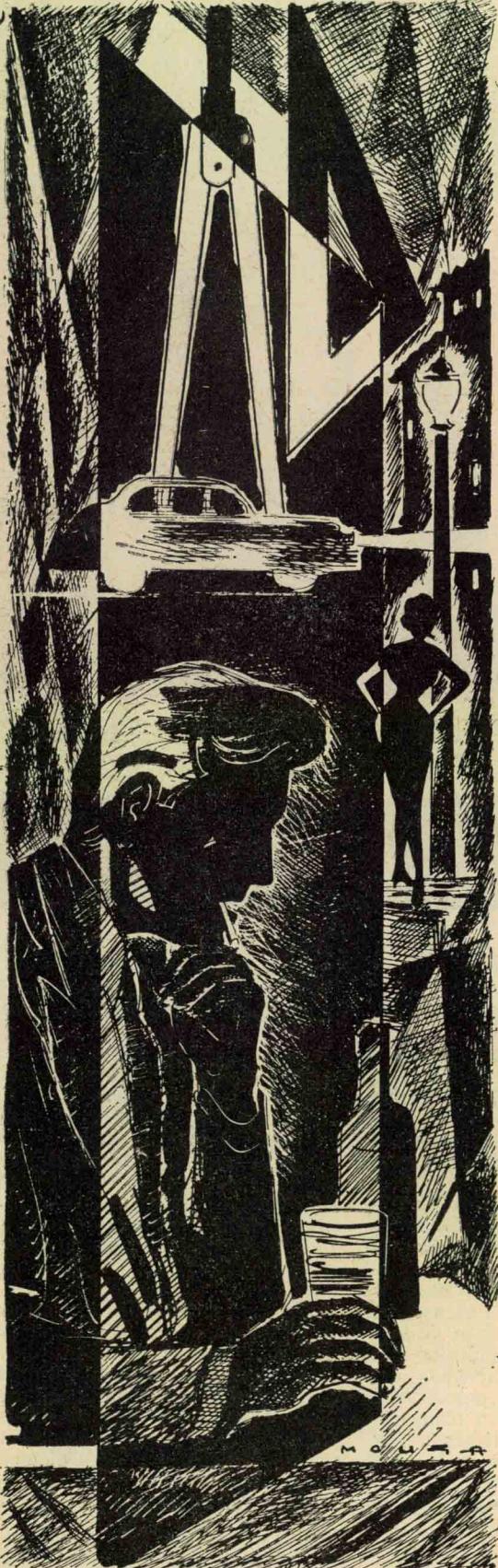
deixando o seu estilo humorístico e entrando com seriedade nos assuntos políticos e econômicos. Começou a fase das denúncias fundadas, com documentos seguros. E a substituição do Sr. Juscelino Kubitschek pelo Sr. Clóvis Salgado foi um marco na vida do jornal. Entrando no governo o Sr. Bias Fortes, "Binômio" tornou-se o "jornal da semana", dentro de todos os assuntos.

Mas, voltemos a Euro, neste fim de reportagem. "Faixa-alaranjada" de judô, na Academia do professor Antônio Alves, Euro anda hoje constantemente armado de um revólver 38. Acha que os seus oitenta quilos e os golpes de luta japonêsa não são suficientes para lhe dar cobertura completa, devido aos inimigos que possui. Mas se considera um homem realizado. O mais votado parlamentar da UDN, que já foi derrotado uma vez (como candidato do PSB) acha que já conseguiu alguma coisa

na vida — mas ainda não é chegado o tempo de parar.

De quando em quando volta a Ubá, para visitar os seus pais, sempre aflitos quando Euro se mete em alguma complicação na metrópole. Volta também a Guidoval, que se chamava "Sapé de Ubá", quando, há 32 anos, nasceu, na "Fazenda Santana da Serra". Foi menino de roça como todos e fez o curso primário com sua mãe, ainda hoje professora primária em Ubá. Seu pai não era fazendeiro — administrava apenas a propriedade. Hoje, é comerciante e inspetor de seguros.

E é este o deputado Euro Luiz Arantes, um dos mais combativos da UDN, apesar de não pertencer oficialmente aos seus quadros. E é, também, a história de um menino de Ubá, que veio para Belo Horizonte buscar um anel de advogado e conseguiu um diploma parlamentar em poucos anos de atuação jornalística.



O CRIME NÃO
COMPENSA

**Quando a bebida e a paixão se
reúnem, o crime pode ser o passo
seguinte de um homem.**

E NOITE, entre 12 e 13 de março. Numa ponteinha, perto de Milão, detém-se um automóvel preto, levando a bordo um homem e uma mulher. Ela é Paola Del Bono, e entrou no veículo há poucos instantes. E' como tantas outras que circulam tôda noite, entre a Porta Venezia e a Praça Tricolor, detendo-se sob os lampões, esperando quem passe e as chame. Paola é morena, bonita, costuma ter mais sucesso do que as suas colegas. Desta vez, porém, sua viagem não tem volta...

O automóvel parou. Os dois estão sózinhos dentro da noite, ninguém os vê, ninguém os ouve. E, a 19 de março, quando o engenheiro Roberto Dalla Verde se apresenta na chefatura de polícia, dizendo ter sido o último homem a aproximar-se de Paola Del Bono, abre uma cortina para a sua outra vida, aquela que vive paralelamente à de homem dedicado a sua família. No dispêndio de energias psíquicas que o seu trabalho impõe, e que se agrava dia a dia, pelo abuso do fumo e do álcool, um velho complexo seu encontrou alimento, vai-se tornando cada vez mais incontrolável. Assim, caiu uma vez, duas vezes, e a cada vez que caía, ia aumentando o seu complexo de culpa, sempre mais humilhante.

Mas o automóvel parou. Em certo momento, Paola vê nos olhos do homem um brilho ameaçador. Talvez seja por causa da emoção, talvez por causa de um momentâneo acesso de cólera — ninguém pode saber o que está acontecendo neste momento, dentro do automóvel da morte. Não o sabe nem mesmo o engenheiro Dalla Verde, que, no seu depoimento à polícia, cai em tantas e tão grandes contradições que mais parece um mitômano, exaltado pela leitura de romances policiais. Ele se acusa dos vícios mais inomináveis, põe a nu os aspectos mais vergonhosos da sua personalidade, procurando convencer a polícia de que sofre de anomalias várias.

O automóvel está parado. A porta se abre e Paola pisa o chão. A um metro de distância, correm as águas do canal. Talvez tenha saído porque o homem que a acompanha a empurrou; ou saiu apenas porque quis sair. Só uma coisa é certa: Paola Del Bono já está caminhando para a morte. Quando, mais tarde, o seu corpo fôr encontrado nas águas do canal, o seu minúsculo relógio de pulso estará marcando duas e quarenta e cinco.

Paola rolou pela ribanceira e não tem mais forças para erguer-se. Ainda está viva e a morte há de chegar por asfixia. E, enquanto ela morre, o carro negro afasta-se dentro da noite.

A Ruína Chegou No Dia 13

No meio-dia de sábado, quando o engenheiro é conduzido ao Palácio da Justiça, a loucura parece tê-lo perdido por completo. E' nesse ponto que ocorre um fato novo, quase inacreditável. Até esse momento, com efeito, ninguém se preocupou com um particular — a bolsinha da moça. Tudo foi encontrado, menos a bolsinha: onde terá ido parar? E' essa pergunta que o comissário faz ao engenheiro. A bolsa significa dinheiro; significa que, a todos os outros motivos, junta-se a suspeita de furto.

O rosto contrafeito de Roberto Dalla Verde adquire um ricto de atenção espasmódica, como se ele estivesse levando a cabo uma terrível luta interior.

— A bolsinha? A bolsinha, não! — diz ele.

Quem o vê tem a impressão de que alguma coisa já se modificou, que as energias destruídas pela sua fúria auto-punitiva se estão refazendo.

— Preciso... preciso lembrar — repete, angustiado, mas com firmeza.

Deixam-no sózinho. Talvez a solidão o ajude a recompor na mente todas as suas lembranças. A casa onde viveu a infância, Emilia, seu primeiro amor, quando cursava o ginásio. Uma menina morena e graciosa, a melhor amiga de sua irmã. E' sua mulher, agora, e mãe de seus dois filhos. O serviço militar, o diploma, o primeiro emprêgo, em Turim. Depois a transferência para Milão. Paola nascerá havia pouco, o futuro apresentava-se cheio de promessas. E trabalhava, trabalhava demais. E fumava, e bebia. Ultimamente, os projetos para a central de Santa Massenza, uma das maiores usinas da Europa. E, ainda, artigos para revistas técnicas, e mais fumo, mais álcool. As coisas se precipitaram, num remoinho de fatalidade. Não obstante as suas reservas, não obstante a distinção com que Roberto Dalla Verde, sempre mais fechado em seus segredos, trata com os outros, uma pessoa que trabalha com ele parece perceber que há qualquer coisa. E' alguém que ele protegeu, alguém que ele salvou de situações difíceis, e que talvez não queira fazer-lhe mal; mas conversa, dá com a língua nos dentes. E sucede o pior. Roberto Dalla Verde suspeita de tudo e de todos, acha que todo mundo fala dele.

Na manhã do dia 12, os seus temores pareceram ter uma confirmação definitiva. Não obstante os seus méritos indiscutíveis, não obtém a promoção que esperava. A imagem de seus vícios está diante de si, como a causa de toda a sua infelicidade. Deve

(Conclui na pag. 80)

Impressos de classe

Papéis p/ correspondência
Catálogos e Folhetos
Rótulos e Cartazes
Cartões Comerciais
Jornais e Revistas

Off-Set - Tipografia - Clichês

Preços razoáveis - Entregas rápidas

SOC. EDITORA ALTEROSA LTDA.

Av. Afonso Pena, 941 — 4º andar
End. Telegráfico: ALTEROSA
Fone: 2-0652 — Caixa Postal 219
Belo Horizonte

EXPEDIENTE: DAS 11,30 AS 18 HORAS

Departamento de Arte, para
lay-outs, desenhos e montagens

DE CABEÇA EM CABEÇA CORRE A FAMA
DOS PRODUTOS DE BELEZA
Pindorama.

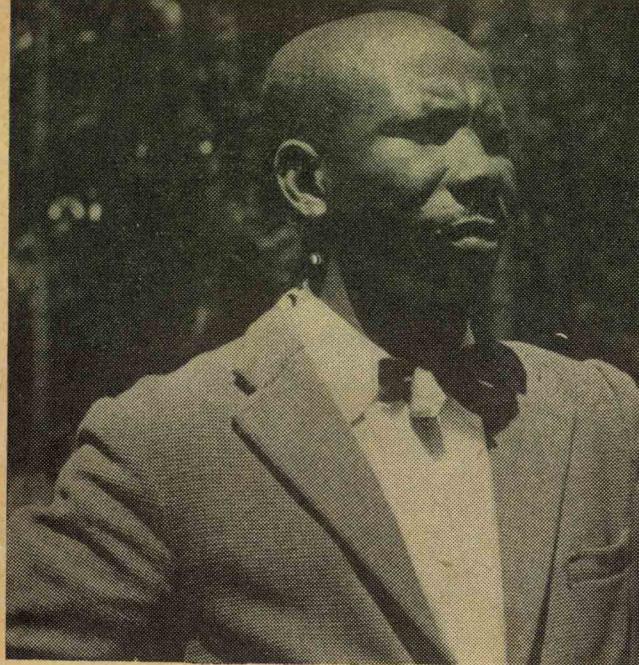
PETRÓLEO QUINADO PINDORAMA

LOÇÃO PINDORAMA

LOÇÃO PINDORAMA suavemente perfumada, devolve aos cabelos brancos a cor natural.

PETRÓLEO QUINADO PINDORAMA evita a queda e embranquecimento precoce dos cabelos.

PRODUTOS DA MAIS ALTA CONFIANÇA
PRODUTOS PINDORAMA PERFUMARIA S.A. Ed. Próprio. RUA ANNA NERY, 1944 - RIO



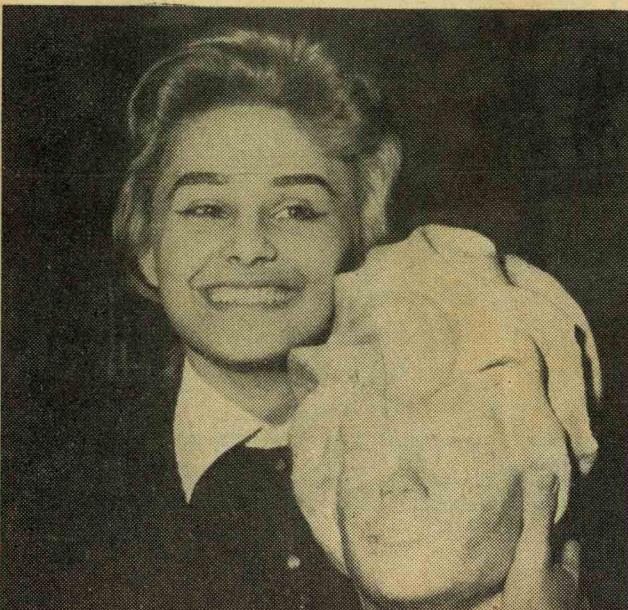
Reportagem de

ANDRÉ F. DE CARVALHO

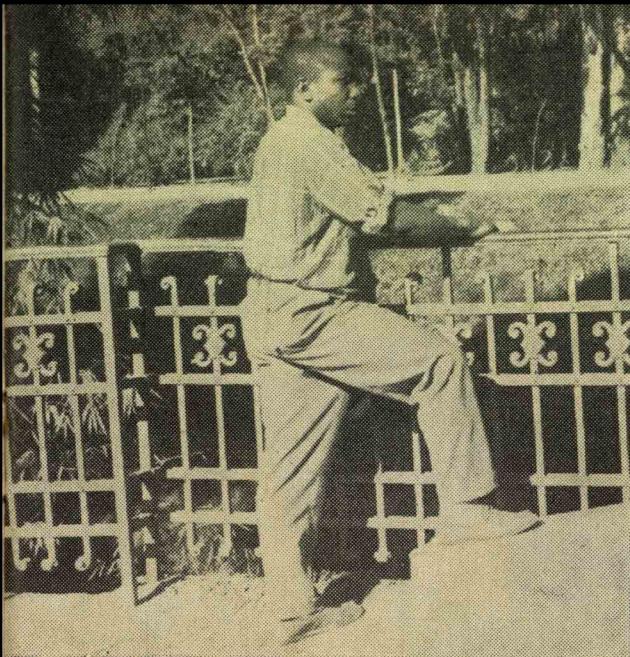
Fotos de Derly Marques

COMO NO
JÔGO DE XADREZ

REI PRÊTO E RAINHA BRANCA

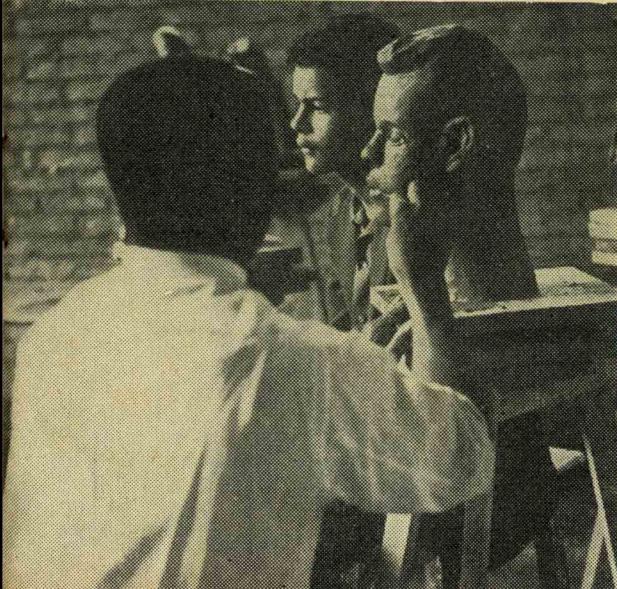


→
Trabalhando numa escultura figurativa de um colega da escola, Catarino prova como já tem uma boa técnica; a semelhança é impressionante.



A escola do Mestre Guignard é no parque municipal e nela Catarino está fazendo um curso de Belas Artes. Às vezes, contudo, deixa os estudos e se põe a andar pelas alamedas. Quem o vê, sonhador, sabe logo que é um poeta.

Catarino servia à unidade brasileira de comunicação, na última Grande Guerra. Lutou no front, mas esse é um tempo de que ele não gosta de se recordar.



Nasci na cova da dor
na necrópole do desgôsto,
Sou fantasma do amor,
da aurora ao sol pôsto !
Nasci na margem da vida,
onde a ventura dormia
meu pai chamava-se Tédio
e minha mãe Nostalgia.

Nasceu assim, e nasceu pre-
tinno, de lábios grossos, o mo-
leque Catarino. E os olhos esbu-
galhados serviam para olhar o
mundo e amá-lo, e o corpo fran-
zino, enquanto crescia, era para
ajudar em casa a mãe pobre e
lavadeira.

E a adolescência foi cheia de



amores indefinidos, que ele não
sabia a quem, nem a quê. Foi
então que surgiu o poeta, um
poeta negrinho, rodeado de gente
que não poderia nunca entendê-
lo, compreender sua mensagem de
vida e amor.

Moço feito empregado na Te-
lefônica Brasileira, andou por uma
porção de países: Argentina, Bo-
lívia, Paraguai, Chile, Portugal...
Voltou. Amava ainda. Talvez uma
mulher que ainda não tinha po-
dido conhecer. Conhecia, apenas,
a sua existência e para ela eram
os seus versos.

Serviu exército, fêz-se reservista.
Foi quando inventaram a
guerra e o meteram nela. Uma
manhã, quando acordou, estava

(Conclui na pag. 60)



Geraldo Andrada, cronista social, faz a apresentação das candidatas.



A FESTA realizada no amplo salão do Fórum de Ouro Preto para eleição da «glamour-girl» da histórica cidade que se moderniza — reuniu, num ambiente agradável, figuras representativas da sociedade local e tornou, por certo, com seu brilhantismo, a noite inesquecível.

«Última Hora» — edição mineira — patrocinou a festa com a cooperação do Centro Acadêmico da Escola de Minas, cujos alunos revelaram, no maior salão sem colunas da América do Sul, bom gosto e senso artístico através dos preparativos e da decoração.

As candidatas ao título de «glamour-girl» — (Continua na pag. 52)

Sônia Maria Alves, Maria de Lourdes Machado e Regina M. Pereira — aguardam, serenas, o julgamento.



No cenário ouro-pretano, os sorrisos de Maria de Lourdes, Sônia Maria e Marilda Trópia.



Regina Pereira e o sorriso da vitória.

ELEITA A "GLAMOUR-GIRL" DE OURO PRÊTO

Reportagem de ARISTIDES RORIZ



Aspecto de uma das mesas da festa da «glamour-girl».



Hélio Adami de Carvalho, diretor de «Última Hora» e o jornalista Milton Fernandes.

«GLAMOUR-GIRL»

mour-girl» de Ouro Preto foram cinco: Senhoritas Regina M. Pereira, a eleita; Maria de Lourdes Machado, segundo lugar; Sônia Maria Alves de Brito, Mariilda de Castro Trópia e Alair Perini — todas graciosas figuras modernas no cenário austero de Ouro Preto.

Homenageando as candidatas, a senhorita Mariza Pinheiro, rai-

nha do Centro Acadêmico, ofereceu-lhes, em sua residência, corrido coquetel.

Regina M. Pereira, filha do casal Teódulo Pereira—D. Conceição M. Pereira, tem dezessete anos, adora esportes e está cursando a 4^a série ginásial do Colégio Providência, de Mariana.

Maria de Lourdes Machado, filha do casal José Machado—D.





Marilda Trópia palestra, aguardando o resultado.



Regina, a «glamour-girl», ao lado da mamãe, D. Conceição M. Pereira.

Alice Silveira Machado, é professora e tem vinte e dois anos. Gosta de esportes, mas possui especial preferência pela natação.

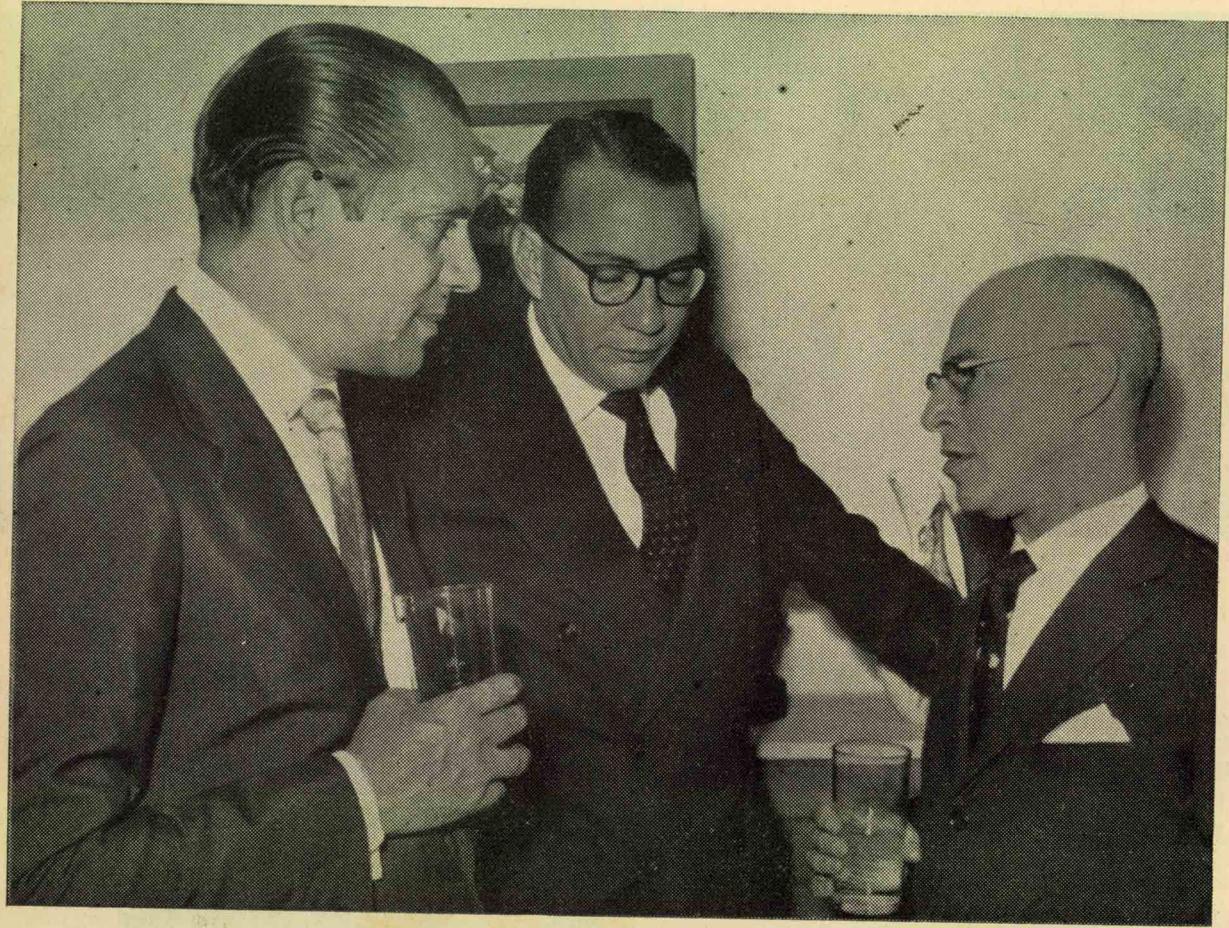
Sônia Maria Alves de Brito, filha da viúva prof. Reinaldo Otávio Alves de Brito, tem dezessete anos e cursa o primeiro ano de formação. Gosta, também de esportes, sendo vôlei seu predile-

(Conclui na pag. 37)

O jornalista Hélio Adami entrega o prêmio à vencedora, Regina Pereira.



Marilda Trópia e Alair Perini aguardam, confiantes, o julgamento.



O Sr. Alair Couto, o Ministro Sette Câmara e o banqueiro Assis das Chagas.

Fotos de NELSON



As senhoras Sette Câmara, Nelson Ferreira Pinto, José Carlos da Silva Prado e o banqueiro Tales Assis das Chagas.



O Sr. Tancredo Neves com o Sr. e Srª Evaldo Loyola, numa animada palestra, vendo-se ao fundo o homenageado.

A SOCIEDADE BELO-HORIZONTINA HOMENAGEIA

SETTE CÂMARA

Reportagem de WILSON FRADE

PESSOAS de destaque em nosso mundo oficial, social e político foram espontâneamente ao Iate Golf Clube, onde homenagearam o Ministro Sette Câmara, recentemente nomeado por JK, Chefe da Casa Civil da Presidência da República. Além do jantar, outras homenagens se sucederam. Entre elas, um "drink" após o banquete, em uma residência da Pampulha e ao qual compareceu um grupo selecionado da sociedade belo-horizontina. Dêste "drink" são os aspectos fotográficos desta reportagem.

Sette Câmara, aos trinta e oito anos de idade e depois de passar por vários postos de relevo da carreira diplomática e da administração do País, atinge o alto cargo de Chefe da Casa Civil da Presidência da República, com os aplausos inclusive da oposição. E foram seus méritos que inspiraram o Presidente a convidá-lo. Na sub-Chefia da Casa Civil, se revelara um político hábit, honesto e de personalidade, decidindo com sabedoria os pro-



O Sr. e Sr^a jornalista Britaldo Soares com a escritora Lúcia Machado de Almeida, que promete para breve novo livro.



O Sr. e Sr^a Alair Couto, o ministro Sette Câmara, o Sr. e Sr^a Paulo Tarso Flecha de Lima, confraternizam-se num ângulo do salão.

blemas de seu setor, descansando o Presidente que sentia, em cada decisão sua, o homem de tirocínio e antes de tudo dedicado. Em sua carreira diplomática, a qual iniciou por concurso em 45 obtendo o primeiro lugar, foi cônsul em Montreal; Delegado do Brasil junto à Organização das Nações Unidas; cônsul do Brasil em Florença, chegando a ministro por merecimento. Foi ainda Assessor do Membro Brasileiro da Comissão de Direito Internacional das Nações Unidas; Assessor da Delegação do Brasil à V Assembléia Geral nas Nações Unidas; Secretário da Delegação do Brasil à IV Reunião da Consulta dos Ministros das Relações Exteriores das Repúblicas Americanas em Washington; assessor do Presidente eleito Juscelino Kubitschek em sua viagem por países da América e Europa, Delegado do Brasil à Conferência das Nações Unidas sobre Direito Internacional do Mar, em Genebra;

A sociedade belo-horizontina homenageia SETTE CÂMARA

Delegado do Brasil ao I e II períodos de sessões da Comissão Especial do Conselho de Organização dos Estados Americanos para estudar a formulação de novas medidas de cooperação econômica, em Washington e Buenos Aires. É portador das mais altas condecorações nacionais e internacionais. No setor da administração foi secretário do Sr. Lourival Fontes, quando este era Chefe da Casa Civil do Presidente Vargas; sub-chefe da Casa Civil do atual Presidente e Secretário Geral do Conselho Coordenador de Abastecimento (órgão presidido pelo Presidente da República e integrado pelos Ministros de Estado) com a categoria de Ministro de Estado, cargo que deixou para ocupar a posição que atualmente ocupa.

A vertiginosa carreira do Ministro Sette Câmara, tanto no setor diplomático como no administrativo, foi feita com a modéstia que sempre o caracterizou desde os bancos escolares. Mineiro do bom, que se dedica ao trabalho e solução dos problemas brasileiros sem permitir que em torno desse fato se faça alarde e publicidade, não pôde desta vez fugir às homenagens que lhe foram prestadas pelos amigos. E teve a satisfação de sentir no fim de semana que passou em Belo Horizonte, o carinho com que seus amigos acompanharam a sua carreira, comovendo-se diante de tantas e espontâneas demonstrações de amizade.



O Sr. Hélio Vaz de Melo, o deputado Geraldo Vasconcelos e a senhora Elba Sette Câmara.



O Diretor da SIMCA do Brasil e senhora Sebastião Dayrell de Lima com o homenageado.



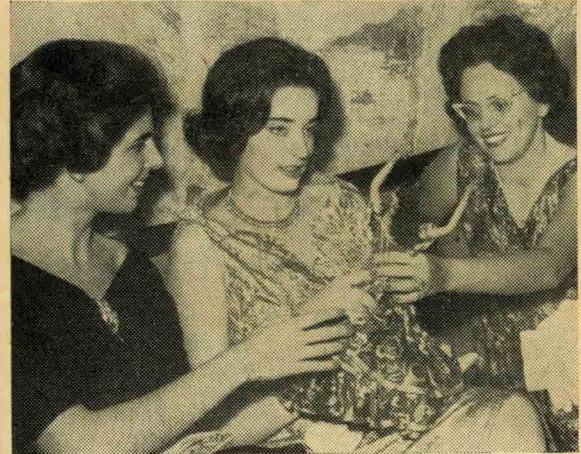
O jornalista Hélio Vaz de Melo conversando com a escritora Lúcia Machado de Almeida.



Um grupo onde aparecem o Sr. e Sr^a cônsul André Guimarães, o Sr. e Sr^a Celso Álvares e a senhora Sebastião Dayrell de Lima.



Um «close» da senhora Maria de Lourdes Flecha de Lima.



As Sr^s cônsul André Guimarães, cônsul Paulo Tarso de Lima, Celso Álvares e a boneca de Sevilha.



O Sr. e Sr^a Nelson Ferreira Pinto ladeando o deputado José Raimundo.

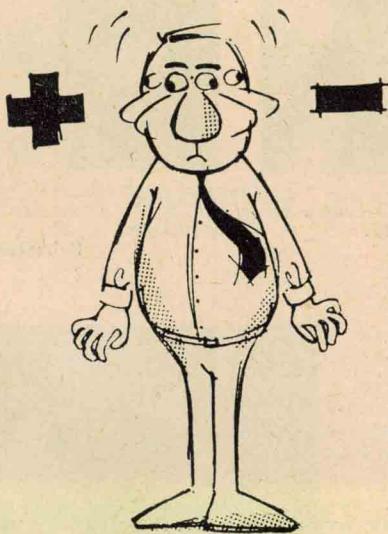
COMPARANDO — diz a sabedoria popular — é que se escolhe. Pois é com base em comparações, algumas muito conhecidas, outras não tanto, que o leitor resolverá o presente teste, assinalando, nas linhas abaixo, aquilo que corresponde exatamente ao comparativo que o precede. Depois, verifique se acertou mesmo, procurando o resultado exato à página 36.

TESTE

MAIS
OU MENOS?

Qual E'...

1. O maior, a Terra ou Marte?
2. O mais velho, o Amazonas ou o Paraná?
3. O mais pesado, o ferro ou o chumbo?
4. O mais inteligente, o cavalo ou o veado?
5. A mais veloz, uma onda de luz ou uma onda sonora?
6. O maior, o MMC ou o MDC?
7. O menor em superfície, Alagoas ou Sergipe?
8. A mais cara, a esmeralda ou a granada?
9. O mais triste, o «Requiem» ou o «Scherzo»?
10. A mais alegre, «Madame Butterfly» ou a «Víuva Alegre»?
11. O mais antigo, o homem de Neanderthal ou o homem de Cro-Magnon?
12. A mais meridional, Punta Arenas ou Punta del Este?
13. O mais alto, o «Empire State Building» ou a Torre Eiffel?
14. O mais destruidor, o terremoto ou o maremoto?
15. O mais comprido, o Rio Nilo ou o Rio São Francisco?
16. A mais brilhante, Sírio ou Canopo?
17. O melhor cantor, o sabiá ou o melro?
18. A mais importante, a civilização egípcia, ou a civilização grega?
19. O mais colorido, um quadro de Van Gogh ou um quadro de Doré?
20. O mais duro, o mármore ou o granito?



E Ela Disse: «Talvez»...

Conclusão da pag. 88

se. — Ela não era nossa freguesa, não.

— Talvez aqui, não. Mas a vi em alguma parte. Acho até que a vi duas vezes.

— E que é que tem isso?

O garçom empurrou o papel para longe e disse:

— Nada. Me dá uma cerveja.

★

A NOITE CAIU; a Sr^a Lovestone, terminado o jantar, sentou-se na sua sala de estar e conferiu seu anúncio, na edição da «Gazeta». Abaixo dela, o apartamento vazio, limpo e em bom estado, estava à espera. Ainda que fosse noite, a Sr^a Lovestone não deixava de esperar, fosse pela campainha da porta, fosse pelo telefone.

Continuava intrigada com o afogamento acidental de Clara Denlon e a sua incrível semelhança com Solda Carmandine. Não havia no caso significação maior, que a de permitir que a Sr^a Lovestone fizesse lá suas conjecturas, certamente mais importantes que as outras conjecturas que fazia para explicar por que havia buracos de cigarros nos apartamentos mobiliados, sinalis indeléveis nas superfícies dos móveis, e tudo aquilo que fazia o inferno de uma proprietária. Ela preocupava-se com o assunto, com a mesma tenacidade delicada de um gato que mal começa a divertir-se com um ratinho recém-apanhado.

O telefone tocou.

— Apartamentos Lovestone — atendeu, com a voz especial que reservava para tais ocasiões.

— E' a Sr^a Lovestone? — perguntou uma voz de mulher, do outro lado.

— E'. Aqui é ela.

— Aqui — disse a voz de mulher — fala Solda Carmandine.

(Continua no Próximo Número).

————— ★ ★ ★ —————

Semelhança

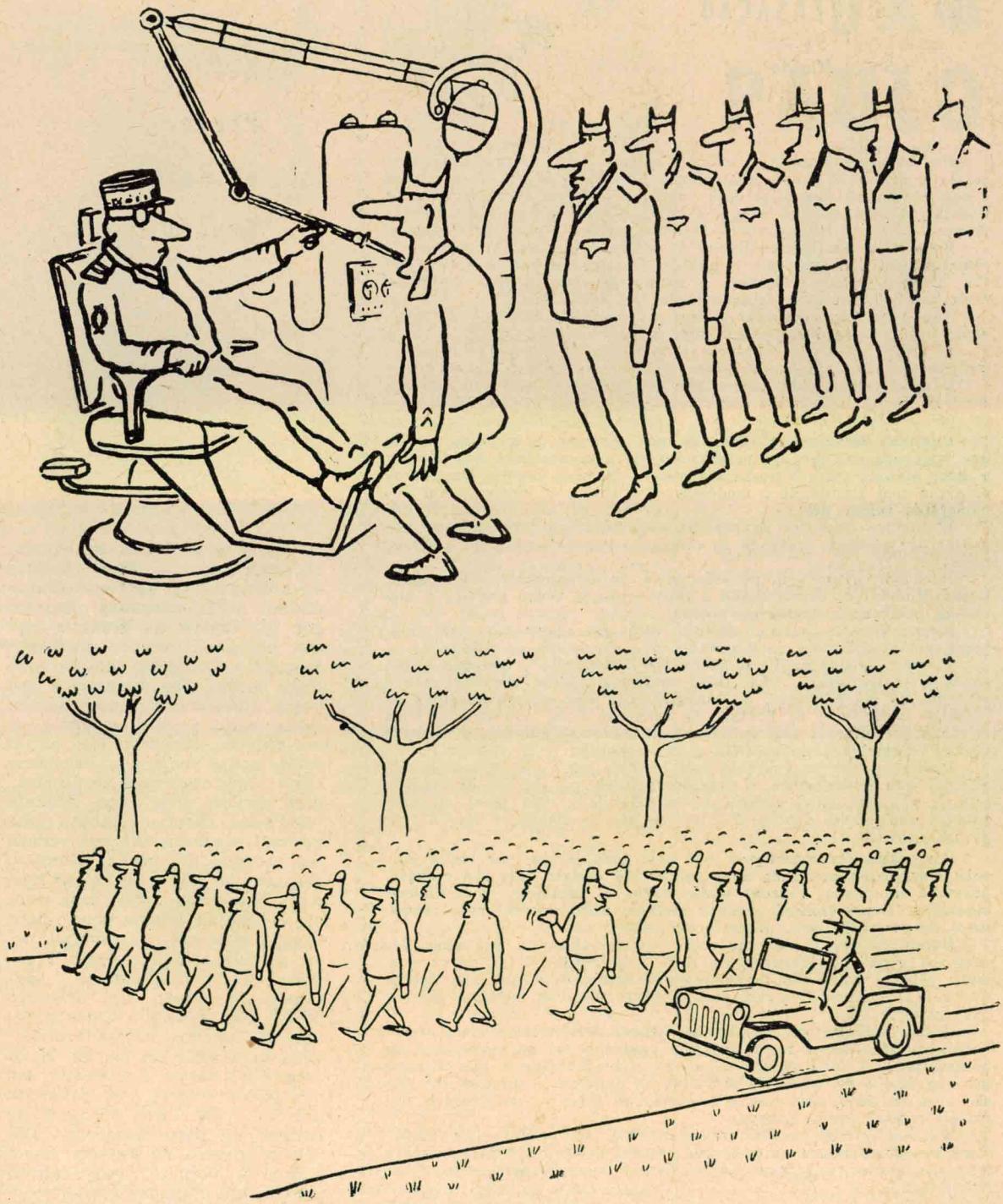
DANIEL Stork, de 17 anos, filho de um guarda municipal de Denver, foi multado em 25 dólares por haver atingido um guarda com uma pedrada.

— Por que fêz isto? — perguntou-lhe o juiz.

— Ele se parecia tanto com meu pai — respondeu o rapazinho.

Humor

BOSC.



DA CONVERSAÇÃO

Stella Marina



O quarto onde Catarino reside não pode ter um centímetro mais do que a dimensão de 1,50 m por 2 m. O dinheiro não dá para mais conforto. Mas a vida é boa assim mesmo.

Rei
Preto
e Rainha
Branca

Devemos ter sempre o cuidado que a nossa conversação seja modesta, moderada e sem austeridade ou temor; porém livre, alegre e sem leviandade ou dissolução; doce, graciosa e sem afetação ou lisonja; sincera, cordial e com prudência e discrição; e finalmente proporcionada, útil e agradável àquelas pessoas com quem tratamos.

Responder por monossílabos às pessoas que falam conosco é rematada falta de cortesia e mesmo de educação. Os que desejam ser tomados como atenciosos e gentis devem procurar evitar, o mais possível, incorrer nessa atitude tão antipática.

Não é correto cochichar, tomar um tom dogmático e cortante, estar desatento e interromper uma pessoa que fala.

E' cortês e caritativo elevar a voz junto de pessoas idosas ou um pouco surdas e pô-las em poucas palavras ao corrente da conversa.

Para que concordem com o que diz, lembre-se que uma palavra simples pronunciada com a devida acentuação pode impressionar mais do que um longo discurso.

Devemos falar raras vezes de nós mesmos, e de tudo aquilo que nos pode dar louvor; porém, quando a necessidade nos obrigar a dizer alguma coisa a nosso respeito, a diremos sempre em poucas palavras com humildade e modéstia, sem abater os outros, nem nos elevarmos acima dêles.

E' preciso conhecer as pessoas com quem se fala para se não passar por pedante, tratando de coisas de que elas não têm a menor idéia.

Devemos evitar uma questão séria, principalmente sobre a religião. Embora se tenha razão é inconveniente ceder quando a discussão começar a tornar-se acerba.

Nunca diremos coisa alguma inconsideradamente; nem responderemos a alguma pessoa antes que ela acabe de falar.

Há pessoas que se dizem refinadas e elegantes e que dão ampla corda à maledicência. Ora, falar mal dos outros constitui prova evidente de má educação. As murmurações são sempre nascidas de cálculos maliciosos, de boatos, de exageros e de suposições. Uma criatura que endossa tais conversas, passando-as adiante, demonstra grande vulgaridade de espírito e de maneiras.

Por mais absurda que seja uma história que se conte, se alguém afirmar que é verdadeira, é necessário fingir que se lhe dá crédito. Isto é, não dar sinal algum de incredulidade. Um sinal ou uma palavra que denote dúvida, é o mesmo que desmentir, e isso é uma ofensa grave.

Por muito desembaraçada que seja uma jovem, por maior que seja a sua cultura, nunca deve pensar em dirigir uma conversação, havendo, no grupo, pessoas mais velhas e, portanto, mais experimentadas. Impressionará sempre melhor, mantendo-se num estrito nível de discrição, sem procurar sobressair.

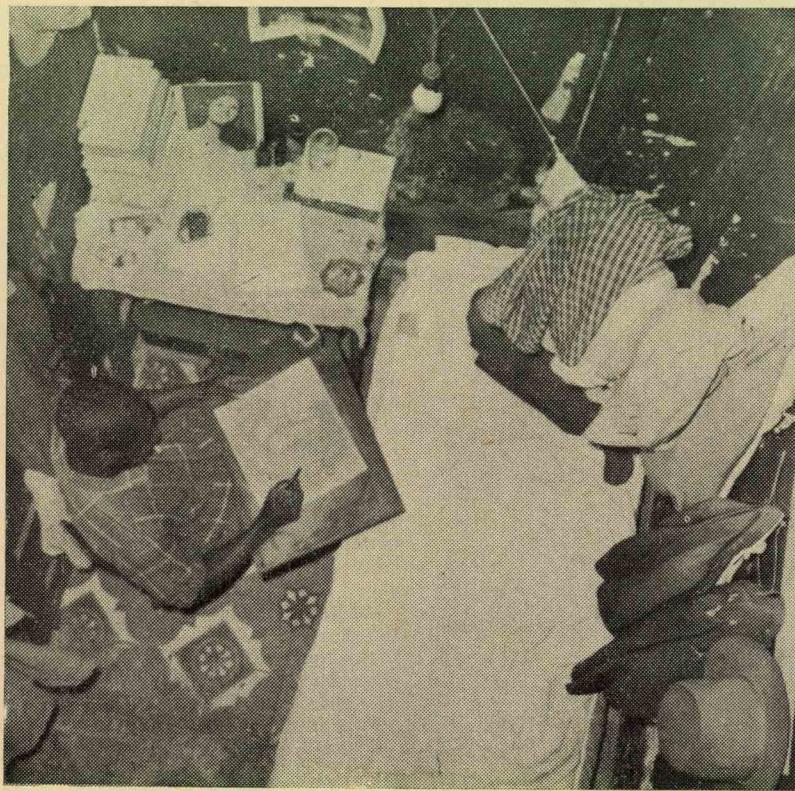
Nunca se deve perguntar com insistência aquilo que não queremos nos dizer espontaneamente e de bom grado. E' de supor que, quem prefere calar um determinado assunto, é porque não deseja que seja o mesmo divulgado, tendo para isso, com certeza, acertadas razões.

Quem tem uma voz desafinada, grossa demais ou mesmo excessivamente fina, deve ter o máximo empenho em se corrigir. Com perseverança é fácil educar-se a voz e habituar-se a que a mesma não destoe no modo de articular as palavras e no tom em que são elas emitidas, pois que a sugestão ao falar é, socialmente, um grande capital que se possui.

Existem moças e senhoras sensíveis ao assunto da idade. Portanto, como nunca se pode ter certeza de que a conversa sobre isso vá agradar, tal tema nunca deverá ser abordado com desabafamento.

(Conclusão da pag. 49)

na Itália, e na Itália, bravamente, lutou por nosso País. Dezenas de seus amigos, de seus companheiros mais chegados, ficaram por lá. Estêve no front e, por sua coragem, recebeu medalhas de mérito. Confessa, contudo, que tinha medo. Era humano e era poeta. Num encontro com os alemães, vinte e cinco soldados de seu pelotão, inclusive ele, foram dados como mortos e desaparecidos, mas Catarino reapareceu, dias depois, ileso, em Abetaia (12-12-44). Noutro combate, uma granada arrancou-lhe um pedaço da barriga da perna. Guardou silêncio por receio de baixar hospital. Mancando, febril, mas sempre em frente. Mandaram-no para Gaggio Montana: — inverno, neve, patrulha, elogios, bombas, rajadas de metralhadoras, baragens de canhão. Um fevereiro de 45, num ataque a Castela, foram rechaçados completamente. Mais uma série de baixas. Novo ataque a Castela e a vitória dos brasileiros, vitória com sabor de derrota, pois havia sangue de amigos, no pasto tenebroso. Depois a tomada de Castelo Novo, ataque a Vergato, onde caíram num campo minado. Novas mortes, e os olhos já se acostumam-



do às visões terríveis. Após, a neurose, acabrunhante, aniquilando o homem e afogando o poeta.

Mandaram-no de volta, mas o Brasil se apresentava de horizontes tristes e sem perspectivas. A neurose o consumia. Não podia pensar no que fazer, em que se empregar.

Veio para Minas, seu estado natal, para Pedro Leopoldo. Lá encontrou Gilda, a mulher que amava, sem que ela o soubesse, a mulher que o recuperou inteiramente, fazendo-o esquecer-se dos anos vividos no inferno da guerra, cercando-o de um imenso carinho, amando-o também, da mesma forma com que ele a amava, de um platonismo puro.

Belo Horizonte foi o marco seguinte de sua vida. Na Capital, empregou-se na Secretaria da Educação, onde há treze anos serve o Estado, sem ter tido uma única promoção.

E no acaso dos dias, um amigo, um conhecido, uma mulher, vão tomando conhecimento de seus poemas. Até que chega a solicitação de um suplemento literário, e Oswaldo Catarino Evandro publica a sua primeira poesia. Vai-se tornando conhecido, e reconhecida a sua arte. Por ela entra em contato com um grupo de pintores e escultores da esco-

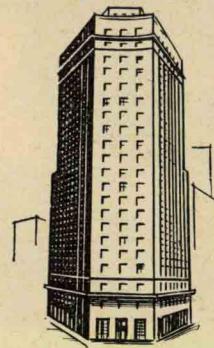
la do mestre Guignard. Tenta o desenho, a pintura. Sai-se razoavelmente nêles. Afinal, são irmãos de sua arte, a poesia. Descamba para a escultura. Consegue bons figurativos.

Mas lhe falta aquela afeição platônica, aquêle amor tão de seu modo de amar, por uma mulher compreensiva e pura. Gilda havia passado, e era necessário um presente. Surge Solange, uma mulher branca, encantadora, que sente em Catarino uma alma palpitante, estuante de vida e de mensagem, uma alma branca como a sua, e fazem-se amigos, amam-se numa pureza de compreensão, e ela o incentiva, o anima, posa para retratos, esculturas, mostra falhas, cura os tédios e as lembranças, torna-se a rainha branca, de um rei preto, preto retinto, de doer na vista.

E não se importa com o que os outros dizem. Sabe que na ligação de ambos não há nada de mau, só compreensão e ajuda mútua. Sabe que Catarino é uma criança grande, antes de tudo, falta de cuidados e de estímulo. E Solange lhe dá isto e faz com que ele produza arte, arte autêntica em seus versos, e diga agradecido que sua vida agora é um mundo feliz, onde se pode respirar e acreditar em Deus.

em São Paulo...
- o mais tradicional:

Hotel SÃO PAULO



PRAÇA DAS BANDEIRAS, 15 - TEL. 32-6111
END. TEL.: CONFORTÁVEL

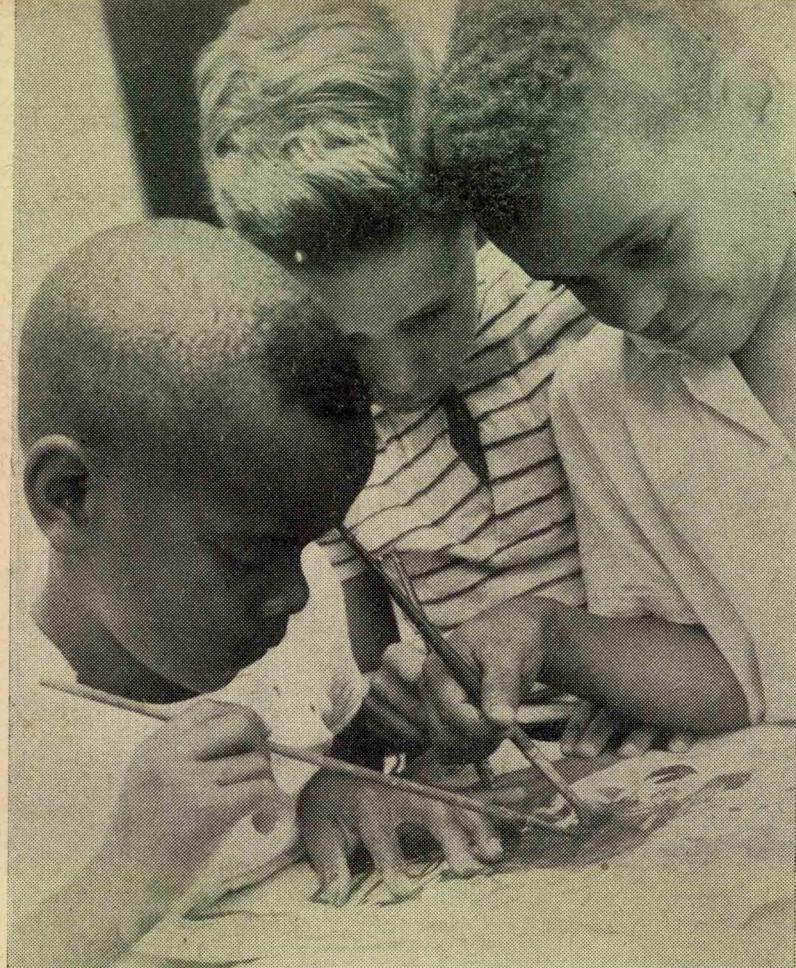
Aumentar o alistamento eleitoral é trabalhar pela grandeza do Brasil. O próximo pleito, em Minas e no País, será decisivo para o futuro da Nação. Votar conscientemente, em homens dignos, é o nosso maior dever cívico e a única arma de que dispomos para assegurar um futuro melhor aos nossos filhos.

CLÍNICA HOMEOPÁTICA

Dr. J. Schembri

Adultos e Crianças

Av. Afonso Pena, 526 — Edifício Mariana, 8º andar — Das 15 às 18 horas — Fone 4-1791 — Residência: fone 2-5520



A cõr que interessa é a que lançam, juntos, no papel.

OMORRO era um mundo pequeno, mas era um mundo à mão. E, assim, a paisagem de baixo não passava de atrativo apenas pelas coisas miúdas ao alcance de qualquer garoto esperto. O menino do morro, então, deixava de descobrir outros aspectos de vida, de conhecer meios de penetrar numa arte diferente da arte da malandragem.

A escola ficava longe e o caminho era acentuado e cansativo. Depois, para que vencê-lo, sabendo que todos os dias a peleja se repetiria, se não havia motivo de encantamento, de fascínio?

Certa vez — e não faz muito tempo — apareceram um homem e uma notícia, valendo como porta para começo de vida nova:

— Ele dá papel e tinta e lápis p'ra gente fazer o que bem quiser. Vou pintar a cara do Joãozinho...

O guri escuro abriu um cláro de dentes no desfiladeiro das faces magras e o sorriso se propagou, com a informação do homem de fala diferente, com as suas idéias e o seu jeito de meiguice. Pois a verdade é que o homem — o Embaixador de El Salvador, Rafael Barraza Monterrosa — instalado num palacete no cocaluto de Santa Teresa, no Rio, abriu os portões e arrumou a garagem para servir de outro mundo para os garotos do Morro da Coroa e adjacências. Primeiro, houve desconfiança:

— Será mesmo que ele dá tudo de graça?

Dava. Confirmou-se com as experiências dos mais ousados, que apareceram pelas mãos dos pais.

Agora, mais de trezentos meninos, brancos, rosados, escuros,

(Conclui na pag. 64)



Texto e Fotos de
JOSÉ ASMAR

Com a mão direita ou com a esquerda, a figura sai bonita. E é o que interessa.



Uma curva singela mas que conta muita coisa: o morro, por exemplo...

DIPLOMACIA TAMBÉM SE FAZ COM MENINOS E TINTAS...

Um Embaixador artista está empolgando
a gente miúda dos morros
vizinhos de Santa Tereza, no Rio.

pretos como ébano, todos se aglomeram em dias certos da semana em redor de mesas que se multiplicaram pelo pátio e ameaçam invadir os alpendres do palacete.

O embaixador salvadorenho reserva um bom pedaço do seu tempo exatamente para preparar o material para a garotada.

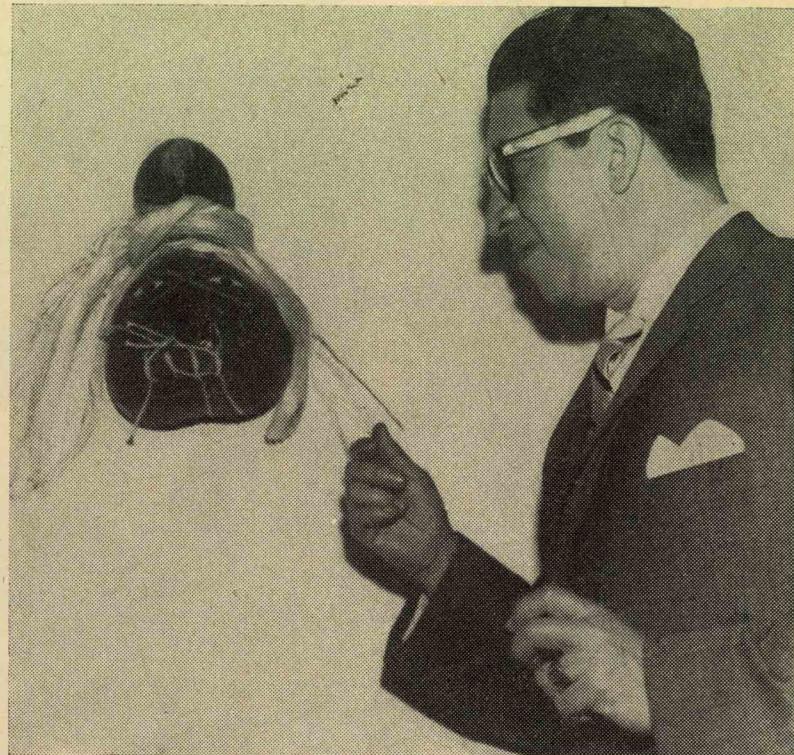
— Não é uma escola de arte — explica, admirador que é da obra do hábil Augusto Rodrigues, cujo exemplo fomos encontrar, ao som de «Pedro e o Lobo», em Cruz Alta, terra de Érico Veríssimo, seguido por Teresinha Gruber. Quer o diplomata, no caso, que se defina o ambiente como um «taller», porque, afinal, oficina, em espanhol, se confundiria com escritório...

O artista Rafael Barraza Monterrosa, que completa o diplomata com a sua iniciativa, tem uma paciência de Jó. Gosta da meninada, de ver como cada um se manifesta através de cores e formas — esquecendo-se, de pouco a pouco, dos desvios que os chamavam. E, enquanto tudo acontece no «taller», o embaixador vira cozinheiro de tintas e também madruga para comprar, no mercado, cabaças e cascos de tatus, para compor, ele próprio, máscaras vistosas, distribuídas pelas paredes da residência, onde o visitante geralmente se detém diante de uma audaciosa coleção de crucifixos, inclusive um com Cristo de arame. Foi olhando peça por peça e como elas foram feitas que o mordomo se interessou pela coisa — e daí a razão de contarmos com mais um artista na praça.

Sempre bem-humorado, empolgando os meninos com a arte de pintar e contagiando-os com civilidade, artigo que a miséria não importa, Rafael Barraza Monterrosa está presente e ativo tanto na esfera da sua missão protocolar como na outra, essa que expõe com maior força um espírito humano.

— E' o temperamento dêle, disseram-nos amigos seus, em Lima, no Peru, país que também recebeu do homem de Santa Teresa o quinhão de encantamento para os seus guris.

Assim, o embaixador vai concretizando um ideal, que bem se alia ao ideal de um mundo comum pan-americano: o de fazer com que as crianças de hoje, as do morro, sintam que o seu mundo é mais largo e que, além das coisas miúdas vislumbradas na cidade complexa, existem maravilhas possíveis de serem desvendadas pelas próprias mãos.



O Embaixador Barraza Monterrosa faz máscaras com cabaça e corda.

DIPLOMACIA TAMBÉM... (Concl.)

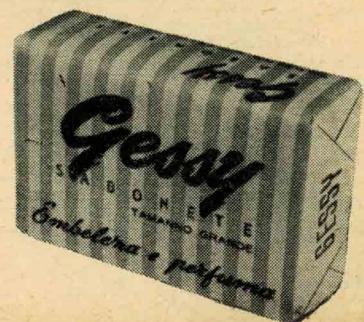


Alguém fêz fundo para o garoto. Um mural, com muitos riscos e letras.



**MAIS PERFUME...
MAIS ESPUMA...
MAIS BELEZA
PARA VOCÊ !**

Quando você envolve seu corpo na delicioso e suavizante espuma do SABONETE GESSY, está oferecendo à sua pele o mais delicioso e perfumado tratamento de beleza! GESSY faz mais espuma e deixa em você um perfume delicado e sedutor... buquê raro das mais finas essências! Sua beleza *exige* a carícia do SABONETE GESSY.





VIRGÍNIA DE CASTIGLIONE, a mais bela espiã

Apesar de toda a sua influência, apenas uma criada e um garçom acompanharam seu corpo, quando ela morreu, em 1899.

TUDO começou ao som da música de Meyerbeer. Naquela noite, o Teatro da Ópera reabriu, esplendoroso, por causa da luz de gás, um novo sistema de iluminação que as damas um tanto amadurecidas consideravam muito cru. Mas havia sómente homens no camarote imperial. A imperatriz Eugênia se desculpara por não comparecer. Havia deixado a Napoleão III a tarefa de mostrar todos os prazeres de Paris ao rei de Piemonte, Victor Emmanuel.

No momento, o que atraía toda a atenção do visitante eram as dançarinas. Todavia, ele não estava ali para aquilo, mas para transformar seu título de rei de Piemonte em rei da Itália. Mas embora não pensasse nesse assunto, o seu vizinho da esquerda o fazia por dois. Cavour, o Primeiro Ministro de Piemonte, homem ventrudo e de óculos, não tinha senão um amor, até então ainda insatisfeito: a Itália. E Cavour era um amante apaixonado e obstinado. Por isso, assediava constantemente o imperador, insistindo com ele na necessidade de tirar Milão das mãos dos austríacos, e na unificação da Itália.

— Vosso tio, que foi o primeiro rei da Itália, e que nomeou seu filho rei de Roma — disse-lhe ele — escreveu, em Santa Helena, pouco antes de morrer: «O soberano que abraçar de boa fé a causa dos povos ficará à frente de toda a Europa...»

A glória e a recordação das vitórias de seu tio aborreciam aquél que já começava a ser conhecido como «Imperador das Valsas», e que desejava ser, como o outro, imperador e nada mais. Mas hesitava. Seu ministro de negócios estrangeiros, o conde Alexandre Walewski, filho natural de Napoleão e Maria Walewska, repetia-lhe sem cessar que o Segundo Império tinha necessidade de paz, para prosperar. E, naquela noite, Napoleão III

preferia aos assaltos de Cavour a paixão de Victor Emmanuel pelas mulheres bonitas.

— Então, as nossas parisienses podem ser comparadas com as vossas italianas? — perguntou, inclinando-se para o rei de Piemonte.

Mas Cavour, cujo espírito vivo e maquiavélico nunca descansava, não deu ao rei tempo de responder.

— Sire — disse ele — sem falsa modéstia, a corte de Turim conta entre as suas mulheres com a mulher mais bonita da Europa. E, por esta vez, minha opinião é a mesma do ministro dos negócios estrangeiros de Vossa Majestade.

— E como se chama essa beleza? — perguntou o imperador.

— Trata-se justamente de minha prima, Sire, Virgínia de Castiglione, filha do marquês de Oldoni. Tem dezoito anos e acaba de ter um filho, mas não se entende muito bem com seu marido. Ela pensa em vir morar em Paris, dentro em breve.

A sorte, no espírito de Cavour, estava lançada. Para ele, tudo servia para fazer política. Uma mulher jovem, uma parente — que importância tinha, desde que, agindo sobre o coração do imperador, ela pudesse trabalhar em benefício da Itália?

Quando, a 11 de dezembro de 1855, a delegação piemontesa voltou a Turim, sem concluir qualquer acordo, houve baile na mesma noite, num dos ricos palácios da cidade. Cavour tratou de trocar suas roupas de viagem. Como esperava, sua prima Virgínia de Castiglione estava lá, no meio de um círculo de admiradores, deixando errar os seus grandes olhos azuis, acariciando, distraída, com as pontas dos dedos compridos, a massa negra de seus cabelos. Cavour aproximou-se.

— Minha pequena Nicchia — disse ele — Paris inteira hoje só fala de vós. Nós piemonteses criamo-vos tal reputação que os parisienses já estão

desde logo apaixonados por vós, e as parisienses já estão com ciúmes. Mas só um homem deve ser contado: Napoleão III. Deveis conquistá-lo. Preparaí vossas malas. Partireis para Paris logo que estejais pronta.

— Mas... e meu marido, meu filho?

— Vós os levareis.

— E o dinheiro?

O pobre conde Francisco de Castiglione, um jovem nobre sem envergadura, que Nicchia desposara sem amor, dizia, na verdade, que sua jovem e ambiciosa mulher o havia arruinado em menos de dois anos de casamento. Mas Cavour sabia superar quaisquer objeções.

— Eu vos confiarei um negócio com os Rothschild, Nicchia, com uma boa comissão para vós. O negócio é fácil. Devemos fazer com que esse banco deva obrigações a Piemonte. Eles precisam de um empréstimo. A Áustria está disposta a concedê-lo. Mas vos será fácil convencer os Rothschild a tratarem conosco. Isso dará bem para pagar os vossos vestidos. Aliás, as vossas despesas serão cobertas, desde o princípio, pela caixinha real.

— E se eu fracassar, meu primo? — disse ainda Nicchia, para o príncipe.

— Não fracassareis. Napoleão é demasiado fraco, e vós sois muito bela...

Desde que tinha treze anos, Nicchia ouvia os homens falarem de sua beleza. Seu pai, o marquês de Oldoini, cheio de orgulho, exibia-a numa loja do Scala de Milão, na idade em que as meninas usavam calças bordadas aparecendo abaixo das saias.

— Sejais bem sucedida — disse ainda Cavour.

— Empregai os meios que achardes melhor, mas sejais bem sucedida. A sorte da Itália depende de vós.

* * *

Quando fizeram parar seu carro, em frente do imóvel da rua de Castiglione, onde, simbolicamente, o conde e a condessa de Castiglione haviam alugado um apartamento, Nicchia tinha diante de si a missão ao mesmo tempo mais fácil e mais pesada jamais confiada a uma mulher de dezoito anos, por um Primeiro Ministro. Ainda bem que tinha seus conhecidos. O príncipe Poniatowsky, a princesa Matilde e seu irmão «Plon-plon», o príncipe Victor Napoleão, filho do ex-rei Jerônimo, e alguns primos do imperador, conheciam Virgínia havia muito, tendo passado em Florença longos anos, exilados.

Foi num baile em casa da princesa Matilde que Nicchia encontrou pela primeira vez o homem que deveria seduzir. Declarando guerra às crinolinas impostas por Worth, costureiro da imperatriz, ela usava um vestido muito simples, sem armação, que modelava audaciosamente as formas de seu corpo, e que assentava perfeitamente ao seu porte de Juno infantil. Acharam-na «incomparável». Mas o primeiro encontro com o imperador, que fôra sózinho, porque a imperatriz estava perto de dar à luz, foi catastrófico. Ficou ela tão comovida diante do homem que representava todo o seu futuro que não conseguiu formular sequer uma frase.

O encontro seguinte teve resultado ainda pior. Foi num baile dado pelo ex-rei Jerônimo, último irmão vivo de Napoleão I. Virgínia cuidara tanto de sua toalete que chegou à meia-noite, quando o imperador já se preparava para retirar-se.

— Chegais muito tarde, Madame — disse êle, parando diante dela, no alto da escada.

— Vós é que sais muito cedo — respondeu ela, empalidecendo.

Dessa vez, Virgínia se encontrava bem preparada, e o sorriso surpreendido do soberano mostrou que

(Continua na pag. 68)



NOVO ARNO

Nova concepção estrutural — da tampa até a base!

Novo jarro — liquidificação mais rápida!

Nova base — mais prática... mais estável, maior aproveitamento da força do motor!

Nova alça — inquebrável!

— A MARCA DIZ TUDO!



Ele começava a considerá-la com outros olhos. Mas ainda desconfiava, graças às advertências de seu ministro do exterior, Alexandre Walewski.

Foi na primeira recepção oficial dos Castigliones, nas Tulhérias, que a bela condessa começou a firmar o seu prestígio. Era o dia em que ela comemorava o seu vigésimo aniversário. Havia chegado pouco antes, quando o imperador apareceu no salão. Logo se fez o vazio em volta da «divina condessa». E todo mundo notou que Napoleão reduziu seu passeio habitual pelos vários grupos de convidados. A condessa levantou-se, segundo a etiqueta, fez uma reverência e, erguendo-se, deixou cair um lenço. O imperador baixou-se para apanhá-lo, pondo um joelho em terra, talvez porque tivesse 48 anos e reumatismo, talvez em homenagem à sua beleza.

Por artes de Cavour, Francisco de Castiglione havia retornado a Turim, deixando com Virginia seu filho Georges. Ela se instalara num hotel discreto da Avenida Matignon. Diante da entrada de serviço, que dava para uma ruazinha adjacente, uma viatura negra estacionava quase todas as noites. Pela madrugada, metia-se nela um homem que saía da casa da condessa, o rosto cuidadosamente escondido dentro da gola do paletó. Outro carro aparecia, vindo ninguém sabia de onde, e seguia a viatura negra. Ambos os veículos só iam deter-se nas Tulhérias...

Mas o primo de Nicchia não a deixava dormir sobre essa primeira vitória. Cavour tinha chegado a Paris, havia pouco, para representar o Piemonte no Congresso da Paz, depois da guerra da Criméia, que deveria consagrar a recuperação da França, após o fracasso do Congresso de Viena. Uma noite, no decorrer de um baile, Alexandre Walewski observou à condessa que aquela piemontesa estava freqüentando demais a casa dela. Depois dessa advertência, o ministro e sua bela prima combinaram encontros clandestinos.

— Não vos esqueçais da Itália — dizia Cavour, orgulhoso e inquieto.

A condessa de Castiglione não esquecia sua «missão», mais, talvez, por orgulho, que por patriotismo. Apenas achava que era preciso agir com prudência.

Chegado o verão, Virginia recebeu um cartão côn-de-rosa, convidando para a «série elegante», em Compiègne. Na primeira noite, no teatro, Mme de Castiglione levantou-se no meio do espetáculo, explicando aos vizinhos que tinha uma enxaqueca. Dez minutos depois, o imperador havia abandonado o camarote imperial. No entretanto, a palidez de Eugênia e a ausência do imperador consagraram o escândalo...

Quando regressou de Compiègne, Virginia ficou sabendo que seu apartamento havia sido vasculhado, ou, mais exatamente, rebuscado, por ordem do Corso Griscelli, chefe da polícia secreta do imperador. Foi bom aquilo para que ela se pusesse em guarda. A partir de então, deixou de ir à embajada de Piemonte levar suas mensagens. A pé, e depois num fiacre, a mais bela mulher de Paris passou a freqüentar a casa de Dom Petrus, o mago da moda. Penetrava nas suas salas sombrias, sentava-se no auditório onde o homem fazia aparecer fantasmas, tirava do seio um papel, colocava-o sobre os joelhos e, em pouco, uma furtiva mão o levava.

Virginia ignorava as outras atividades de Dom

Petrus, aliás, Bonollo, agente secreto piemontês. As vezes, o mago dizia-lhe que tal ou qual pessoa costumava conversar muito com Griscelli, e que ela deveria tomar cuidado. Outras vezes, prevenia-a contra um ou outro emigrado italiano. Vivendo entre seus inimigos franceses e seus adversários italianos, entre a hostilidade da imperatriz (que preferia o «status quo» na Itália, para deixar Roma ao papa) e os socialistas lombardos, romanos ou sicilianos, Nicchia não parecia incomodar-se muito... nem descansar. Na verdade, ela não sabia onde terminava sua «missão» e onde começava o prazer. Mal tinha tempo para cuidar de seu filho.

Mas Napoleão encontrava sempre diante de si uma mulher sempre atenta, que procurava receber bem, na pose clássica de Mme Récamier, e só muito raramente conversavam sobre a Itália.

— Ah, eu não entendo os negócios dos homens, mas parece-me que, se eu fosse o herdeiro do grande Napoleão, faria, como ele, da Itália um reino — dizia ela... e depois mudava de assunto.

Certa manhã de abril de 1857, quando o imperador ia meter-se no carro, para ir-se embora, três silhuetas avançaram para ele. Luís Napoleão pulou para dentro do veículo e o cocheiro pôs os cavalos em disparada. Manhã seguinte, Poniatowski foi ter com Nicchia, para informar que Tibaldi, um

homem de Mazzini, líder republicano da Itália, tentara matar o imperador diante de sua casa. O republicano francês Ledru-Rollin, implicado no caso, denunciara seu cúmplice, Giraud, e eles indicaram oitenta nomes...

Nasceu daí o boato de que a Castiglione tentara assassinar o imperador. Por que motivo? Multiplicaram-se as hipóteses, e ela chegou a ser considerada espiã da casa de Bourbon. Uma noite, Griscelli foi à casa dela, aconselhando-a a deixar Paris. Lord Holland, embaixador da Inglaterra, ofereceu-lhe hospitalidade, porque conhecia «a pequena Ninny», desde a infância.

Nicchia, de regresso a Paris, foi de novo convidada a Compiègne, e, depois, mais uma vez, recomeçaram os encontros no apartamento da Avenida Matignon. Uma noite, porém, os amantes foram despertados por gritos. Mal tiveram tempo de ajeitar-se, e Griscelli apareceu. Disse que tinha sido obrigado a apunhalar um homem que invadira a casa. Seria um ladrão inofensivo, sugeriu o imperador.

— Sire, os ladrões inofensivos não levam consigo «vendettas» envenenadas. Isso fazem os terroristas de Mazzini... ou de Cavour...

Pela primeira vez, Nicchia perdeu o sangue frio.

— Cavour não usa êsses métodos! — gritou.

— Eu não sabia que a condessa conhecia tão bem os métodos da polícia piemontesa...

Luís Napoleão encarou-a e, pela primeira vez, ela sentiu-se enrubescer. Uma semana mais tarde, não tendo ele voltado a vê-la, nem escrito ou mandado qualquer recado, ela esperava vê-lo no baile dos Walewski, no Ministério do Exterior. Ela mesma desenhou a roupa colante e a máscara com que iria aparecer, toda bordada de corações em fogo.

— Rainha de Copas! — disse Walewski, ao receber-lá, conduzindo-a até uma janela. E, como tinha coisas sérias a dizer, disse-lhe logo: — Escutai, minha pequena condessa. Vós não tereis mais a menor chance. Meus agentes deitaram mãos em Bonollo, e encontraram lá mensagens que vós man-

Provar a qualidade do nosso progresso não significa verificar se acrescentamos mais à abundância daqueles que têm muito; significa verificar se damos bastante àqueles que têm muito pouco. — Franklin Delano Roosevelt.

dáveis para Piemonte, e tudo ficou perfeitamente claro. Desejais que o imperador intervenha pelas armas na Itália. A imperatriz e eu não o admitiremos.

— Mas, como posso eu, uma mulher de vinte anos...

— Se tivésseis cinqüenta, não seríeis perigosa. Tenho só um meio de impedir essa guerra, e vou provar a Luís Napoleão que sua amiguinha foi-lhe enviada pela corte de Piemonte. A menos que queirais partir, Dou-vos quarenta e oito horas, e sem direito a vê-lo mais uma vez.

A orquestra tocava uma valsa de Strauss. A Nicchia, tudo parecia um atroz pesadelo. Manhã seguinte, o embaixador de Piemonte, avisado sem dúvida pelo ministro, tendo-se comunicado por meio de telegramas cifrados com Turim, foi anunciar-lhe, da parte de Cavour, que «sua missão estava terminada».

Na estação, poucos apareceram para despedir-se da favorita abandonada. Cavour, por sua vez, recebeu-a mal satisfeita.

Os dois anos passados em Paris tinham criado nela uma incontrolável necessidade de viver no centro dos acontecimentos. Turim nada poderia oferecer-lhe, e ela aceitava a corte de Victor Emmanuel porque não tinha melhor. Mas a condessa de Castiglione ainda iria triunfar. A 24 de abril, domingo de Páscoa, o imperador francês declarou guerra à Áustria e mandou tropas para Piemonte. «Eles estão enganados. — O imperador ainda me quer!»

Após sangrentas batalhas em que tombaram 12.000 franceses, 5.600 piemonteses e 22.000 austriacos, o imperador, súbitamente incapacitado de prosseguir, assinou, a conselho de Walewski, o armistício de Villafranca. Mandou chamar o rei de Pie-

monte e seu ministro, expondo-lhe as condições: a França e a Áustria estavam de acordo em que a Lombardia e Parma ficassem com Piemonte, enquanto que Veneza continuaria pertencendo aos austriacos, e Modena e Florença permaneceriais como principados. O papa presidiria à confederação italiana.

— Vós nos traísteis — disse Cavour, furioso. — Um dia, sereis traído também.

— Que quereis? As condéssas não duram muito...

— Nem as coroas, Sire.

Dia seguinte, quando o imperador francês atravessava Turim, a cidade ficou silenciosa como um cemitério. Só uma janela ostentava as côres de França: a do quarto da condessa de Castiglione. Mas o imperador não ergueu os olhos para vê-la no balcão.

Mas haviam-se passado dois anos. A divina condessa fez as malas e partiu para Paris, malgrado os conselhos de Poniatowski. Instalou-se numa casinha de Passy, em nada semelhante ao sumptuoso apartamento de outrora. Enquanto isso, Cavour ratava de promover um plebiscito para ligar ao Piemonte, Modena, Parma e a Toscana. Em paga de sua neutralidade, a França obteve Nice e a Savoia. O novo aliado de Cavour, Garibaldi, e seus «Mil», deram o Estado de Nápoles a Victor Emmanuel, que se tornou rei da Itália a 14 de março de 1861.

Três meses depois, Cavour morreu. Sua prima chorou muito... Tinha impressão de que perdia a sua própria glória, e sentia-se como órfã. Quem mais lhe daria um «papel» para desempenhar?

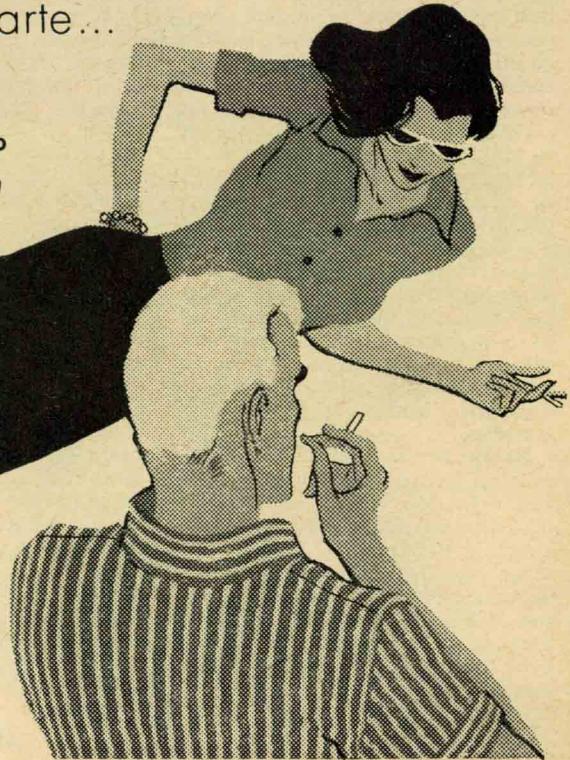
Entretanto, a 9 de fevereiro de 1863, ela foi,

(Conclui na pag. 80)

raios de sol brincam na relva...
o céu parece mais azul...
há mais beleza em toda parte...
nós dois e



uma
tradição
de bom
gosto



RESUMO DA PARTE JA' PUBLICADA — Foi casualidade: caminhando pela rua — ela ia ao cabeleireiro — Clara Denlon, que por razões muito suas queria livrar-se de Harold, seu marido, encontrou uma moça que seria a sua cópia autêntica, não fosse a diferença de condição social, assinalada pela distância — em dólares — que ia entre os trajes de uma e de outra, os de Clara ricos e luxuosos, os de Solda Carmandine mais humildes. Do espanto de ambas, nasceu uma conversa que foi terminar num restaurante, onde Solda, confiada e confiante não se furtou a revelar à outra tudo o que dizia respeito à sua pessoa, sem esquecer o menor detalhe — pois, quando os esquecia, Clara perguntava por eles. Afinal, pensando numa possível troca de papéis — nada vantajosa para

Solda — Clara convidou a amiga para ir a sua casa de campo. Fazia calor e não seria mau darem uns mergulhos no rio. Ela estava disposta a ensinar a outra a nadar.

Dois dias depois, Harold foi ao Departamento de Desaparecidos da polícia local contar que não via a esposa nem dela tinha notícias desde quinta-feira. Tipo esquisito, Harold, que muito se preocupava com edições raras de obras também raras, não soube informar praticamente nada a respeito da esposa.

Para a polícia, na pessoa do Sargento Morris, o problema inicial era o de saber exatamente qual o problema a resolver.

E ELA DISSE: "TALVEZ"...

A SENHORA LOVESTONE, em cuja velha propriedade de muitos cômodos residia Solda Carmandine, num apartamento de dois quartos, hesitou diante da porta de entrada. O pequeno vestíbulo de entrada estava em completo silêncio, como também estavam em silêncio os quartos que ficavam lá dentro. Verificara aquilo desde quinta-feira, quando percebera que da habitação não saíam os ruídos peculiares a uma casa onde se encontra alguém.

A Sr^a Lovestone se acostumara a ouvir aqueles ruídos triviais, no cômodo onde residia, no sótão. Através do assoalho, escutava o barulho do rádio, de manhã, bem cedo. Não se lembrava mesmo de dia nenhum em que Solda houvesse ligado o rádio depois das nove horas.

Conhecia os planos da moça, de tirar longas férias, mas, se ela já o tivesse feito, realmente, era de admirar que não a houvesse procurado para despedir-se. Como o silêncio, sinal de que não havia vida no apartamento, já se prolongava desde quinta-feira, a Sr^a Lovestone foi impelida a considerar a necessidade de fazer alguma coisa — mesmo que se tratasse de invadir a intimidade que a inquilina fazia tanta questão de resguardar.

Bateu de leve na porta, esperou um tempo que julgou razoável, bateu de novo.

— Dona Solda — chamou, sem chegar a gritar.

As relações entre elas nunca haviam ultrapassado certos limites. Mas a velha senhora não teve dúvidas e, com auxílio da chave-geral de que dispunha, entrou no apartamento.

Como imaginara, encontrou os quartos arranjados. E vazios. Não lhe havia ocorrido precisamente a idéia de que Solda pudesse ter morrido, mas o pensamento permanecia, no fundo de sua mente. E' tão comum acontecer coisas estranhas com gente que mora só, tão comum que essas coisas só sejam descobertas depois de vários dias...

As malas de Solda não estavam no armário, nem as roupas, nem qualquer dos seus objetos de uso pessoal na penteadeira ou no armáriozinho do banheiro. Então, a Sr^a Lovestone comprehendeu que ali nada havia que pudesse indicar a presença de Solda. Até as coisas que ficavam nas gavetas da penteadeira haviam sido retiradas, havendo, apenas, em cima dela, um envelope.

A Sr^a Lovestone abriu o envelope. A chave de Solda estava dentro dele, juntamente com quarenta dólares. O dinheiro correspondia ao aluguel a vencer na segunda-feira seguinte.

A Sr^a Lovestone começou a ficar irritada. Lembrou-se da terça-feira anterior. Naquela noite, já muito tarde, ali por volta das três horas, havia acordado, julgando ter ouvido o barulho de um carro na rua, um ruído qualquer na escada, como se uma mala houvesse batido no corrimão. O ruído fôra muito rápido, ela não se animara a levantar-se para ver o que havia. Agora, sentia-se meio triste, profundamente magoada. Pegou o telefone de Solda, pediu ligação para a «Gazeta» de Bodmont Falls. Chamou o departamento de publicidade e falou com Bella, que o dirigia.

— Bella? Um apartamento de dois cômodos, com banheiro...

mesmo preço de costume... Sim, é para ocupação imediata... Quem?... Ah, você não deve conhecer, não. Solda Carmandine é que morava nêle, ninguém a conhecia direito... Era uma mulher muito só.

Feito isso, a ira, a mágoa, os sentimentos causados pela súbita partida de Solda começaram a diminuir. Era muito estranho que uma jovem tão boa fizesse aquêle papel; tanto que a Sr^a Lovestone não conseguiu entender.

Benwick, Wisconsin... Wisconsin, não; Minnesota: era de lá a moça. Era lá que morava o seu padrasto, fora da cidade. Seria conveniente escrever-lhe?

Também podia ser um romance, não podia? A Sr^a Lovestone, que jamais experimentara o mais ligeiro romance, era, conforme a personagem de Joseph Conrad, incuravelmente romântica. Seu marido, já morto, fôra vendedor ocasional de bugginganas. Usava bigodes, tinha pelos nos dedos, comia de um jeito estranho, sem esticar o mindinho, como a boa regra. E, afinal de contas, não houvera nada de romântico na sua vida com ele.

Quem poderia dizer se Solda, na sua solidão, não havia encontrado alguém, naquela já velha quinta-feira, e fugira... embora não tivesse outra pessoa de quem fugir, a não ser a própria Sr^a Lovestone, a quem, naturalmente, deveria ter dito adeus? Verdade, podia ser. E a Sr^a Lovestone decidiu que não convinha escrever a ninguém. Melhor deixar a coisa como estava.

★

EDNA WASHBURTON, com plácida dignidade, arrancava ro-

RUFUS KING

Illust. de
Álvaro
Apocalypse

SEGUNDA PARTE

sas murchas da roseira. O jardim, com manchas de sol no meio das sombras, estava completamente limpo. Tanto quanto a própria Edna. Não era dona de uma beleza especial, mas os seus traços, o porte, o bom gôsto na escolha dos trajes, tudo isso se juntava para dar-lhe aquele aspecto que fazia lembrar uma patrícia romana. Os 40 anos quase não pareciam ter deixado marcas no seu porte esbelto, nem prejudicado o seu desembaraço de movimentos. Havia quem dissesse ser aquilo coisa estudada, mas não era verdade, pois Edna era mulher absolutamente natural.

Sua vida sempre fôra muito plácida. A própria morte de seu marido, cinco anos atrás, não se fizera acompanhar de distúrbios emocionais muito grandes, de devastadora tristeza, porque entre os dois nunca houvera aquele calor que responde por essas coisas. Com naturalidade, ela continuara residindo na velha mansão vitoriana (cujos terrenos limitavam com os dos Denlons), plácidamente entregue aos seus dois prazeres, que eram cuidar do jardim e, vez por outra, perpetrar ataques contra Chopin — o qual, de certo, não mais se importava com o que ela pudesse fazer com os seus «Estudos».

Entretanto, havia momentos em que Edna sentia (tal como o sentia a Sr^a Lovestone), que a vida lhe negara alguma coisa. E, em tais momentos, costumava pensar, invariavelmente, embora de uma forma indeterminada, no seu vizinho Harold Denlon.

Ela e Harold haviam crescido juntos, cada qual dentro dos terrenos pertencentes a suas famílias. Ou, por outra, tinham cres-



cidos tão juntos quanto o permitia a mãe de Harold. Jogaram tênis, dançaram na escola — gozaram de todos os prazeres ingênuos que poderiam ser satisfeitos à luz do dia, ou que permitiam a inclusão de outros jovens como eles. Mas não tinham feito passeios ao luar, nem cortado de barco as águas plácidas do rio.

Após a morte do marido, Edna muitas vezes se pusera a pensar no que sentia, exatamente, a respeito de Harold. A sua inata capacidade de só fazer as coisas adequadas, a sua natureza inteiramente convencional, impediam-na de pensar nêle mais profundamente, sobretudo por causa do espantoso fato de Harold ter-se casado com Clara, tão jovem ainda. Edna ficara algo atordoada com o casamento, como quase todos os amigos de Harold, mas o compreendera melhor que os outros, porque sabia o que tinha sido a vida dêle, sempre controlada pela mãe. Para ela, o casamento fôra apenas uma espécie de libertação às avessas.

Interrompeu sua tarefa ao ver Harold caminhar para ela, pela alamedá do jardim.

— Estou voltando do Departamento de Desaparecidos — disse ele. — Fiquei espantado de saber como elas são bons, Edna. Será que você me serve um coquetel? Estou muito cansado. Estou cansado de ficar esperando a vida tôda. Onde, Edna, e por quê... onde terá ido ela?

Uma criada levou as bebidas para o terraço, e Harold deixou-se cair numa poltrona de vime. Admirou a ordem, o conforto, a paz do ambiente. Sentiu-se traído porque as coisas eram assim, porque Clara havia desaparecido, sabia Deus para onde...

Mas não podia evitar certa sensação de repouso, de libertação daquela vida com Clara, obrigando-o, sem que ela o percebesse, a fazer tudo para disfarçar a diferença entre a sua idade e a dela. Estava pensando nessas coisas, e pensava também: «Isso é horrível... é desprezível... E' um absurdo eu pensar nessas coisas logo agora».

— O Sargento Morris — disse, em voz alta — ele é do Departamento de Desaparecidos, Edna... Ele disse apenas que eu devia esperar, e que ele me daria qualquer notícia.

CAPÍTULO II

FOI NA PRIMEIRA quinta-feira, após o desaparecimento de Clara, que os garotos que costumavam pescar na beira do rio fizeram aquela descoberta e foram correndo contar a suas mães.

Uma senhora, sem qualquer coisa a ocultar-lhe o corpo muito inchado, estava flutuando no meio dos juncos, rosto para baixo, os cabelos parecendo serpentes, agitados pela correnteza.

A lei pôs-se em movimento, movimentando também a cidade e o condado, e, dentro de um espaço de tempo razoavelmente curto, o Sargento Morris foi convocado a fazer uma identificação, tendo em vista os arquivos de seu departamento. Quando Morris chegou ao local, já estava o corpo escondido sob um lençol, numa maca.

Olhou, estudou os cabelos, examinou os olhos agora quase irreconhecíveis, considerou as linhas gerais e a possível estatura. Procurou anéis — uma aliança de casamento, um anel de noivado. Não encontrou coisa alguma.



— Teria sido simples afogamento? — perguntou ao médico legista.

— Por enquanto, não posso dizer nada. Vou fazer a autópsia hoje à noite. Será que ela está na sua lista?

— E' capaz. Talvez ela seja Clara Denlon. Há quanto tempo o senhor acha que ela morreu, assim por palpite?

— Por palpite? Uma emana, por aí assim.

— Pois isso também confere. Denlon deu queixa do desaparecimento de sua esposa ocorrido quinta-feira passada.

Morris aproximou-se da margem e estudou a corrente, os remoinhos, o lugar onde se en-

contravam os juncos, dentro d'água. Conversou algum tempo com alguns membros do departamento, do gabinete do delegado, do procurador e da polícia estadual; depois, voltou ao seu carro e se dirigiu lentamente em direção oposta à da correnteza, encaminhando-se para a cidade.

A estrada quase sempre permitia ver as águas, correndo junto das suas margens, mas estas perdiam de vista, quando um ou outro monte de terra ocultava o rio. Nessas faixas de terra, havia casas de campo, e, ao passar por elas, Morris ia lendo os nomes dos seus proprietários, nas caixas de correspondência. A de Harold Denlon era a sétima, na direção da cidade.

Morris parou o carro. Não tinha nada com o caso, uma vez que lhe competia apenas assistir no estabelecimento de uma identificação do corpo; mas era um homem ambicioso, e havia que considerar Freda, sua mulher, e seus dois filhos, e ele não mencionava permanecer no Departamento de Desaparecidos pelo resto de seus dias.

Dirigiu o carro por um caminho flanqueado por ciprestes e parou diante da varanda de uma casa de campo de aspecto agradável. A fechadura da porta da frente podia ser aberta facilmente por uma chave-mestra. Morris penetrou numa grande sala, convencionalmente arranjada, com uma lareira de pedras e aquêle tipo de mobiliário que parece muito confortável, mas que realmente não é. O ar estava quente e viciado, mas a iluminação era boa. A sala tinha tôda aparência de ter sido muito usada, com revistas colocadas nos lugares convenientes — uma delas aberta, com a face para baixo, sobre uma mesa ao lado de uma espreguiçadeira. A chaminé estava limpa. Ao lado da revista aberta, havia um cinzeiro com algumas cinzas, mas sem pontas de cigarros. As almofadas, numa poltrona junto da lareira, ainda guardavam sinais a indicar que, muito recentemente, alguém estivera encostado a elas.

Havia dois quartos de dormir, cada um com camas gêmeas, e cada qual com seu armário, nos quais se encontrava o sortimento normal de roupas de campo e trajes de banho, um de Harold, outro de Clara Denlon.

Havia dois maiôs no armário de Clara, um branco, outro amarelo-canário. Ambos eram do mesmo tecido rugoso, e consistiam de duas peças sumárias e duas saídas de praia, combinando com

os maiôs. As duas camas do seu quarto estavam cuidadosamente arranjadas, tal como as do de Harold.

O único banheiro estava limpo e arranjado, com toalhas de rosto e de banho penduradas nos cabides. Não havia sinais de desordem na copa-cozinha, onde nada se encontrava fora do lugar, e a lata de lixo estava vazia. Havia uma geladeira elétrica em funcionamento, contendo nas prateleiras dez garrafas de cerveja, três de água tônica, uma garrafa de gin pela metade, tampada com uma rólyha. Nas fôrmas de gêlo não faltava sequer um cubo.

Morris saiu e fechou a porta. Pensou: «Talvez fôsse». E pensou mais: «E' esquisito».

☆

NA SUA FAZENDA nos arredores de Benwick, Minnesota, Antônio Carmandine recolhia a correspondência da caixa instalada junto da estrada. Era um homem grande, já perto dos sessenta anos, mas com cabelos pretos ainda fortes. Tinha ombros e braços poderosos, e um peito rijo. Sua capacidade para alimentar o ódio era enorme, mas ele raramente exercitava-a, porque as pessoas com quem convivia geralmente lhe permitiam viver a seu modo.

Enquanto caminhava de volta, ao longo de uma estradinha curta e suja, que levava direto a sua casa, sólida e feia, ele examinou por alto a correspondência. Havia alguns catálogos de fornecedores de tôda sorte de sementes, uma circular da cooperativa de fazendeiros, uma nota da companhia telefônica e um envelope com o carimbo de Bodmont Falls. Antônio Carmandine demorou-se a estudar a caligrafia, no sobreescrito. Não era letra de Solda, concluiu, mas era de mulher.

Talvez Solda estivesse doente, ou em dificuldades — e ambas as possibilidades o deixavam satisfeito. Concluiu que, se ela houvesse morrido, o enderêço teria um aspecto mais oficial, mais masculino, e certamente que seria datilografado. Carmandine considerava muito aguçadas as suas qualidades dedutivas, e jamais se negava o prazer de lhes dar largas. Meteu a correspondência num canto qualquer e voltou para o galinheiro, a continuar a tarefa iniciada, auxiliado por dois empregados.

A tarde, a gorda caseira de Carmandine serviu-lhe, mais a um dos empregados e a si mesma, uma das suas pouco inspiradas mas substanciosas refeições. En-

quanto comiam, a conversa não foi além da altura habitual, resumindo-se numa que outra observação monossilábica. Afinal, terminando de comer um grosso pudim, Carmandine saiu e foi buscar a correspondência. Abriu a conta telefônica, que, por representar saída de dinheiro, interessava-o particularmente; depois, a circular da cooperativa, que também continha algum interesse, embora em menor escala. Os catálogos prenderam sua atenção apenas o tempo suficiente para apreciar as ilustrações das capas. Pôs o último de lado e pegou a carta. Estava assinada por certa Adélia Lovestone. O nome nada significava para ele, mas, de qualquer maneira, poderia ter alguma irritante relação com Solda.

Carmandine não havia perdoado sua enteada, desde o dia em que, recebendo a parte que lhe cabia da pequena herança de sua mãe, ela saíra de casa — exatamente naquela hora (das cinco da manhã às oito da noite) em que se fazem mais necessários os trabalhos de uma mulher dentro de casa. Ademais, Solda tivera a pertulância de desafiá-lo e de recusar devolver-lhe o dinheiro que sua mãe (a mulher dêle, é bom lembrar) lhe legara — e que Carmandine, pelo menos na imaginação, havia investido num trator novo. Ainda ficava irritado, e o sangue lhe fervia nas veias, tôda vez que lembrava aquelas coisas.

Voltando ao princípio da carta, ele leu:

«Prezado Sr. Carmandine:

«Sua querida filha Solda talvez lhe tenha escrito a meu respeito. Ela possuía um delicioso ninho em minha casa, há pouco mais de um ano, e assim, cheguei a considerá-la como verdadeira amiga — tanto quanto, é claro, pode ela permitir a alguém que seja amigo seu; é que ela faz da sua vida íntima um verdadeiro fetiche, como, sem dúvida, o senhor sabe».

A pressão sanguínea de Carmandine subiu rapidamente, enquanto ele procurava descobrir por que ela não dizia logo o que queria. E que diabo queria dizer fetiche? Pelo visto, seria algum prato proibido.

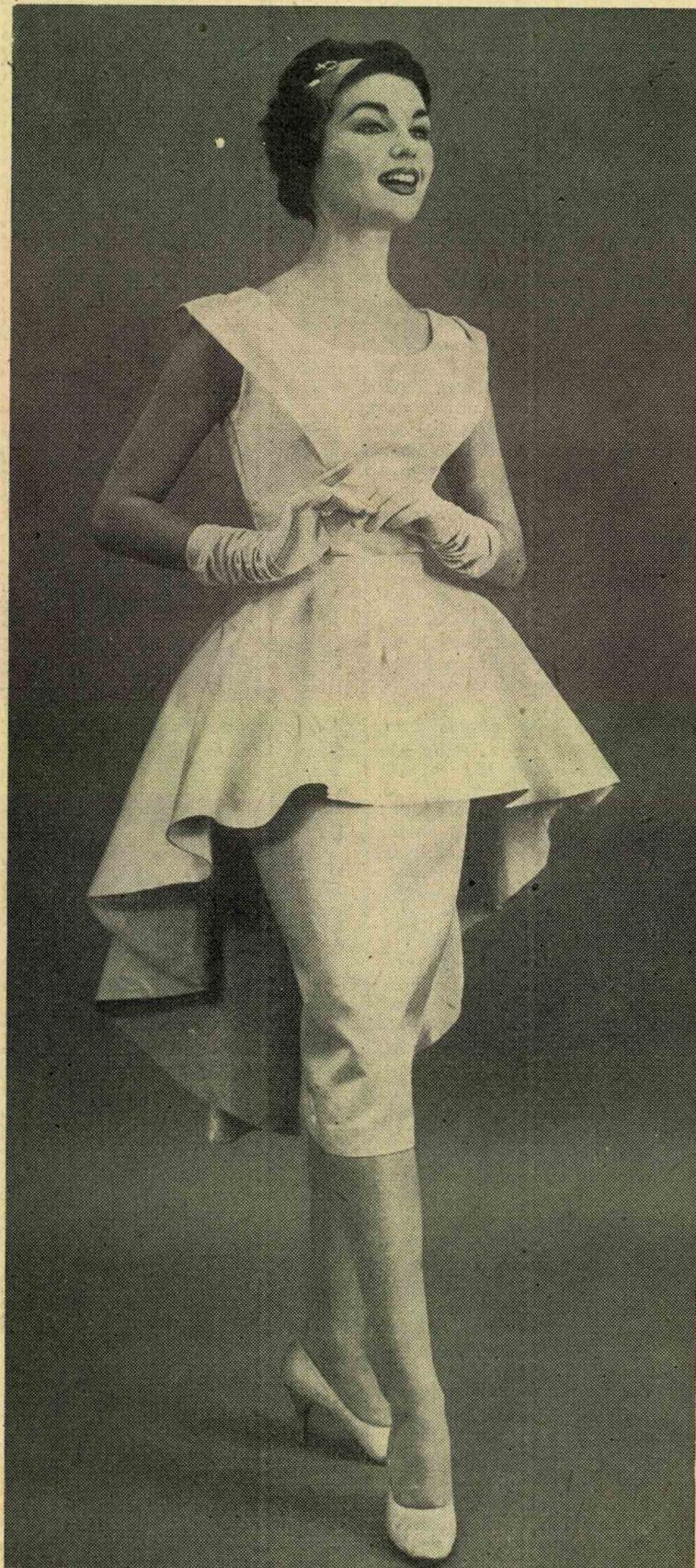
«Sua filha fugiu do ninho há muitos dias, e evidentemente foi para não voltar, pois deixou o dinheiro do aluguel do mês passado e levou tudo o que era seu — dobrando as tendas, tal como os árabes, e desaparecendo dentro da noite. Foi na noite de quinta-feira passada. Fiquei

(Continua na pag. 78)



LOTERIA
DO
ESTADO
DE
MINAS
GERAIS

a nossa loteria



Momentos Festivos

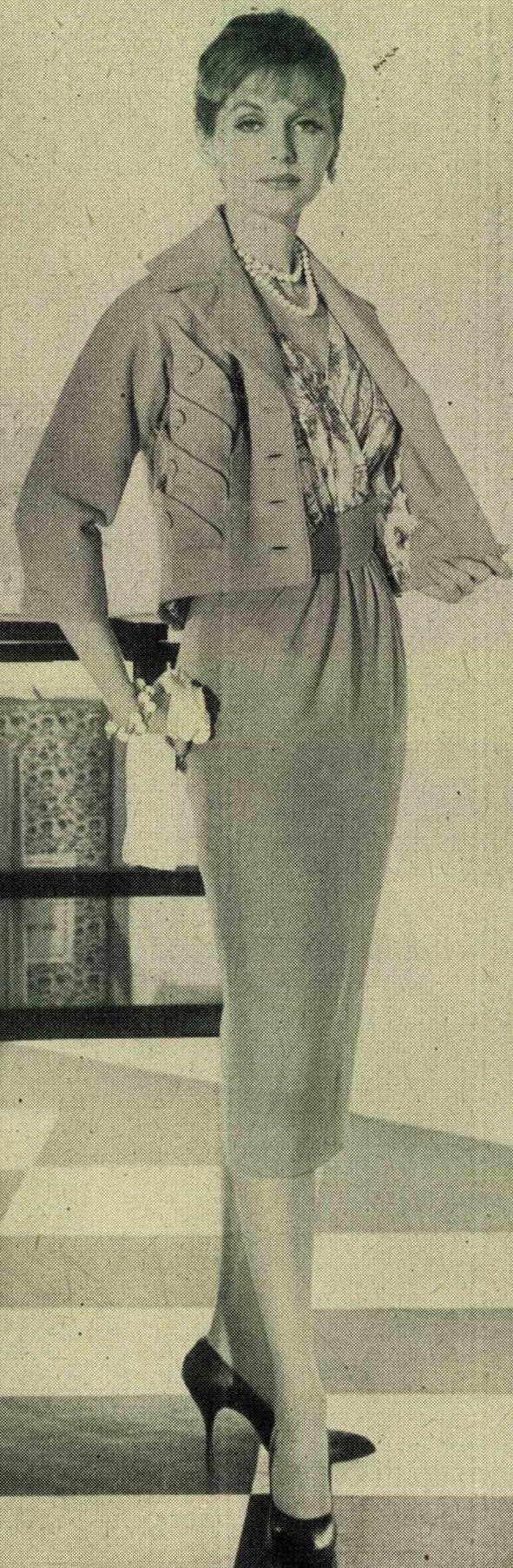


Para as cerimônias de casamento, eis um modelo apropriado, tendo a destaca-lo a ampla sôbre-saia. Criação de Am. Bemberg. (Foto APLA).



Para as festas elegantes, Don Loper sugere êsse modelo em fazenda brocada, tendo a encantá-lo o corpete de sêda pura da qual é feito o casaco que acompanha o vestido. A saia é bastante ampla. (Foto APLA).



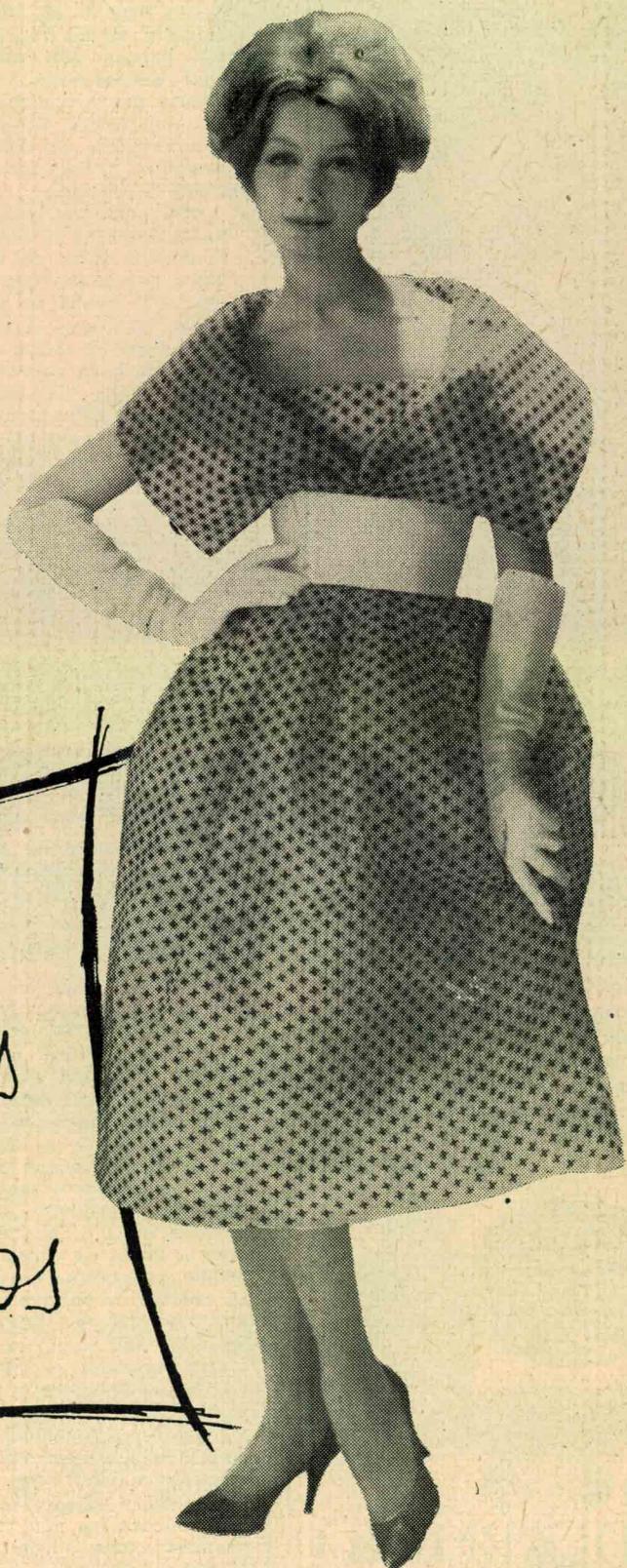




Desenhado por Don Loper, êsse conjunto em duas peças, feito em lã amarelo-clara, tem o casaco forrado com a mesma sêda estampada usada na confecção da frente única que o acompanha. (Foto APLA).



Numa criação de Catherine Sauve, êste interessante modelo em fazenda branca com poás pretos constitui o ideal para uma festinha informal. Seu ponto alto consiste no largo cinto branco e na ampla gola tipo capa. (Foto APLA).



duas
linhas
e dois
encantos



É como se você acabasse de sair do banho...

É natural que ele fique deslumbrado. Quando você usa Odo-ro-no, após o banho... conserva aquela sensação agradável por 24 horas. Odo-ro-no corta todo e qualquer vestígio de transpiração... perfuma suavemente... É um prazer usá-lo... refrescante, suave, seca instantaneamente.



Faça de
ODO-RO-NO
o seu melhor hábito diário

É Ela Disse: «Talvez»...

Continuação da pag. 73

muito espantada, tanto com a maneira de ela ir-se embora como porque não me procurou para despedir-se.

Nesse ponto, Carmandine concluiu que Adélia Lovestone, com aquele negócio de dobrar tendas à maneira árabe, era uma velha maluca fossilizada.

«No princípio, estava disposta a respeitar o desejo evidente de sua filha, de ficar reservada, e presumi que era o melhor, por causa da sua partida quase furtiva — mas aconteceu uma coisinha à-toa: chegou a conta do leite, relativa à última semana que ela passou aqui. Como não tenho meios de entrar em contato com ela, achei que ela talvez tivesse dado um pulo à casa, para visitá-lo. Ah, Sr. Carmandine, como é irresistível o impulso que nos faz voltar!

«Se Solda estiver aí, quer fazer-me o favor de pedir-lhe que me envie um dólar e oitenta e cinco céntimos (1,85)? Ou, se não estiver e o senhor por acaso souber do seu endereço atual, quer ter a bondade de me informar? E se não sabe, poderia fazer-me a fineza de me enviar aquela importância (1,85), para que o leiteiro não me amole mais perguntando pelo dinheiro?

«Atenciosamente sua
ADÉLIA LOVESTONE».

— Uma figura que eu vou pagar isso! — exclamou Carmandine.

E rasgou a carta em pedacinhos.

★

O SARGENTO MORRIS sentou-se na cadeira indicada por Harold. Estavam perto de uma janela da sala de estar, que dava para o que havia sido um belo jardim, durante a vida da mãe de Denlon, mas que agora mostrava-se muito mal cuidado. Schulter, o jardineiro, havia-se ido embora mais ou menos um mês após a vinda de Clara. Ela havia pedido que plantasse certa planta exótica, impossível para o clima da Nova Inglaterra, e Schulter não discutira. Pelo contrário, murmurara algo profundamente professoral a respeito de jardinagem, aconselhando que o jardim fosse levado para o México, fizera observações sobre a «catalogomania» das mulheres cabeçudas e juntara seus trastes. Seus sucessores não tinham sido grandes coisas, e, ainda que muito pouco eficientes, também não haviam ficado.

— Acho que já sei o que vem

me dizer — declarou Harold.

— E' Quase todo mundo acerta com coisas assim, quase por intuição.

— Clara morreu.

— Não posso garantir, é claro, mas estou quase certo. O senhor terá de ir fazer a identificação.

— Sim.

— Lamento muito, Sr. Denlon.

— Acho que já imaginava, desde o princípio, que acabaria assim. Não o imaginava conscientemente, o senhor sabe. A idéia ficava sempre no fundo de meu cérebro.

— Encontraram o corpo dela junto da margem do rio, um pouco abaixo de sua casa de campo.

— No rio? — perguntou Harold, atordoado e revelando certo espanto. — Mas Clara sabia nadar. Nada muito bem, mesmo.

— Ah, o senhor não sabe quanto nadador de primeira categoria morre afogado.

— Com cãibras? Ou será que bateu em alguma coisa, quando mergulhava?

Morris deu de ombros.

— O senhor não seria capaz de dar nem o princípio da lista de razões possíveis. Sempre acontece alguma coisa nova. — Hesitou antes de acrescentar: — Agora mesmo, a coisa foi nova.

— Nova? — repetiu Harold.

— Parece que foi resultado de um acesso de mêmô... o que, somando às cãimbras... O senhor sabe aquela pedra, logo abaixo da sua casa? Uma pedra que mal aparece à superfície?

— Sei, sim. Sei que pedra é.

— Parece que ela tentou subir para a pedra e não conseguiu. As unhas dela estão quebradas e as pontas dos dedos ficaram muito machucadas. Achamos que foi durante a noite, porque... porque ela estava desnuda, Sr. Denlon.

O rosto de Harold ficou muito vermelho.

— Era um hábito dela, nas noites de lua, quando fazia calor. Eu nunca fui nadar com ela, nessas ocasiões. Não gosto mesmo de nadar, a não ser quando o sol está bem quente.

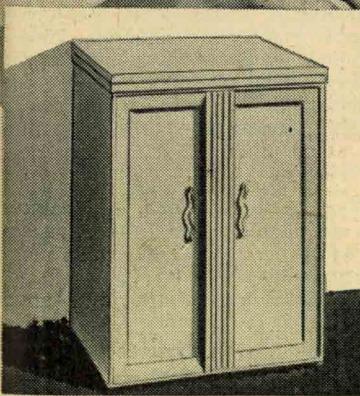
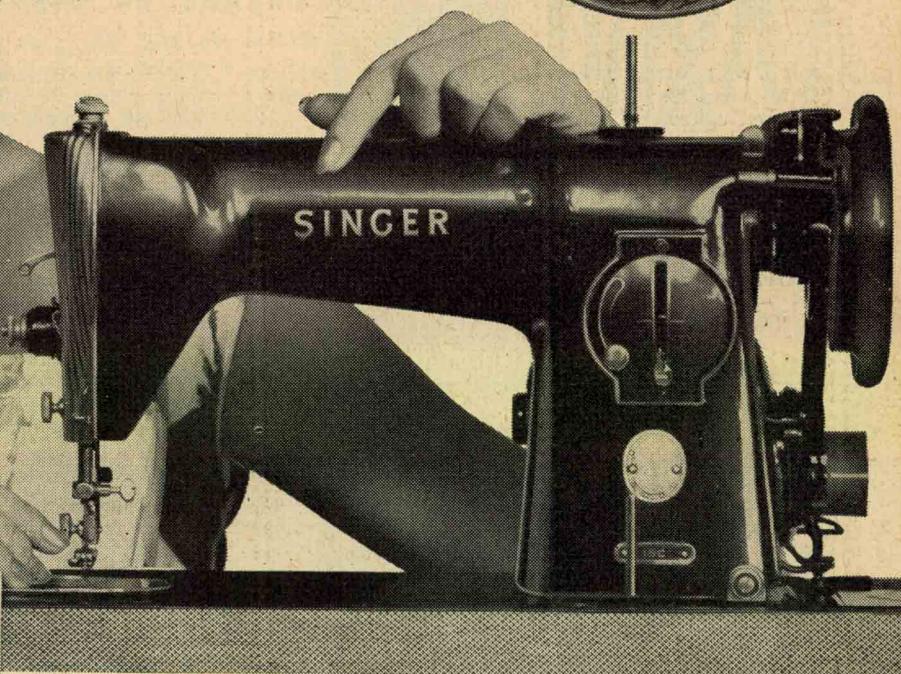
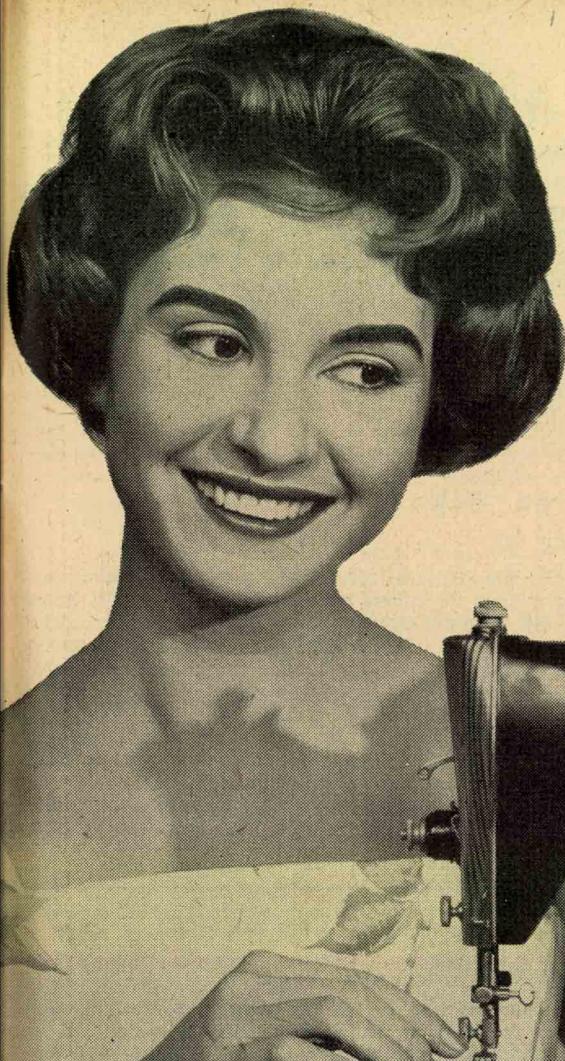
— Eu também sou assim. Suponho que o senhor tenha dado uma batida na sua casa de campo, quando percebeu que ela estava desaparecida.

— Foi, sim. Telefonei para lá, na manhã de sexta-feira, mas ninguém atendeu. Então, fui lá ver o que havia.

— Quantos tempo ficou lá?

— Não fiquei, não. Só vi que

(Continua na pag. 88)

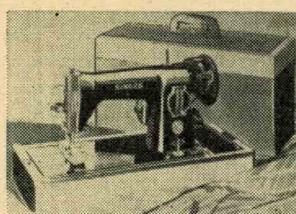
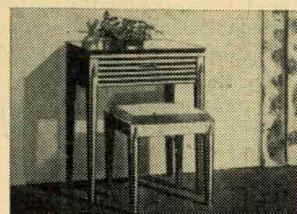
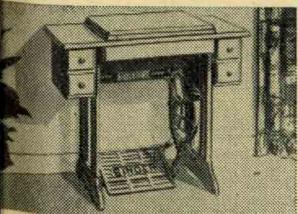


O nome garante a sua máquina!

Mais de 100 anos de tradição e a preferência de 150 milhões de compradores — eis as razões que a fizeram decidir-se pela compra de uma Singer.

Sim, o nome Singer quer dizer tradição e preferência máximas. E mais ainda: assistência técnica que assegura um funcionamento perfeito, continuamente.

HÁ UMA SINGER PARA CADA GOSTO... PARA CADA ORÇAMENTO!



Málo Gabinete N.º 404 — A melhor máquina de pedal que existe. Cabeça 15 C 75, que costura para frente e para trás, instantaneamente.

Gabinete de Luxe n.º 71 — De linhas elegantes e delicadas nas melhores madeiras de lei. Um móvel que adorna qualquer residência. Elétrica.

Portátil N.º 280 — Permite trabalhar comodamente em qualquer lugar. Motor, farol e controle de pé. Maleta moderna e elegante.



...O NOME
GARANTE
O PRODUTO

— e comprar-a
em suaves
prestações!



Uma Máquina Que Tem Idéias

Conclusão da pag. 21

porta-voz da marinha norte-americana declarava recentemente, ao "New York Herald Tribune", que os perceptrons poderão "fazer decolar e aterrissar automaticamente os aviões, ler textos, impressões ou manuscritos, percorrer um livro, uma revista científica ou um relatório para nélies descobrir a informação que procuram. Saberão reconhecer um tema musical afogado numa partitura, com tanta rapidez e precisão quanto um crítico experimentado".

Na vida corrente, um perceptron, vigiando uma praia, distinguirá um banhista em perigo de qual-

quer objeto que flutue em suas vizinhanças e dará alarme. Poderá separar a haste dum algodoeiro das más ervas que o cercam e fazer automaticamente a colheita, que é uma das ocupações humanas mais fatigantes e mais mal pagas.

Máquina adulta, super-robot, o perceptron será, talvez, em dia próximo, o verdadeiro associado do homem e não mais, como todas as nossas máquinas atuais, um servidor manobrado, sómente capaz de atletismo ou de minúcia, e nunca de inteligência. — Robert Keller.

A Ruína Chegou no Dia 13

Conclusão da pag. 47

sair à noite, deve fazer alguma coisa, deve entregar-se ao vício ainda uma vez, para sofrer mais; não é possível evitar.

Agora, não há mais nada de estranho no fato de ter levado Paola Del Bono no seu carro. Agora, comprehende-se por que, em dado momento, o complexo de culpa que o torturava chegou a explodir, levando-o a consumar, sem piedade, até o último gesto, mas, ainda, guardando uma parcela de orgulho, não querendo ser chamado de ladrão.

— Preciso... preciso recordar — disse Roberto Dalla Verde.

— Não pode tê-la matado — disse Emilia Dalla

Verde. Ele sempre foi muito bom. Sexta-feira, encheu a casa de flores, eu estava muito feliz. E achei que ele também estava. Mas, depois, olhou o relógio e me disse: "Imagine, são treze horas de sexta-feira, dia treze. Dá azar". Ele tinha horror ao treze...

* * *

Roberto Dalla Verde era um homem feliz, que não soube guardar a sua felicidade, afogando-a em álcool. Matou, é certo, num momento de desvario, mas o código penal italiano nem sempre admite clemência para casos assim. Sua pena, por isso mesmo, poderá ser de 24 anos de prisão.

Virgínia de Castiglione, a Mais...

Conclusão da pag. 69

pela primeira vez, convidada a um baile nas Tuiliérias, onde entrou pelo braço de Nigra, embassador da Itália. Mas ninguém ressuscita o passado. A princesa Matilde, sua protetora de outrora, não foi saudá-la. O imperador o fêz, mas ligeiramente embaraçado. E ninguém lhe deu atenção, porque as mulheres vingavam-se e os homens, embaraçados, não tinham coragem de ir pessoalmente testemunhar-lhe a sua admiração.

* * *

Passado algum tempo, ela ficou sabendo que seu marido, acompanhava o cortejo nupcial do duque de Aosta, caindo do cavalo, fôra atropelado pela carroagem e morrera. Em julho de 1867, a condessa de Castiglione estava instalada em Florença, com uma renda quase miserável. Não podendo mais reinar sobre Paris, ela procurava reinar sobre a Itália. Mas Florença e Turim não podiam vencer-lhe o tédio, e Paris era, ela bem o sabia, a única cidade do mundo onde se pode ser feliz. Passou, então, a passar lá prolongadas temporadas, para fugir ao provincialismo italiano, e chegou a organizar um círculo de «fiéis» — o príncipe «Plon-plon», irmão de Matilde Bonaparte, banqueiros, o duque de Chartres e também o trepidante Thiers.

O pequeno ministro, de sessenta e dois anos, havia sido, por muito tempo, adversário de Nicchia, enquanto ela fôra mulher política, porque ele era contra a união italiana feita à custa da intervenção da França. Agora, porém, tudo era diferente. Ele parecia estar apaixonado por ela.

Em princípios de 1870, Nicchia inventou mesmo de convidá-lo a visitar La Spezia, nos vastos domínios dos Oldoini, mas o velho não pôde ir.

A perspectiva de uma guerra, a derrota de Seden, a prisão de Luís Napoleão, despertaram o passado, fazendo-a sentir-se doente. A 12 de outubro, sua criada de quarto, Luisa Corsi, sua única confidente, anunciou o «velhinho francês». Thiers chegava de Londres, onde se encontrava por ocasião da queda do imperador. Tinha visitado vários reis, e não tinha mais esperanças de paz. Queria agora conversar com Victor Emmanuel para obter um aliado. Mas ele o havia chamado de «bandido», e o rei não o esquecia.

— Tudo vos é fácil — disse Thiers. — Vós sois poderosa. Ele acaba de alcançar um grande sucesso. Suas tropas entraram em Roma. Ele pode mostrar-se generoso. Intercede por mim...

Ela ouvia. O velhinho oferecia-lhe um novo «papel» internacional.

Victor Emmanuel recebeu o francês.

— Vós muito mal falaste de mim — disse ele.

— Sire, é verdade que o fiz, mas sem convicção.

Mas as conversações, malgrado o interesse da condessa, não deram resultado. O rei da Itália não estava em condições de atender. Ademais, os ministros do rei continuavam detestando Thiers. A Itália havia de permanecer neutra.

No boudoir de Nicchia, Thiers caminhava para lá e para cá, mãos às costas.

— Dizieis, minha bela divina, que conhecíeis Bismarck?

Era meia-noite, hora imprópria para visitas diplomáticas, mas, assim mesmo, Nicchia mandou chamar à embaixada da Prússia o Sr. Brassier de Saint-Simon, descendente dos Huguenotes exilados pelo édito de Nantes. O alemão, quando chegou à

porta, fêz menção de retroceder. A silhueta do «Anão Thiers» era inconfundível. Por um instante, ele pensou que a Castiglione estivesse louca. Ela se adiantou, irresistível.

— Senhor embaixador, em nome da pátria dos seus antepassados, eu vos suplico...

Após uma hora de conversa, o embaixador saiu para telegrafar a Versalhes. Quando Thiers partiu para Tours, deixou uma «cifra» à condessa, e informou aos representantes de França, Sénard e Cléry, que encontrariam nela «a amiga mais segura e mais devotada».

O embaixador Brassier de Saint-Simon, os franceses, e Nigra, o embaixador italiano, mantinham Nicchia ao corrente dos acontecimentos, hora por hora. O próprio Thiers fêz saber a «sua bela» que estava «muito satisfeita» com a acolhida de Bismarck. E ela escreveu uma carta ao chanceler, onde pedia pela França :

«Não deixeis que nasça o ódio, um ódio im- placável, aliado à vingança, matando as afeições e os amores... Direis que falo como uma mulher de romance ? Não, eu falo a um homem de Estado, tal como o haveis de ser».

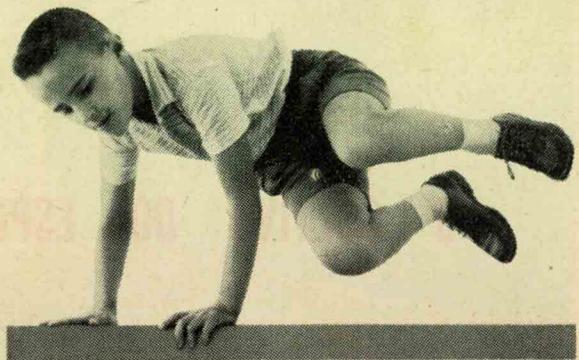
Ela imaginou a França agrupada com Thières, mas ninguém quis saber de tê-lo como condutor das negociações. As conversações com Bismarck foram interrompidas, que ele nutria cego ódio à França.

«O importante é ser bem sucedido — dizia o primo Cavour, agora falecido. — Quando se é bem sucedido, sempre se tem razão...»

Mas a «divina condessa» já não conseguia mais o sucesso. Em 1872, aos 32 anos, estava de novo em Paris, mas era uma Paris estranha, desconhecida, hostil. Aguardava-a uma nova experiência. Não podendo mais esperar um «papel», ela se deixou levar pela natureza e apaixonou-se. Por ironia, o herói foi um bonapartista apelidado «o mosqueteiro da imperatriz», Paul de Cassagnac. Mas logo chegou a infelicidade, conduzida por aquela a quem ela pouco havia ligado: seu filho Georges. Eternamente arrastado por aquela mãe, conhecendo numerosíssimos «tios», sem pai, o adolescente fugiu, roubando preciosas cartas escritas a sua mãe pelos seus vários admiradores, inclusive Cassagnac. Este, que era jornalista, sabendo que o filho ia fazer com que sua mãe falasse, rompeu imediatamente com ela. Assim terminou o único amor autêntico de sua vida. Desde então, embora ela não tivesse ainda quarenta anos, viveu completamente retirada do mundo. Durante um quarto de século, mergulhando pouco a pouco na loucura, e depois na miséria, malgrado a pequena renda que os Rothschild continuavam a lhe pagar, ela só viveu de recordações. Quando morreu, em 1899, seu testamento estipulou que a enterrasse com a «camisola de dormir de Compiègne 1857», com tódas as jóias ofertadas pelo imperador. Mas sua vontade não foi respeitada. A criada Luisa Corsi e um garçom do restaurante do lado foram os únicos a acompanhar ao «Père-Lachaise» aquela que, apesar de tudo, pelo seu encanto e por sua beleza, tornando-se a favorita de um imperador, havia ajudado a unificar um reino. — Camille Destouches.

☆ ☆ ☆

A diferença existente entre construção e criação é exatamente esta: uma coisa construída só pode ser amada depois de construída, mas uma coisa criada é amada antes mesmo de existir. — G. K. Chesterton.



Lupo

espuma de nylon,
tipo derby.

LEO BURNETT

nylon e
espuma de nylon,
lisas

Lobo

EUREKA

algodão lisas

— os primeiros nomes em meias para homens e crianças

PRODUTOS DA FÁBRICA LUPO - ARARAQUARA - EST. SÃO PAULO

O CULTIVO DO ESPÍRITO



A INTELIGÊNCIA e a cultura são valores reais e permanentes, enquanto que as aparências e as exterioridades são coisas demasiado efêmeras.

Vemos triunfarem na vida as mulheres que compreendem, que refletem e que ponderam, ao mesmo tempo que vemos fracassarem aquelas que se preocupam sómente com a sua aparência exterior: seus vestidos, seus sapatos, suas mãos, suas jóias, etc., sem se lembrarem que, acima de tudo isto, existe uma cabeça que não foi feita apenas para enfeitar o pescoço.

As que se esquecem de cuidar do «interior» da cabeça, geralmente dispõem de tempo para tudo e cumprem à risca o seu programa diário, mas nunca têm um tempinho para dedicar à leitura de bons livros, mesmo porque acham que isto não as diverte e para nada serviria. Mas, como estão enganadas! Acontece justamente o contrário, pois da leitura de livros construtivos e edificantes elas poderiam retirar benefícios incalculáveis!

Muitas pessoas ficam alarmadas quando vêem mulheres mais

velhas casadas com homens mais jovens, formando uma família verdadeiramente feliz, a ponto de despertar comentários. E as amigas confessam mesmo que não podem compreender o sucesso de tais uniões, mas elas não compreendem porque talvez não saibam que o homem considera a idade como um detalhe sem maior importância, quando encontra na companheira inteligência e cultura suficientes para aliviar-lhe as penas, para proporcionar-lhe alegria e para ajudá-lo a percorrer a estrada da vida.

CONVÉM SABER

☆ O pepino para a salada deve ser preparado com bastante antecedência, pois, após picado e salgado, deve permanecer durante umas três ou quatro horas em recipiente bem tampado, a fim de soltar toda a água que contém. Depois disto, pode ser temperado e servido.

☆ Nunca se deve banhar os olhos com água pura, mas sim com uma solução de água e sal que tenha a mesma concentração das lágrimas, isto é, 14 gramas de sal para um litro de água fervida.

☆ Quando não estiverem em uso, as pelícias devem ser guardadas envoltas em linho bem lavado e, de vez em quando, sacudidas e arejadas, para evitar que as traças ponham nelas os seus ovos.

☆ As mesas envernizadas ficam às vezes com nódoas de limonada ou de licor, mas estas desaparecem quando tratadas com água de farelo ou pó de café quente.

☆ As nódoas de gordura do assoalho são removidas com essência de terebentina e talco, colocado depois da essência. Sobre o talco, deve-se pôr ainda um ferro de engomar quente, completando assim o trabalho.

EXERCÍCIOS PARA A ELEGÂNCIA

STAR elegante não consiste apenas em adquirir vestidos caros, dentro dos rigores da moda. A elegância exige também uma silhueta bem proporcionada e harmoniosa; requer graça nos movimentos, leveza e refinamento: o conjunto de tudo isto é o que se define por elegância — o que não está enquadrado dentro disto não passa de vestir bem.

Um colaborador valioso da elegância feminina é, sem dúvida, a ginástica, com exercícios racionais orientados para a estética e para o equilíbrio da silhueta. Não se trata de pensar únicamente em um adelgaçamento ou na conservação da figura esbelta. O que se procura é dar elasticidade aos músculos e volume adequado a todas as partes do corpo, eliminando as adiposidades.

Para isto, apresentamos uma série de pequenos exercícios que, se observados continuamente, garantirão uma silhueta graciosa, gestos naturais e finos.

BAZAR feminino

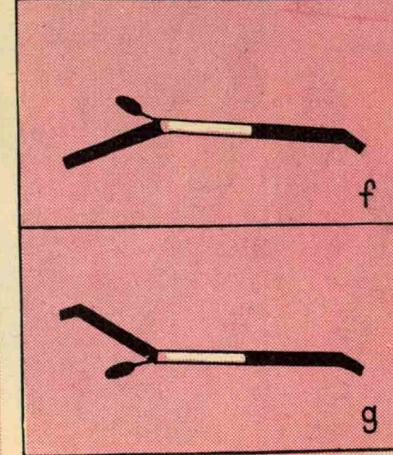
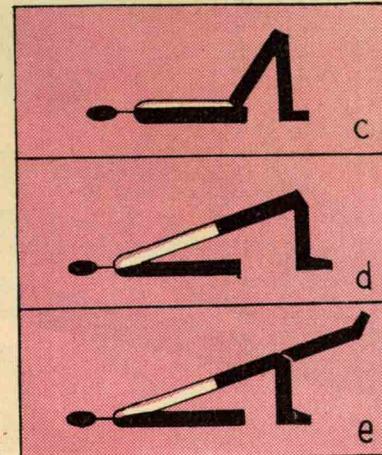
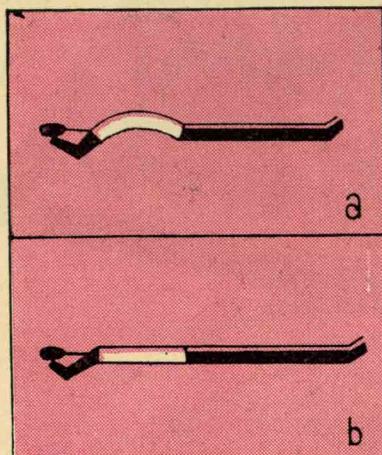
Para realçar as suas porcelanas, os seus delicados cristais e os talheres de prata de lei, eis aqui uma sugestão, para você pôr em prática, num jantar de cerimônia. Repare que, tirando o buquê de rosas, os únicos enfeites da mesa são um candelabro e as próprias peças de serviço. Repare ainda que o buquê não é muito alto, porque se o fosse, dificultaria uma palestra entre os convivas que se encontrassem frente a frente.



A inflexão exagerada da cintura é um dos pontos que a elegância perfeita exige que se combata, e este é um exercício eficaz para isto. Processa-se em duas fases: a) estendida no chão, cruzar os braços e apoiar a cabeça nas mãos; mediante uma contração dos músculos das nádegas e abdominais, flexionar a cintura; b) relaxar a contração até que as costas toquem o solo o mais perfeitamente possível.

Para tonificar os músculos da região glútea, tão básica dentro dos princípios da elegância, e ao mesmo tempo para eliminar as adiposidades supérfluas, é excelente tomar a posição indicada na figura c, procurando colocar o corpo em posição bem relaxada; d) apoiando-se nos braços e na zona dos ombros, elevar o corpo, sem mover as pernas, até que se chegue à posição que chamaremos de oblíqua; e) ainda na posição oblíqua, estirar as pernas alternadamente.

Exercício para um bom porte, eliminando adiposidades da nuca, ao mesmo tempo que lhe dá elasticidade; f) deitada de bruços, levantar e abaixar a cabeça repetidas vezes; g) apoiar a cabeça no chão e estender os braços para a frente, cuidando para que as mãos não toquem o chão.



Bôlo de Peras e Frutas

Ingredientes :

3 colheres de sopa de manteiga derretida	1/3 de xícara de manteiga (com consistência normal)
3 colheres de sopa de açúcar mascavo	1/2 colher de chá de sal
3 peras frescas	1 ôvo
1 xícara de açúcar refinado	1 colherinha de essência de baunilha
1 3/4 de xícara de farinha de trigo peneirada	1/2 xícara de leite
2 colheres de chá de fermento	

Peneire juntamente a farinha de trigo, o fermento e o sal e deixe de lado. No fundo de uma fôrma, misture bem a manteiga e o açúcar. Descasque, corte ao meio e tire as sementes das peras, colocando-as em seguida, na fôrma, com o corte para baixo. Faça um creme com 1/3 de colher de manteiga, o açúcar refinado, o ôvo batido e a essência de baunilha.

Junte à massa a mistura de farinha e bata, adicionando o leite aos poucos.

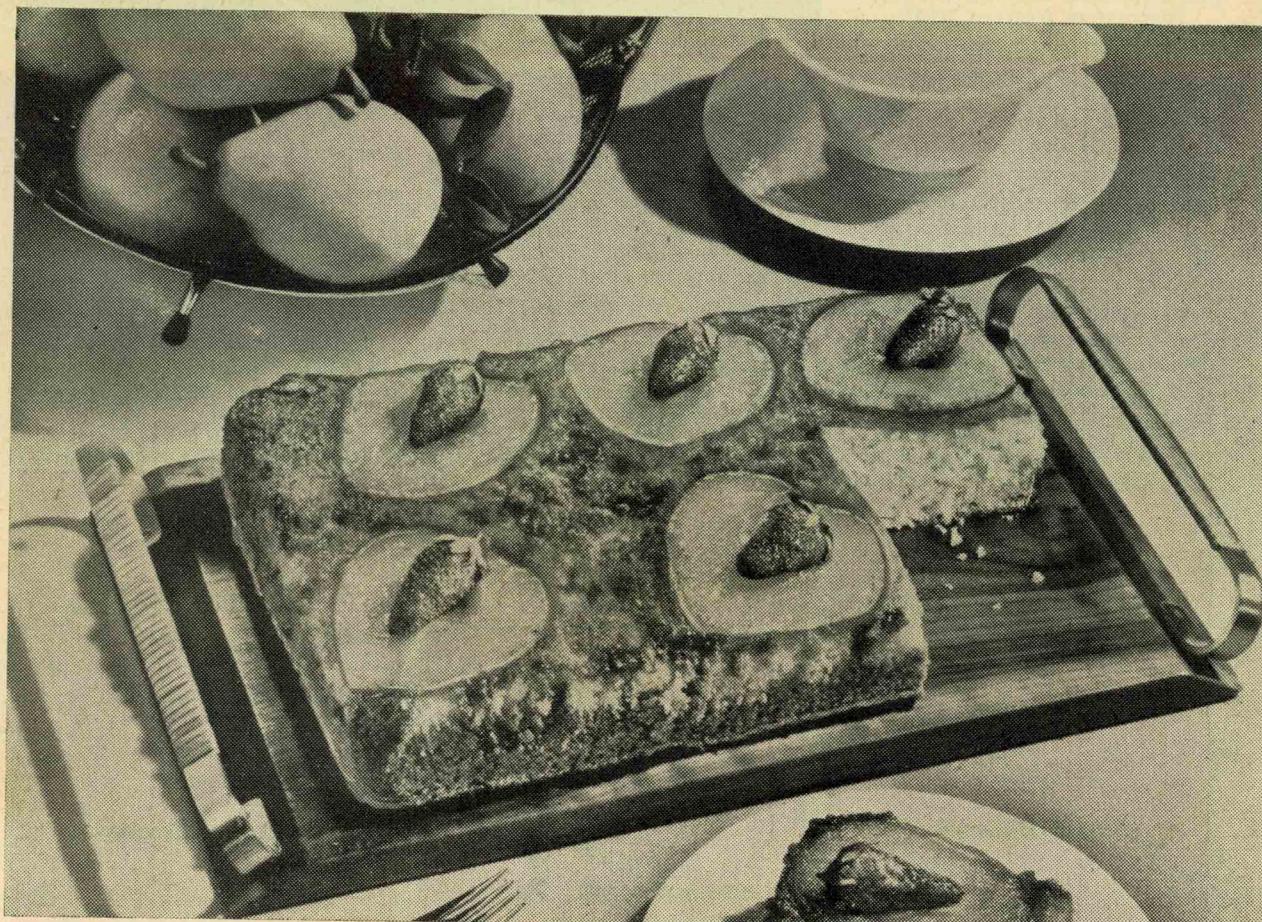
Asse em forno moderado, durante 45 minutos. Depois de frio, coloque o bolo em um prato próprio e enfeite-o com morangos inteiros e frescos e com calda de laranja. Sirva morno.

Modo de fazer o caldo de laranja :

Coloque numa panela 1/2 xícara de açúcar, 2 colheres de chá

de Maizena e 1/2 xícara de água quente. Leve ao fogo e deixe ferver até tomar ponto. Em seguida, misture, aos poucos, 1/2 xícara de suco de laranja, 1 1/2 colheres de sopa de suco de limão, 1/2 colher de chá de casca de limão ralada e outro tanto de casca de laranja ralada. Acrescente ainda 3 colheres de sopa de manteiga. Deixe esfriar antes de servir.

O bolo de peras constitui uma deliciosa sobremesa e pode ser servido com café.



As Frutas Valorizam os Bolos



Delicioso bolo de laranja e coco, ideal para aniversário.

Bolo de Laranja e Côco

Ingredientes :

2 xícaras de farinha de trigo peneirada	4 ovos
2 colheres de chá de fermento em pó	1 xícara de leite
1/2 colher de chá de sal	1 colher de sopa de suco de laranja
1 1/2 xícaras de açúcar	Casca ralada de laranja

Peneire juntos : a farinha, o fermento e o sal. Em seguida, misture o açúcar, a manteiga e a casca de laranja e ajunte as 4 claras mal batidas, uma de cada vez (guardando as gemas para o glacê).

Bata o necessário para obter u'a massa homogênea e depois despeje-a em uma fôrma untada e pulverizada com farinha, levando a assar em fôrno moderado durante 25 minutos aproximadamente (use um palito para ver se já está bom).

Deixe esfriar por uns 10 minutos na fôrma. Desenforme e deixe esfriar completamente. Quando o bolo estiver bem frio, cubra-o com o glacê de laranja (conforme receita anexa) e espalhe por cima bastante coco ralado.

Glacê de Laranja

Ingredientes :

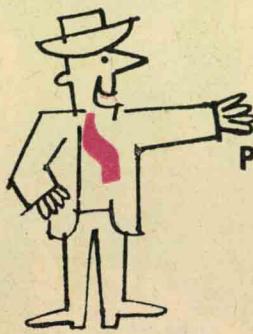
2 1/2 colheres de Maizena	4 gemas de ovos
1/2 xícara de açúcar	2 colheres de suco de limão
1 pitadinha de sal	1 colher de sopa de manteiga
1 xícara de suco de laranja	Algumas gotinhas de essência de baunilha

Coloque a Maizena, o açúcar, o sal e o suco de laranja em uma vasilha e leve ao fogo para tomar

consistência. Depois, tampe e cozinhe por uns 10 minutos em banho-maria. Bata as gemas e adicione-lhes o suco de limão e a

manteiga. Misture tudo, acrescentando a essência de baunilha. Esfrie e use conforme a receita.

MELHORES



PREÇOS

E MAIS

VANTAGENS

O presente

Uma assinatura de ALTEROSA

EIS O PLANO

- Você oferece agora o seu presente, com desconto de até 30,47% sobre o preço de cada exemplar;
- As revistas começam a chegar agora mesmo, mas o prazo da assinatura só será contado a partir de dezembro;
- Em dezembro, enviaremos à pessoa presenteada um belo cartão de Festas, em cores, anunciando o seu presente.

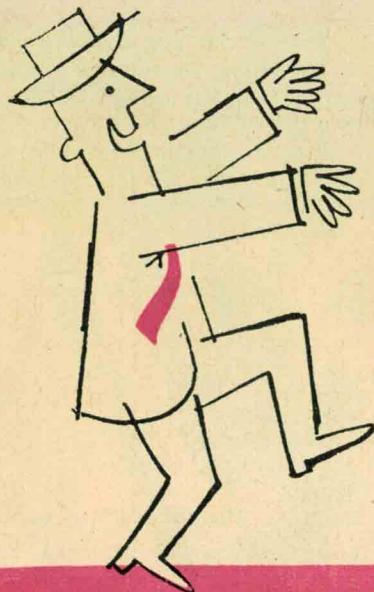
EIS AS VANTAGENS

- Você não tem mais de se preocupar com o que vai presentear;
- O seu presente «chegará» todas as quinzenas, fazendo o seu nome permanentemente lembrado;
- Você, realmente, não pode adquirir outro presente que agrade tanto, dispendendo tão pouco.

EIS OS PREÇOS

2 anos (48 números)	Cr\$ 500,00	(desconto de 30,47% sobre o preço de cada exemplar)
1 ano (24 números)	Cr\$ 270,00	(desconto de 25% sobre o preço de cada exemplar)
6 meses (12 números) ...	Cr\$ 160,00	(desconto de 11,14% sobre o preço de cada exemplar)

(Esses preços vigoram até 31 de dezembro dêste ano).



ALTEROSA

Uma revista de classe,
para pessoas de gôsto

PARA

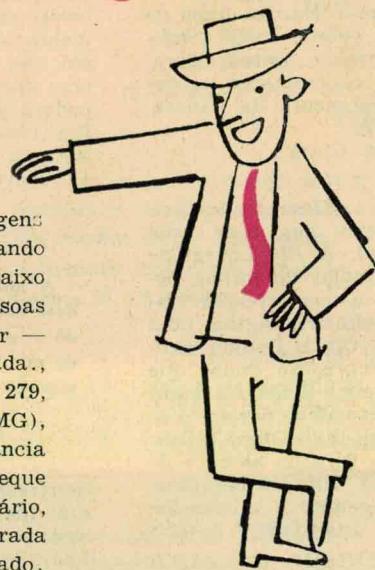
ALTEROSA



mais desejado:

como Presente de Festas

Aproveite, agora, as vantagens
do nosso plano, enviando
hoje mesmo os cupons abaixo
— ou a lista das pessoas
as quais deseja presentear —
para a Soc. Editora Alterosa Ltda.,
Caixa Postal 279,
Belo Horizonte (MG),
acompanhados da importância
dos seus presentes, em cheque
bancário,
vale postal ou carta registrada
com valor declarado.



A
SOC. EDITORA ALTEROSA LTDA.
Caixa Postal 279
Belo Horizonte — MG

Segue junto a importância de Cr\$,
correspondente a assinatura(s) de ALTEROSA,
a ser(em) enviada(s) como Presente(s)
de Festas para :

NOME

ENDERÉCΟ

CIDADE ESTADO

Ofertante

Enderêço

Cidade Estado

E Ela Disse: «Talvez»...

Continuação da pag. 78

ela não estava em nenhum dos quartos, e então corri de volta para cá. Eu pensava, durante todos êsses dias, que meu lugar era aqui, junto do telefone, para o caso de ela chamar, ou de outra pessoa qualquer telefonar.

— Isso é muito natural, Sr. Denlon. Está disposto a ir comigo ao necrotério, agora? Posso levá-lo de carro, e trazê-lo de novo.

— Bom... é claro que vou.

Morris levou-o. Harold olhou de relance para aquêle rosto trágicamente deformado. Lutou, desesperado, para controlar-se, e, depois de um momento de náusea, conseguiu dizer:

— E... é Clara.

☆☆☆

A TARDE, a «Gazeta» de Bodmont Falls pôs nas ruas uma edição especial. A Sr^a Lovestone abriu um exemplar do jornal, depois de fazer a sua refeição vespertina. Na primeira página, uma fotografia de Clara Denlon causou nela a impressão quase que de uma pancada. Solda Carmandine? Os olhos dela deram com aquelas roupas muito bem feitas, evidentemente fora do alcance do orçamento de sua ex-inquilina. E havia a legenda, a aliviar-lhe um pouco a ansiedade: A SR^a HAROLD DENLON, DA ALTA SOCIEDADE, VÍTIMA DE AFOGAMENTO ACIDENTAL.

Mas, como era parecida com Solda Carmandine! Correu os olhos pela notícia, detendo-se onde dizia:

«... médico legista, a Sr^a Denlon parece ter encontrado a morte na noite de quinta-feira, 16 de agosto. O Sr. Denlon, suportando com bravura o choque que recebeu, admitiu que sua esposa gostava, vez por outra, de nadar, em noites de lua, perto de sua luxuosa casa de campo, junto do rio...».

A Sr^a Lovestone rememorou as datas. Verdade, dia 16 fôra exatamente aquela quinta-feira em que Solda Carmandine desaparecera. Recordou o ruído que lhe parecera ser de uma mala contra o corrimão, que ouvira às três da madrugada, e o ruído dos freios do carro, na rua. Era uma coincidência curiosa, e, além disso, a semelhança era quase inacreditável.

Acabou de arrumar a cozinha e, então, cortou o retrato de Clara Denlon e a notícia do jornal, e sentou-se para escrever:

«Prezado Sr. Carmandine:

«O senhor ficará surpreendido de receber outra carta minha, tão pouco tempo depois de ter chegado às suas mãos a minha nota anterior, mas acho que o recorte incluso, bem como a fotografia, são tão estranhos, que o senhor também há de pensar o mesmo. Digo isso porque a infeliz Sr^a Denlon, que morreu afogada, parece muito com a sua querida filha. E, se o senhor levar em conta que o afogamento se deu na mesma noite em que Solda sumiu sem mais nem menos, a única coisa que poderá pensar é em... Kismet! Por isso fui que não pude resistir à tentação de enviar-lhe o recorte, e aproveito-me da

♦♦♦
A amizade perfeita entre dois homens é o mais profundo e o mais alto sentimento de que é capaz o espírito humano. — G. F. Atherton

♦♦♦
oportunidade para refrescar a sua memória, com relação à conta ainda não paga, de um dólar e oitenta e cinco céntimos (\$1.85).

«Atenciosamente

ADÉLIA LOVESTONE».

Lambeu o envelope, depois o selo. Os dedos dela completaram o trabalho. Pôs na cabeça o deformado chapéu de palha, cuja coroa era enfeitada com um círculo de não-me-esqueças, e pôs-se escadas abaixo.

O Sr. Loftus Suffern (funcionário da Malharia Bodmont) estava à espera dela, lá em baixo:

— Já ia subir para vê-la, Sr^a Lovestone.

— Ia, Sr. Suffern?

— Fui chamado de volta ao escritório de Nova York, e vou pegar o trem das duas horas. Gostei muito que a senhora me aceitasse como mensalista, e aqui está a compensação pelas três semanas vindouras.

— Bom, obrigada, Sr. Suffern.

— Não seja por isso. É uma casinha boa, essa da senhora. Muito bem cuidada. Tenho certeza de que não vai ter dificuldades em arranjar outro inquilino.

A Sr^a Lovestone sorriu.

— Dificuldades não vou ter mesmo. A verdade é que aluguei

o apartamento para o senhor um dia depois que a inquilina anterior, Dona Solda Carmandine, saiu.

— Bom, vou despedindo, porque não sei se a encontrarei outra vez.

— Boa viagem, Sr. Suffern.

A Sr^a Lovestone continuou seu caminho, disposta a telefonar para Bella, na «Gazeta», tão logo houvesse pôsto no correio a carta ao Sr. Carmandine. Ainda havia tempo para que seu anúncio saísse na edição da tarde. Estava intrigada com o inesperado daquelas duas partidas do pequeno apartamento — primeiro a de Solda, depois a do Sr. Suffern. Havia anos que a Sr^a Lovestone estava convencida de que as coisas fora do comum sempre acontecem três vezes.

«Quem será o próximo?» — interrogou-se.

☆☆☆

O sol começava a descer no céu, quando Morris entrou no escritório da Companhia de Táxis de Bodmont. Dirigiu-se à jovem que recebia e providenciaava o atendimento de todos os chamados do dia.

— Gostaria de fazer-lhe uma pergunta meio tóla, Elsie.

— Quê que é, Walt?

— Seria possível examinar todos os chamados da quinta-feira passada?

— O Dia do Regresso? Duvido muito. Ainda poderia dar-lhe os nomes dos que chamaram, mas tanta gente pegou táxi na rua... Você sabe como havia gente na rua, naquele dia. Os rapazes quase não agüentavam o batente.

— Eu avisei que a pergunta era meio tóla.

— Quem é que procura, Walt?

— A Sr^a Harold Denlon. Você deve ter visto o retrato dela no jornal. Tenho outra aqui, em que ela aparece melhor.

☆☆☆

O garçom da Taverna Bodmont encostou-se, preguiçoso, ao balcão do bar, e estudou demoradamente o exemplar da «Gazeta». Seus olhos percorreram em tódas as direções a fotografia de Clara Denlon.

— Tenho quase certeza de que já vi essa senhora — disse ao bartender.

— Aqui? — o outro admirou.

(Conclui na pag. 58)



Fonte Viva:

Na Ausência do Amor

"Mas aquél que aborreço a seu irmão está em trevas e anda em trevas e não sabe para onde deva ir, porque as trevas lhe cegaram os olhos". — JOÃO. (I João, 2:11.)

Se não sabes cultivar a verdadeira fraternidade, serás atacado fatalmente pelo pessimismo, tanto quanto a terra seca sofrerá o acúmulo de pô.

Tudo incomoda àquele que se recolhe à intransigência.

Os companheiros que fogem às tarefas do amor são profundamente tristes pelo fel de intolerância com que se alimentam. Convidados ao esforço de equipe, asseveram que os homens respiram em bancarrota moral. Trazidos ao culto da fé, supõem reconhecer, em tôda parte, a maldade e a desilusão. Chamados à caridade, consideram nos irmãos de sofrimento inimigos prováveis, afastando-se irritadigos. Impelidos a essa ou àquela manifestação de contentamento, recuam, desencantados, crendo surpreender maldade e lama nas menores exteriorizações de beleza festiva.

Caminham no mundo entre a amargura e a desconfiança. Não há carinho que lhes baste. Vampirizam criaturas por onde estagiam, chorando, reclamando, lamentando...

Não possuem rumo certo. Declaram-se expulsos da sociedade e da família. E' que, incapazes de amar ao próximo, jornadeiam pela Terra, sob o pesado nevoeiro do egoísmo que nos detém tão-somente no círculo estreito de nossas necessidades, sem qualquer expressão de respeito para com as necessidades alheias.

Afirmam-se incompreendidos, porque não desejam compreender. Ausentes do amor, ressecam a máquina da vida, perdendo a visão espiritual. Impermeáveis ao bem, fazem-se representantes do mal.

Se o pessimismo começa a abeirar-se de teu espírito, recolhe-te à oração e pede ao Senhor te multiplique as forças na resistência, ante o assalto das trevas.

Aprendamos a viver com todos, tolerando para que sejamos tolerados, ajudando para que sejamos ajudados, e o amor nos fará viver, pessimistas e otimistas, no clima luminoso em que a luta e o trabalho são bêngãos de esperança. (Do livro «Fonte Viva»)

IDADE

• A juventude não é senão uma época de iniciação vaga, uma época feliz, de certo modo, e nada mais. A grande batalha que consiste em dar com paixão o melhor do nosso ânimo a uma causa grandiosa só chega com a idade mediana. — Judith Kelly.

CANTIGAS

A mulher, no aniversário, sempre deseja que a gente se esqueça do seu passado, mas nunca do seu presente...

Eno Theodoro Wanke

Nossos tristes corações
são dois navios, querida,
afastados, para sempre,
no grande mar desta vida...

Paulo Freitas

Tu tens a felina graça
ondeante, ambígua e feroz
Da jovem onça que passa
a brincar entre os cipós...

Carlos M. Azeredo

Em sinal de juramento,
põe os dedinhos em cruz.
Mas o velho fingimento
logo em teus olhos reluz.

Symaco da Costa

«Tem juízo, meu filhinho!»
Diz a mamãe, num sorriso...
— Que saudade ainda terás
do filhinho sem juízo...

Luiz Otávio

Minha cantiga é um suspiro
Profundo do coração,
Que percorre o mundo todo
Procurando um eco em vão!

Antônio Pereira da Silva





ROGER VADIM DIRETOR DE BB

CINEMA

Guido A. de Almeida

○ CINEMA poderia ser o meio de expressão de nossa época. Mas está longe de ser. E isto por duas razões: por causa da rentabilidade e por causa do problema de censura e de autocensura que existem no mundo inteiro.

Roger Vadim diz isto. Mas quem é Roger Vadim? «RV foi comediante, jornalista, cenarista, assistente, antes de se tornar o mais elegante, o mais brilhante, o mais discutido dos jovens realizadores franceses. *E Deus Criou a Mulher* escandalizara um pouco e espantara muito os críticos e espectadores. Perguntava-se se Vadim renovaria seu estilo. Renovou-o da maneira mais natural do mundo com *Aconteceu em Veneza*. Vadim tem trinta e poucos anos. Ele quer ser o cineasta de uma geração cujo romancista é

Françoise Sagan». Eis RV na voz da propaganda francesa. Vadim é tudo isso, realmente, mas é mais do que isso; a propaganda não é evidentemente o veículo adequado da crítica.

Como lemos acima, Vadim considera o problema da censura, não só a exercida oficialmente como também a que o próprio cineasta exerce com seus preconceitos e receios, uma das duas limitações maiores do diretor. Pelo visto, em *E Deus Criou a Mulher*, ele não se deixou tolher por qualquer censura que não fosse estritamente estética. Evidentemente, este filme que escandalizou nossa pudorosa e recatada Belo Horizonte não é filme para beatas. Nem por isso RV deixa de ser um cineasta honesto, não só no âmbito da consciência bem intencionada, mas também pela própria mensagem do filme, a denúncia da hipocrisia institucionalizada, que o nosso público não comprehendeu. E por outro lado, reagindo contra o filme em nome de uma moral farisaica, este mesmo público não soube ver com olhos sem malícia as cenas de

realismo sexual do filme. Para ele Vadim era um porco cineasta que explorava as qualidades físicas (desnudadas) de BB — e ponto final.

Mas deixemos a polêmica de lado. Outro filme de RV exibido em Belo Horizonte foi *Aconteceu em Veneza*. (Sait-on Jamais). Este filme é notável pela exposição clara, elaborada, quase barroca, da história. Neste aspecto talvez seja muito superior a *E Deus Criou a Mulher*. Não vimos ainda o filme subsequente a este, *Les Bijoutiers du Clair de Lune*, também com sua ex-espósa, Brigitte Bardot. Já deve estar concluído o seu *Les Liaisons Dangereuses*, com Gérard Phillippe e sua segunda mulher, Annette Vadim. — Para mim — diz Vadim — *Les Liaisons* são um estudo da paixão e da lucidez. O amor nasce do lôgro, ou será um dom, uma doença? Esta questão, que está no coração do livro de Laclos (autor do livro em que se baseia o filme) — estará, espero, igualmente no coração do meu filme. Pode-se colocá-la da mesma maneira tanto hoje quanto ontem...

CINE - NOTAS

• Tyrone Power, no auge de sua carreira, era o ídolo do jovem Rock Hudson. E quando este se tornou ator de Hollywood ele e Tyrone Power vieram a ser grandes amigos. Agora, morto Tyrone, Rock transferiu sua grande amizade para a sua viúva. Toda Hollywood pergunta agora se Rock Hudson levará a cabo a imitação do ídolo de sua juventude.

• Depois de BB, PP. Pascale Petit foi um dos grandes sucessos femininos em Cannes, no último festival, e é atualmente uma das atrizes mais populares da Europa. Enquanto não a vemos em seu último filme, «Pecadores de blue-jean», consolemo-nos com sua fotografia.

• Gina Lollobrigida tem estado muito doente, desde que deixou Hollywood, onde foi iniciar as tomas de cena de seu primeiro filme americano, «Never So Few». Esta se restabeleceu animadamente numa vila que seu marido, o já famoso Dr. Milko, alugou no sul da França.

• A «Beat Generation» já está se transformando em assunto para o cinema. O papa deste momento vanguardista na literatura norte-americana, Jack Kerovac, terá um livro seu, «The Subterraneans», adaptado para o cinema. Uma francesa, Nicole Maurey, trabalhando ao lado de outra francesa, Leslie Caron, fará o papel de uma jovem imigrante cujas idéias extravagantes do existentialismo a levam a ficar envolvida com um bando de desordeiros e «beatniks».

• Era de se esperar que, depois da «Palma de Ouro» recebida pelo seu *Orfeu do Carnaval*, Marcel Ca-

mus recebesse propostas atraentes dos produtores franceses. Realmente, isto aconteceu, e ele pôde-se dar ao luxo de escolher as ofertas. Dentro elas preferiu uma da produtora Christine Gouze-Renal: rodar em setembro de 1960 um filme estrelado por BB.

• São muito poucos os filmes que conseguem varar a Cortina de Ferro, tanto para lá, como para cá. Mas há indícios de que estas barreiras começam a cair; pelo menos os Estados Unidos já firmaram um tratado de permuta de filmes com a Rússia. E o próprio Brasil já aderiu a este movimento, se bem que muito timidamente, talvez com medo de que o representante de Tio Sam entre nós interprete mal nossa iniciativa. Já tivemos um *Otelo russo*. E agora, já lançado, veremos um filme polonês: *O Homem Desfigurado*, história dramática de um homem de rosto irreconhecível e culpado de crimes de morte. E dirigido por Jerzy Kawalerowicz e

ORFEU DO CARNAVAL

AO que parece, a lenda de Orfeu e de Eurídice vem impressionando o nosso século. Anos atrás, Jean Cocteau realizou um filme sobre estas figuras mitológicas. Depois foi um brasileiro que fez uma nova adaptação deste mito grego: Vinícius de Moraes. Pelo visto, Orfeu da Grécia desceu aos infernos e dos infernos subiu ao Brasil. O Orfeu de Vinícius é um negro brasileiro, músico e poeta tão genial quanto em sua encarnação original, que dominava o morro com seus sambas. Por razões incertas, mas certamente para sorte nossa, a peça de Vinícius de Moraes foi cair nas mãos do produtor francês Sacha Gordine. Gordine não hesitou, entregou imediatamente a peça a Jacques Viot para a adaptação cinematográfica e convidou Marcel Camus para dirigí-la.

O ano de 1957 foi o ano das primeiras manobras para a realização do filme. Em fevereiro, Marcel Camus esteve no Rio para conhecer o carnaval carioca, o quadro de fundo do filme. Depois voltaram-se para o problema da seleção dos atores. «Orfeu Negro» não inclui um só ator profissional, há nela uma estudante, uma secretária, um motorista de táxi... e tantos outros amadores. Ademar Ferreira da Silva, nosso atleta número um, participa do elenco, vivendo um papel tétrico: a Morte. Mas o difícil mesmo estava na escolha de um Orfeu e de uma Eurídice. Afinal escolheram para Eurídice uma norte-americana, Marpessa Dawn. Orfeu continuava sumido. Camus desenhara um retrato imaginário do poeta, que foi publicado em nossos jornais, sem resultados, todavia. Percorreu depois as praias, visitou corpora-

ções militares, o exército, os pára-quedistas, os fuzileiros (o comandante reunia os homens no pátio e Camus os passava em revista). Finalmente, um centroavante do Fluminense, Breno Melo, encontrado por acaso na rua, foi escolhido.

De setembro a dezembro de 1958 foi rodado o filme. Um carnaval fora do tempo inundou com suas músicas e ritmos marcados parte do Rio de Janeiro. O povo, surpreendido a princípio, aderiu de corpo e alma ao espetáculo, não deixando descambiar para a artificialidade uma das manifestações mais populares do povo carioca. E, sintetizando esta emoção popular, a música de Antônio Carlos Jobim exprime, em seu estilo próprio, e com raríssima felicidade, esse festival de danças e de cores que é o nosso festival.

OS BANDEIRANTES NÃO SÃO BANDEIRANTES

RETORNANDO ao Brasil, Marcel Camus, diretor de «Orfeu do Carnaval», recentemente premiado em Cannes, anunciou que fará, ainda este ano, um outro filme, orçado em 50 milhões de cruzeiros. Apesar do título, «Os Bandeirantes», a história, de ambientação moderna, é a de um homem que procura vingança. O tempo, porém, se encarrega de desvanecer o ardor vingativo do herói e, no fim, ele volta a ser «bonzinho» de novo. O filme será rodado em várias regiões do Nor-

te, Nordeste e Brasil Central. Será em Cinemascope e terá como produtores a Terra Filme, da França, e a nossa Atlântida.

A mocinha do filme, uma alemã, será vivida por uma europeia ainda não escolhida. Mas até agora, do elenco total, estão escolhidas apenas duas brasileiras: Lourdes de Oliveira e Léa Garcia. Finalmente, Marcel Camus disse que a filmagem será iniciada em setembro próximo, terminando nos primeiros meses de 1960, quando será estreado.

obteve vários prêmios em festivais europeus.

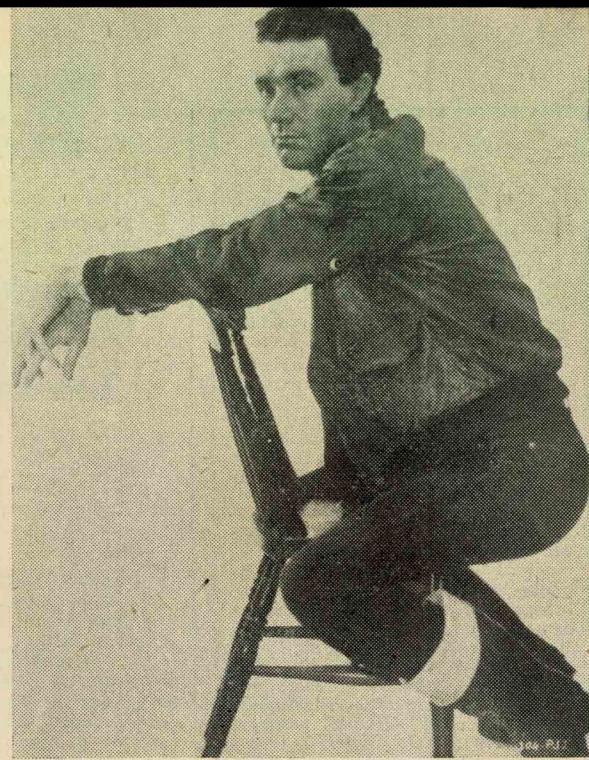
• Jean Renoir está rodando um filme cujo título plaga o título de um quadro de seu pai, o pintor impressionista Auguste Renoir. *Le Déjeuner sur l'Herbe* (Almoço na Relva), apesar do título e mesmo tendo sido realizado quase que inteiramente nas «Collettes», isto é, na propriedade onde Auguste Renoir pintou algumas de suas mais belas telas, nenhuma ligação terá com o impressionismo e com «La douceur de vivre» de fins do século passado.

• Alfred Hitchcock, como sempre, faz uma ponta pequena, aparecendo brevemente como um trabalhador em construção naval, no seu último filme de suspense, *Um Corpo que Cai* (*Vertigo*). James Stewart, Kim Novak, Sean Connery e Barbara Bel Geddes são os astros desse novo policial produzido e dirigido por Alfred Hitchcock, o único diretor cujo nome o público decorou.





304-79



«Nunca Te Deixarei», produzido por Julian Wintle, dirigido por Philip Leacock e distribuído pela Rank, tem como intérpretes principais Betta St. John, William Sylvester, Michael Craig, Flora Robson, Patrick McGrohan e Alexander Knox. * William Sylvester, que vive ardentes cenas de paixão com Betta St. John, no filme «Nunca Te Deixarei».



Cena do filme, aparecendo Betta St. John
e Michael Craig.

“NUNCA TE DEIXAREI” revela nova estréla

DE volta do Canadá e Devon, onde terminaram a filmagem de «Nunca te Deixarei» («High Tide At Noon»), chegou a Londres a equipe de Pinewood e imediatamente começaram a trabalhar no maior «set» que já se organizou naqueles estúdios. Ajudado por umas duzentas fotografias e centenas de esboços, o diretor artístico Teddy Carick teve que criar dentro das paredes do estúdio, o cais e a zona marítima de um pequeno porto pesqueiro. Teve que fabricar cabanas, pequenas tendas, árvores, etc.

E todo o seu «set» foi inundado com mais de 500 toneladas de água. De Devonshire foram trazidas algumas embarcações, que... navegavam no interior dos estúdios. Havia também lagostas, e das autênticas. «Nunca Te Deixarei» é uma película que relata aspectos da vida de uma aldeia de pescadores canadenses.

Uma jovem de brilhante sor-

riso... e com um futuro não menos brilhante... Betta St. John é a principal estréla da produção da Rank, «Nunca Te Deixarei». Assim a proclamam os críticos cinematográficos londrinos. Uma prova de minutos decidiu a sua participação. O produtor Julian Wintle chegou a uma rápida decisão quando a viu atuar; tratava-se de uma cena em que a filha de uns pescadores da Nova Escócia dá as boas-vindas a um forasteiro chegado recentemente a essas plagas. Este experimenta uma sensação de desalento quando observa o inóspito solo da ilha dos Mackenzie. Então Betta lhe diz: «O senhor deveria vê-la quando brilha o sol». Um cronista, que também presenciava a prova, declarou: «Podia-se ver o sol refletido em seus olhos e sentir o calor de sua voz».

A imprensa e o público têm sido unânimes em aplaudir a encantadora Betta St. John, que inicia agora o caminho do estre-

lato. «Nunca Te Deixarei» foi sua verdadeira consagração como estréla, formando, juntamente com William Sylvester, segundo o «Daily Sketch», «a mais atraente dupla romântica que jamais foi vista em uma película britânica, por muitos anos, dando ao amor entre duas pessoas um sentido de lirismo e emoção, poucas vezes captado pelos estúdios britânicos».

Betta St. John, como estréla principal, é secundada por William Sylvester, Michael Craig, Patrick McGrohan, Flora Robson e Alexander Knox. Toda a ação de «Nunca Te Deixarei» se desenrola num mundo de homens fortes, onde só se pode viver tirando-se o sustento do mar cruel. Em uma ilha, onde as ondas são demasia-damente tempestuosas para que em suas águas possa refletir-se a suave figura de Joana (Betta St. John), transcorrem as principais cenas.

CONCURSO De CONTOS

NO sentido de incentivar os valores novos de nossas letras, a Companhia de Seguros "Minas-Brasil" patrocina o "Concurso Permanente de Contos" desta revista, nas seguintes bases:

1º) — O original deve ser datilografado em uma só face do papel, em espaço nº 2, com o máximo de 8 e o mínimo de 3 laudas.

2º) — Motivo e ambiente nacionais.

3º) — Observância dos princípios morais que norteiam os costumes da família brasileira.

4º) — Argumento isento de tragédias, fortes ou mistérios tembrosos, fixando de preferência as emoções do ambiente de família, do lar e os dramas de fundo moral sadio e honesto.

5º) — Os trabalhos devem ser inéditos e, uma vez premiados, terão os seus direitos autorais reservados por ALTEROSA.

6º) — É permitido ao concorrente assinar o trabalho com pseudônimo. Neste caso, deverá mencionar também o seu nome e endereço completos para a remessa eventual do prêmio que lhe couber.

7º) — Os dois melhores trabalhos recebidos em cada mês serão divulgados nas páginas de ALTEROSA e contemplados, cada um, com o prêmio de mil cruzeiros.

8º) — Os trabalhos considerados publicáveis, embora não reúnam qualidades suficientes para que sejam premiados, receberão menção honrosa e poderão ser eventualmente divulgados.

Os prêmios deste Concurso são enviados pela Companhia de Seguros "Minas-Brasil", diretamente aos autores premiados, sessenta dias após a publicação.

Não se devolvem originais, ainda que não sejam aproveitados, nem se manterá correspondência sobre o destino dos mesmos. A revista noticiará, quinzenalmente, o resultado do julgamento, relacionando os trabalhos aprovados.

COLABORAÇÃO DE LEITORES

PARA conhecimento de nossos leitores que concorrem com trabalhos para o concurso "Minas-Brasil" e com outras colaborações espontâneas para esta revista, mencionamos a seguir as produções recebidas na 1ª quinzena de setembro e que mereceram aprovação da Comissão Julgadora:

CONTOS : "Um Presente Inesperado", de Dirceu de Queiroz Albuquerque e "Ela", de Adel Marino.

CRÔNICA : "Boa-Noite, Insônia", de Maria Lúcia Victor.

POESIAS : 2 trovas, de Paulo Freitas e 1 trova, de Walter Waeny.

CAIXA DE SEGREDOS

RESPOSTAS A MARÍLIA

O NOME do título não se refere a nenhuma Marília em especial, mas a uma das anônimas moças «alegres, felizes, otimistas, estudantes e funcionárias», que há dias me enviaram uma carta com algumas perguntas para que eu lhes respondesse, orientando-as. Vou tratar de fazê-lo, na esperança de que minhas despretiosas opiniões possam ser bem recebidas e benéficas, levando um pouco de certeza a algumas dúvidas que ensombram o espírito de jovens que me parecem ajuizadas e no caminho direito.

A primeira pergunta se refere a um uso e o segui-lo ou não, depende da pessoa e do sentimento que a domina. Deverá uma viúva jovem usar as duas alianças tóda a sua vida, ou apenas uma, na mão direita, ou na mão esquerda, como casada? Se a viúva guarda no íntimo de seu coração o amor e a saudade de seu esposo desaparecido o uso contínuo das duas alianças será um símbolo de seus sentimentos para com o morto. Mas se está disposta a tornar a casar, o uso do símbolo carece de significação. Fará o que bem quiser. Com aliança ou sem aliança, poderá ganhar outra e não haverá mais problema: terá de usar uma, na mão esquerda, como é de praxe.

Há quem não acredite nisto de Sorte ou Destino. O que devemos fazer é pautar nossas vidas por um programa de princípios morais, de trabalho, de cumprimento de nossas obrigações e deveres, de respeito pela nossa pessoa e pela nossa dignidade. A nossa sorte e o nosso destino somos nós, em grande parte, que os fazemos. Somos nós que traçamos o programa a seguir e procuramos afastar tudo quanto possa

estorvar nossa caminhada para o futuro. Quanto às decepções que possam surgir, devemos deixá-las para trás e prosseguir nossa marcha. As coisas passadas e mortas são apenas cargas e trambolhos que temos de alijar de nossas costas, se quisermos andar para diante com liberdade e sentimento de alívio.

A terceira pergunta tem resposta muito simples. Há homens, na verdade, que não respeitam devidamente a mulher amada e exigem dela liberdades inadmissíveis, muito embora possam vir a casar com ela. Mas, na maioria dos casos, o excesso de liberdade conduz ao enfartamento e o próprio homem passa a desconfiar da seriedade de quem concede tais liberdades. Afasta-se e procura pessoa mais séria. Isto de moça séria não arranjar namorado é conversa fiada. Os homens sérios que desejam um lar tranquilo e feliz preferem justamente aquelas moças que possam garantir-lhes, pelo seu procedimento e pelas suas virtudes, a felicidade de uma vida honesta e tranquila. Se as minhas gentis consulentes têm pautado sua vida até agora por uma conduta séria e virtuosa continuem por esse caminho que é o certo. Quando menos o esperarem aparecerá alguém que saberá reconhecer esse valor inestimável que é uma moça virtuosa, de boa conduta, de bons sentimentos, numa época em que os excessos da liberdade são uma semelhança de casamentos infelizes e de lares destruídos.

Continuem as caras amigas sua vida sã e normal e terão a devida recompensa, que não há de ser apenas a de um casamento. O não casar-se, não é nenhuma desgraça irremediável. Há vários outros mo-

AMIGUINHA DA ONÇA — O que me conta em sua carta é um grave pecado contra a natureza, coisa que rebaixa a criatura humana à mais sordida animalidade. Além disso poderá causar graves distúrbios à sua saúde física e principalmente à sua saúde moral, inutilizando-a depois para uma vida normal. Cesse, portanto, imediata e completamente, qualquer ato dessa natureza. Se pra-

tica religião, trate de reconciliar-se com Deus, de fazer-se perdoar e tratar de viver reta e normalmente. Não demore um instante a tomar essa decisão e procure também salvar aquela que a conduziu ao mau caminho.

DESCONFIADA — Deve falar à sua madrasta. Sua situação não pode

Toda correspondência para esta seção deve ser dirigida a Maria Madalena — "Caixa de Segredos". Redação de ALTEROSA. Caixa Postal 279, Belo Horizonte.

Larangeira ou laranjeira? — Zenóbio Vieira (de Itapira — SP) consulta-nos, como se vê, a respeito de uma questão microscópica. Mas impossível será desfilar os olhos destas pequeninas coisas, se quisermos escrever corretamente a nossa língua. E haverá ainda quem ignore que em português não existe o vocábulo *larangeira*? Ora, sendo como é um derivado de *laranja*, o que temos é *laranjeira* (com "j" e não com "g"). Diga-se o mesmo quanto à grafia errônea de *lisongeiro*, vocábulo que, provindo de *lisonja*, só pode ser escrito com "j".

* * *

Paludismo ou impaludismo? — Jeca e Xico (de Santos — SP) acham-se em desacordo quanto ao emprego destas formas. Não vemos razão para desavença, pois ambas se empregam indiferentemente. Isto pensamos nós. Os sábios porém dirão melhor destes "segredos da natureza".

* * *

Dize-o — P. Venceslau (de Campinas — S.P.) entende que em certos casos se pode dizer ou escrever: "ele *dize-o*".

Enquanto no presente do indicativo tivermos — *ele diz* — o pronome proposto ao verbo converte essa forma em *ele di-lo*.

Todavia, se vamos ao imperativo, em que há *diz* ou *dize tu*, então, é evidente, podemos escrever *dize-o tu*, pelas razões que qualquer gramática primária nos exporá.

* * *

Pode-se iniciar o período com pronome oblíquo? — Gildo Garcia Guimarães (de Goiatuba — Goiás), a quem somos gratos pelas boas palavras com que saudou o aparecimento desta seção em ALTEROSA, é o autor desta consulta.

A palavra cuja colocação mais inquieta os escritores zelosos da harmonia da frase é o pronome oblíquo átono, que tem a sua posição subordinada à tonicidade de outras palavras. Aquêles cujo ouvido esteja acostumado à linguagem dos bons escritores podem colocar os pronomes de modo harmonioso, independente do conhecimento das regras gramaticais. Mas o estudo destas, que são deduzidas do uso autorizado, não deixa de oferecer valioso meio de correção estilística.

No momento só nos atemos ao objeto da consulta. Aliás já está dito e redito que se não começa o período com pronome oblíquo átono. Esta regra deve estender-se a qualquer proposição precedida de ponto e vírgula, dois pontos e até vírgula, contanto que esta não separe o verbo de relativo que o subordine, como neste exemplo citado pelo insigne mestre Vittorio Bergo: "Serão aproveitados os homens que, ao fim de um ano, se revelem capazes" (Compêndio de Gramática Expositiva).

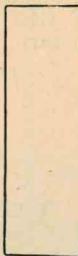
O espanhol, o francês e o italiano admitem o pronome pessoal oblíquo no início do período. Não o admite o português, constituindo êsse fato um dos mais belos idiotismos. Extensivamente ou por analogia alguns puristas evitam iniciar a oração pelo pronome pessoal oblíquo átono (mesmo que esta oração não seja a primeira do período), máxime quando antes dela se faz sentir uma pausa ressalvada por vírgula ou outro sinal. Ex.: "Volando sobre ele o boi enraivecido, arremessou-o aos ares, esperou-lhe a queda nas arenas" (Rebêlo da Silva, ap. Carlos Góis).

Se a variação pronominal fôr tônica (ou analítica), pode vir no rosto do período: Ex.: *A mim* me parece — *De ti* não era de esperar outro procedimento (Carlos Góis) — *Convosco* está a razão (Idem).

* * *

Mal e mau — Jorge de O. (de Amparo — SP) — não sabe quando empregar *mau* (adjetivo) ou *mal* (advérbio). Entretanto é fácil saber qual o término que convém, na frase, pelo emprego do respectivo antônimo, isto é, usando-se o primeiro como antônimo de *bem* e o segundo em oposição a *bom*: passou *mal* — passou *bem*; está *mal* feito — está *bem* feito; é *mau* elemento — é *bom* elemento; está em *mau* caminho — está em *bom* caminho.

(Consultas para Caixa Postal 279 — Belo Horizonte — MG)



dos de afirmar a mulher a sua personalidade no mundo de hoje. Tôdas as carreiras e profissões abrem-se diante da mulher e nelas poderão brilhar, ganhar fama e glória.

Sejam alegres, espírituosas, brilhantes, bem femininas, sem cair nos excessos das levianas e das «caça-homens» a qualquer custo e risco. O ser virtuosa e séria não significa ser sem graça, apagada e jururu. A consciência e o coração limpos são fontes de alegria e irradiação de beleza e encantamento. E isto atraí os homens tanto quanto as chamadas «facilidades». Os homens de bem, entende-se. Porque os outros não são maridos a desejar. Antes ficar solteira que fazer um casamento infeliz, que se ligar a um homem sem dignidade própria e que não sabe prezar a dignidade alheia.

Não sei se vocês ficarão satisfeitas com as minhas respostas, mas são as que pode dar-lhes quem, na observação da vida e dos homens, tem aprendido muita lição e contemplado muito drama, fruto apenas da levianidade e de uma visão falsa da vida. — Maria Madalena.

continuar. Não só o que está acontecendo pode prejudicar-lhe a saúde, mas poderá ocorrer coisa pior, aquilo que você justamente receia. A separação é urgente e imediata. O que possa ter acontecido não deve de modo algum repetir-se, pois se trata de coisa anti-natural e além do mais pecado grave, por se tratar de pessoa de parentesco tão imediato.

O Problema da Magreza

AS preocupações dietéticas são, de um modo geral, o apanágio daqueles que não desejam ter um peso corpóreo excessivo: pessoas que entendem de não sobrecarregar o organismo com gorduras inúteis, seja com a finalidade de salvaguardar o seu aspecto físico, seja para proteger sua saúde, uma vez está comprovado que a longevidade é mais amiga das pessoas magras.

Todavia, a magreza excessiva não constitui uma agradável e salutar condição orgânica; o indivíduo privado da justa reserva subcutânea de gordura padece da falta de uma disponibilidade calorífica para queimar na eventualidade de uma doença. Assim, ele vive sem poder contar com uma reserva de energia à qual possa recorrer, em caso de emergência.

A magreza (e entendemos o termo como relativo a um peso decididamente inferior à média normal) pode ser constitucional, se considerarmos que existem famílias de magros, os quais transmitem esta característica física de geração em geração; em tal caso, a magreza pode não representar um problema médico porque, para magros dessa espécie não existe, praticamente, uma terapia que os faça engordar.

Consideremos então as pessoas que, conservando um peso normal até uma certa idade, tendem a emagrecer de modo excessivo com o passar dos anos, não obstante o apetite continuar o mesmo e, por conseguinte, ser constante a cota de caloria alimentar no organismo. Neste caso, o problema não deixa de ser de difícil solução, pois se é verdade que a obesidade é a resultante de numerosos fatores (dietéticos, nervosos, endócrinos, psíquicos), não é menos verdade que a magreza, sob o ponto de vista diagnóstico, é também cheia de mistérios. Eliminada, pelo exame médico, a possibilidade de afecções crônicas ou de doenças progressivas, deve-se pensar então na causa ou no grupo de causas que tornam o organismo incapaz de assimilar o excesso de calorias, para transformá-lo em gordura. O sistema hormônico é sempre um dos responsáveis por tal omissão e a tireóide, entre as glândulas de secreção interna, é a mais incriminável. Basta, de fato, um ligeiro desequilíbrio seu, para determinar uma aceleração do metabolismo, incompatível com o desejado aumento de peso. Também a falta de sintomas neurovegetativa, isto é, aquelas dissonâncias freqüentes e complexas que se inserem entre as várias funções do sistema nervoso, pode colaborar para sustentar uma magreza inexplicável: aí entra em jôgo o elemento psíquico (a inquietude, a angústia) que, alterando o equilíbrio fisiológico, contribui para desconjuntar o delicado processo bioquímico, que transforma um alimento em energia vital.

A pessoa normalmente magra não poderá esperar curar-se (isto é, engordar) mediante um tratamento simples. O que ela deve fazer é procurar colocar em ordem uma função orgânica inexplicavelmente alterada, seja recorrendo a remédios, seja recorrendo a um regime dietético. Alguns preparados hormonais mostram indiscutível eficácia na recuperação do peso (derivados de testosterona com alto poder ambólico) e fazem-se acompanhar por outros elementos de ações específicas sobre o sistema nervoso, tais como: vitaminas do grupo B, calmantes psíquicos, reconstituintes à base de minerais, coadjuvadores da atividade hepática, etc.

A verdade é que a pessoa magra que deseja engordar necessita de mais paciência e de maior dose de boa vontade do que a gorda que deseja emagrecer.

CAPSULAS

- A pessoa gorda que desejar emagrecer não deve adotar nenhum regime que não tenha sido prescrito por um médico, a fim de evitar consequências desastrosas.
- O tracoma caracteriza-se por pequenas granulações embranquecidas na parte interna das pálpebras e, para se evitar tão grave doença, é importante não levar as mãos aos olhos e nem usar toalhas e lenços de outras pessoas.
- Alimentos excelentes para uma pessoa podem ser prejudiciais a outras por isto, nada como a própria experiência ensina o que convém a cada organismo.

Cartas à Redação

Conclusão da pag. 5

prestar minha homenagem à administração Juscelino Kubitschek, um presidente bem diferente dos anteriores, que se limitavam a administrar sómente o eixo Rio—São Paulo, deixando o resto do País como meros fornecedores de matéria-prima. Tal afirmação não é minha, mas consta das estatísticas de arrecadação em que Rio e São Paulo têm invejável primazia...

LUIZ GONZAGA RIBEIRO —
SÃO PAULO — SP

Cartões Postais

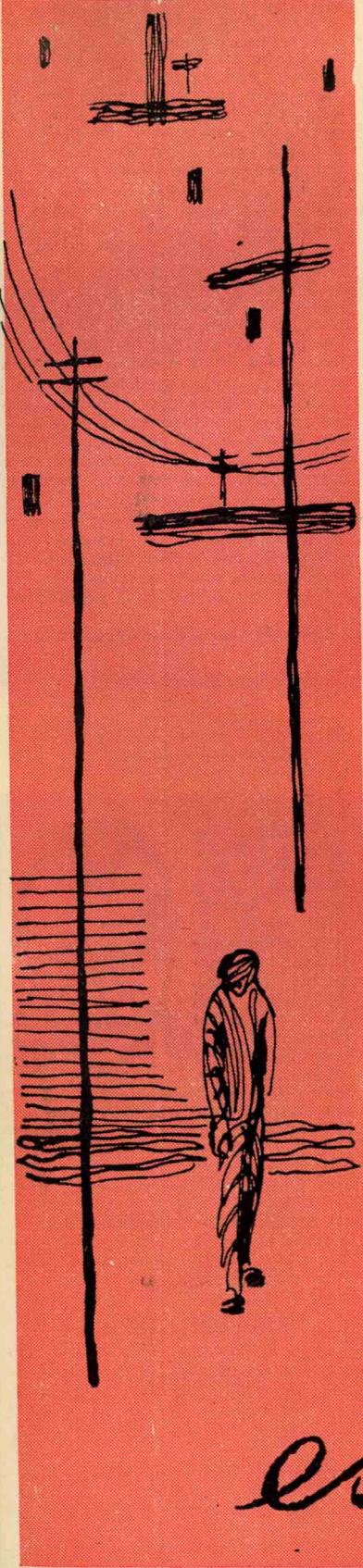
TENHO prazer de lhe comunicar que sou leitora assídua de sua bela revista ALTEROSA, oferenda que me chega através de um circuito cultural internacional de publicações entre amigos. Como desejo conseguir amigos no Brasil, num interessante intercâmbio de cartões postais, agradecer-lhe-ia a gentileza de publicar meu endereço completo para a realização dessa correspondência exclusiva — repito — de cartões postais, que teriam mensagens em língua portuguesa.

L. MATTIOLI —
9, DIAN — BRESCIA (ITALIA)

Brasília e Inflação

CUMPRE-ME esclarecer à fidalga e acolhedora direção dessa revista, que não sou, em absoluto, contrário a Brasília, ao desbravamento do nosso sertão. Apenas estranhei a pressa com que esse prestigioso órgão esclarecedor da opinião pública reclamou para a mudança de nossa Capital Federal. Brasília é tarefa ciclópica, por demais gigantesca, caríssima, que deve ser construída em tempo conscientemente medido; norteada por um planejamento racional e inteligente, delineado com bom senso e objetividade, a fim de que o povo não seja lançado à penúria por força de uma economia de guerra sem razão de ser... Rápido e eficiente combate à inflação devastadora que nos opreme (3º lugar no mundo) é que deveria ter sido recomendado. E fogeira inflacionária, mãe de muitas misérias, não se apaga criando espantosos sumidouros de dinheiro.

J. SILVA —
SANTOS — SP



Pelos Caminhos da Vida

Tradução de Nidoval Reis

Amado Nervo

Irás pelos caminhos da vida buscando a Deus, porém atento às necessidades dos teus irmãos.

Em qualquer momento, em qualquer lugar, com qualquer companhia, formularás a ti mesmo a admirável pergunta de Franklin :

— “Que bem posso fazer aqui ?”

E sempre encontrarás uma resposta no fundo do teu coração.

Aguça os ouvidos, olha minuciosamente ao teu redor, estende tuas mãos para que nenhuma angústia, nenhum desamparo passe ao longe.

E quando nada presencias na estrada cheia de trilhos que reluzem ao sol, quando o caminho estiver solitário, volta para o teu Deus escondido.

Se Ele te perguntar dentro de ti mesmo :

— Como é que não me procuravas, filho meu ?

Tu responderás :

— Buscava-te, Senhor, porém em meus semelhantes.

— E havias-me encontrado ?

— Sim, Senhor; estavas na angústia, na necessidade, no desvalimento de todos os outros.

E Deus, em resposta, sorrirá docemente.

Se...

(Paráfrase de Rudyard Kipling)

Nóbrega de Siqueira

Se tu fôres capaz de amar, perdidamente,

Sem dizer a ninguém que amas com tal ardor...

Se puderes ficar tranquilo, indiferente,

diante da bem-amada, a que é teu grande amor...

Se souberes guardar o encantador segredo,

que é o motivo maior da tua inspiração,

demonstrando que o amor verdadeiro tem mês;

Se souberes adiar a fatal confissão...

Se tu fôres capaz, em plena noite escura,

que gera, para o amor, um clima emocional,

de nem mesmo tocar a doce criatura,

que é estréla do teu céu, rosa do teu rosal...

Se souberes conter, dominar teu desejo,

que transborda e é caudal, tempestade e vulcão;

aguardar que aconteça o seu primeiro beijo,

como que por acaso ou predestinação...

Se tu, vendo-a passar, numa onda de perfume,

conseguires fingir que bem pouco a conheces,

não dar demonstração de que dela tens ciúme,

santa do teu altar, virgem das tuas preces...

Se tu fôres capaz de reprimir, no peito,

o amor que te tortura e te faz delirar...

Homem, serás, então, o amoroso perfeito...

Só quem domina o amor, sabe, de fato, amar !

esparcos

FLASH

• Histórias Infantis

LIVROS
e LETRAS

Euclides Marques Andrade



Livros

Mais

Vendidos

SEGUNDO informações das principais livrarias de Belo Horizonte, os livros mais vendidos na cidade, nesta quinzena, foram os seguintes :

1º lugar : «Lolita», de Vladimir Nabokov, da Civilização Brasileira. Cr\$ 180,00.

2º lugar : «Bilhetinhos de Jânia», de J. Pereira, da Edit. e Distrib. Musa Ltda. Cr\$ 180,00.

3º lugar : «O Velho e o Mar», de Ernest Hemingway, da Civilização Brasileira. Cr\$ 80,00.

4º lugar : «O Doutor Jivago», de Boris Pasternak, da Itatiaia. Cr\$ 300,00.

5º lugar : «O Poder do Pensamento Positivo», de Vicent Peale, da Itatiaia. Cr\$ 120,00.

6º lugar : «O Encontro Marcado», de Fernando Sabino, da Civilização Brasileira. Cr\$ 150,00.

Outros livros bem vendidos : «Geografia da Violência», de Fritz Teixeira; «Encontro no Aeroporto», de Henrique Pongetti; «Historiografia Mineira», de Oilliam José; «Iracema», de José de Alencar; «Moreninha», de Joaquim M. de Macedo; «Escrava Isaura», de Bernardo Guimarães, e muitos outros.

Notícias

Mineiras

• Roberto Otávio Gonçalves, que já publicou vários contos em nossos suplementos literários, está preparando um romance de fundo psicológico. Neste trabalho a ser publicado próximamente, o autor sofre visíveis influências de Graham Greene.

• Oscar Mendes está publicando comentários políticos na edição mineira de «Última Hora». Nestes comentários o autor apresenta a mesma sutileza que se encontra em seus artigos sobre literatura.

• O escritor português Joaquim Paço d'Arcos esteve, em setembro último, uns dias em Belo Horizonte, tendo sido recepcionado no Instituto Histórico e Geográfico e visitado várias livrarias. Diversas homenagens foram prestadas ao intelectual português.

• João Camilo de Oliveira Torres publicou, nas Edições da Revista Brasileira de Estudos Políticos, o livro «A Propaganda Política» onde estuda detalhadamente este assunto.

Pequenas

Notícias

• De Voltaire foi traduzido por Lívio Teixeira «Romances e Contos». Publica o trabalho a Difusão Européia do Livro. A respeito da tra-

HA' dias, minha filha de seis anos acordou, de noite, gritando. Na manhã seguinte perguntei a ela o que acontecera. A princípio nada quis dizer, mas respondeu depois, dizendo que sonhara. Com uma bruxa. Afirmei-lhe que não precisava ter medo, pois as bruxas só existem nas histórias. Ela pareceu ficar satisfeita e concordou comigo. Fiquei pensando, então, nas histórias de ontem e de hoje que existem para as crianças. As de ontem falam em feiticeiras e mais coisas assim. As de hoje em bandidos, super-homens malvados e outros tópicos, dêste teor. A mente infantil, ávida de beleza e aventura, vai sendo fertilizada com êstes floridos disparates. Depois, quando o mundo oferece seus duros obstáculos e o ser humano encontra dificuldades em vencê-los, podem surgir as neuroses. Não seria melhor que se policiassem esta fértil seara? Todos estão de acordo neste ponto. Mas a ambição, o descuido com a infância, ou outro motivo qualquer, vai fazendo despontar edições e mais edições de livros parcialmente nocivos.

Neste ponto, aliás, a dificuldade

dução o professor Cruz Costa comenta: «Andou bem a Difusão Européia do Livro em entregar ao competente prof. Lívio Teixeira a tradução dêste trabalho de Voltaire».

• No próximo ano a Cultrix deverá lançar uma coleção intitulada «Letras Brasileiras». Nesta série deverão sair, entre outros, «Montanha Russa», de Cassiano Ricardo, «A Sombra Azul e o Carneiro Branco», de Helena Silveira e «Panorama da Filosofia no Brasil», de J. da Cassiano Ricardo Cruz Costa.



Qual o Melhor

Cronista

Brasileiro da

Atualidade?

NOSSA pergunta acima prossegue endereçada aos leitores. Até o momento a classificação geral é a seguinte: 1º lugar, Rachel de Queiroz e Gilberto de Alencar, cada um com 10 votos; 2º lugar, Rubem Braga, com 8 votos; 3º

é muito grande em saber-se o que prejudica ou não o espírito infantil. Só aí já surge uma barreira quase intransponível. O problema assume assim aspectos de intensa complexidade como tudo, aliás, que neste setor, é encarado com absoluta seriedade e sinceridade. O melhor, quase, seria deixar que os meninos até certa idade ficassem com seus brinquedos cheios de inocência e encanto. Mas isto — nós sabemos — é quase impossível. Quem não ouviu, em sua distante infância, uma história bem contada, à luz trêmula das estrélas, ou mesmo sob o clarão intenso do sol, em que se falava em monstros sem cabeça e em velhas que comiam meninas?

Sempre é bom, porém, alertar os que têm responsabilidades neste setor. Que eles pensem um pouco nos meninos que vão ler os livros que editam. Que descubram de novo no fundo do coração a criança que foram e, purificados por esta lembrança, busquem livros que não esqueçam os caminhos da vida. Livros que, pelo contrário, sejam apenas como gritos de alegria a ecoar no mundo da infância.

lugar, Fernando Sabino, com 6 votos; 4º lugar, Elsie Lessa, com 5 votos; 5º lugar, Felix Fernandes Filho e Henrique Pongetti, com 3 votos cada um; e 6º lugar, Eneida, com 2 votos.

Vários outros cronistas receberam apenas um voto.

O Meu Burro e Eu

TEWFIK Hakim, famoso escritor egípcio, publicou há alguns anos um livro com o título acima. A obra, em diálogo, causou amplo sucesso no País. Com o prêmio Nobel concedido ao poeta espanhol Juan Ramón Jiménez, pelo seu conhecido trabalho «Platero e eu», as atenções dos críticos egípcios foram levadas para a referida obra. Traduções francesas e inglesas levaram o «Platero e eu» ao conhecimento dos habitantes daquele país.

No fim do ano passado, um escritor árabe, Din Hamamsi, apontou as semelhanças existentes entre a obra do escritor espanhol e do egípcio. Houve rebolço e escândalo, mas tudo se sanou com a tradução do «Platero e eu» para o árabe, pois logo se verificou que os dois livros nada apresentavam de semelhante, a não ser a forma de diálogo e sobretudo o título. Com esta constatação, o trabalho de Hakim voltou a gozar do mesmo prestígio que desfrutava antes.

Movimento

Editorial

SEGUNDO estatística publicada pelo Sindicato dos Editores de Livros do Brasil, no ano de 1958 foram entregues ao público no Brasil 2.261 livros de autores brasileiros. De autores estrangeiros o número foi de 698.

Próximas

Publicações

“LIVROS do Brasil», em sua coleção «Miniatura», deverá publicar, em breve: «Ao Comêço do Dia», tradução de um livro de contos de Truman Capote; «Clamor da Solidão», de Georges Duhamel; «A Capital do Mundo e Outras Histórias», de Ernest Hemingway; e «A Última Aldeia», do escritor francês André Chamson.

As Aves da Madrugada

O ESCRITOR português Urbano Tavares Rodrigues já terminou o romance «Bastardos do Sol», que deverá ser publicado próximamente. Presentemente, o mesmo intelectual está terminando «As Aves da Madrugada», novelas que deverão vir a lume ainda no correr deste ano.



Aldous Huxley

Regresso do Admirável Mundo Novo

QUANDO, há alguns anos atrás, foi publicado, no Brasil, «Admirável Mundo Novo», de Aldous Huxley, o trabalho causou razoável sucesso de público. Agora, «Livros do Brasil» publicarão «Regresso do Admirável Mundo Novo», onde o autor inglês discute a respeito de quais suas profecias que se transformaram em realidade e quais foram excedidas pelos fatos. Uma espécie de crítica do trabalho anterior, o novo livro de Huxley está fadado a causar amplo sucesso.

CLICHÉS FOTOLITOS

BICROMIA TRICROMIA POLICROMIA

Trabalhos perfeitos
que rivalizam com
os das mais
modernas
fotogravuras
do País:

Pontualidade e Preços Razoáveis

EDITORA ALTEROSA

Av. Afonso Pena, 941

Fone : 2-4251

Expediente
das 12 às
18 horas.

Se você ainda não se alistou, não perca mais tempo. Procure obter o quanto antes o seu título de eleitor, para influir nos destinos da Nação pelo seu voto esclarecido em candidatos que dignifiquem a administração pública.

DR. JOSÉ CHIABI

Clinica e cirurgia de
Ouvido, Nariz e Garganta

Edif. Banco Crédito Real — 13º pav. — sala 1302 — Rua Espírito Santo, 495 — Telefone : 4-4040.

A Decadência dos Partidos

A EVOLUÇÃO dos acontecimentos ligados à sucessão nos planos federal e estadual está comprovando o que temos afirmado várias vezes nestas colunas: — a decadência dos partidos. Decadência devida, exclusivamente, ao vazio de conteúdo cívico e à ausência de uma programática objetiva e sincera, que os caracterizem com legítimas expressões das correntes de opinião no País.

De um modo geral e possivelmente como consequência da época materialista em que vivemos, os partidos que se formaram após o êntero do Estado Novo getuliano estão completamente dominados por uma maioria de homens em busca de posições, empregos e negócios fáceis para si e para os grupos que os apóiam. Assistimos, em cada pleito, a uma nova corrida para a conquista do Poder, não como instrumento do bem comum, mas para a satisfação de vaidades sem limites ou para distribuição de sinescuras e favores à custa do tesouro público. Veja-se, por exemplo, o exército de burocratas, procedente deste Estado, que invadiu o Rio de Janeiro e as melhores cidades

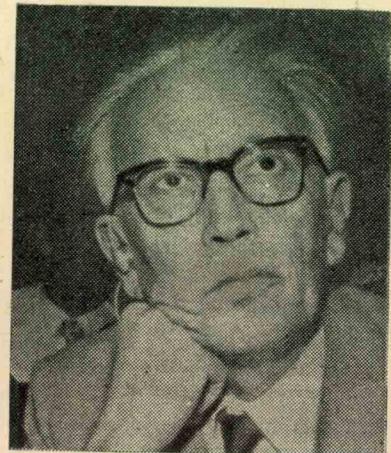
do País e do Exterior, após a vitória eleitoral do Sr. Juscelino Kubitschek. Parece que a colônia mineira de Copacabana é hoje maior que a população de qualquer cidade das alterosas, com exceção de Belo Horizonte. Tal como ocorreu com a colônia gaúcha, em 1930, após a vitória da revolução que levou Vargas ao Poder.

Há, evidentemente, exceções. Exceções honrosas que se podem aportar em todos os partidos (mais em uns, menos em outros), mas em número tão reduzido que servem apenas para confirmar a regra geral. Tanto assim que a voz do povo (também de Deus?) já não esconde a sua decepção com o fracasso das agremiações partidárias, transformadas em meros trampolins para os aproveitadores das riquezas produzidas pelo trabalho coletivo. Haverá, porventura, anátema mais expressivo, mais eloquente do que a voz das urnas nas eleições do ano passado?

A lição de 1958, entretanto, parece não ter sido aproveitada. Tanto na área federal como na estadual, os detentores do poder continuam mais preocupados em manter-se nas posições ocupadas do que em usá-las, como seria de esperar, em benefício da felicidade coletiva.

E o resultado é que o feijão já se tornou inacessível à bolsa dos pobres, em cuja mesa também já não se encontra mais a carne. O aluguel de um simples barracão ameaça ultrapassar as cifras do salário mínimo. Assim, os pobres continuam cada vez mais pobres, enquanto os ricos (e os «noveaux-riches» da Burocracia e do Poder) continuam se fazendo cada vez mais ricos.

E por isso que o povo não vai mais no canto de sereia dos partidos. Prefere agora selecionar, para os cargos executivos e legislativos, os homens de bem (independentemente de siglas partidárias que nada expressam), o que ainda resta de limpo nos agrupamentos que compõem o quadro político do País. O povo está aprendendo — à sua própria custa e com o seu próprio sofrimento — a separar o joio do trigo.



RAUL PILA
O apóstolo do parlamentarismo ganha discípulos de ocasião.

Parlamentarismo ou Presidencialismo?

É CURIOSO observar-se como o apêgo de certos políticos aos cargos toca as fronteiras do imaginável. Acostumados a viver folgadamente à sombra do erário público, sem nada produzirem de útil para o povo em nome do qual exercem mandados legislativos ou rendos cargos administrativos, esses impagáveis cupins da economia nacional andam completamente tontos com o impacto da candidatura Jânio Quadros, horrorizados com a perspectiva da grande «vassourada» que ameaça desabar sobre eles com a possível vitória do ex-governador paulista nas urnas de 1960. Daí os «shows» que essa gente vem dando, divertindo o público com a tragédia do seu pavor ante a perspectiva de se verem obrigados a coltar as tétas do tesouro público e a voltar ao trabalho útil e construtivo.

O mais recente número desse espetáculo é o parlamentarismo. Desiludidos do seu próprio candidato,

REGISTRO

• Está constituído de 217 deputados (dois terços do total da Câmara), representando todos os partidos com assento naquela casa (exceto o PL), o chamado Bloco Parlamentar Mundancista formado para defender a mudança da Capital Federal para Brasília na data fixada em Lei: 21 de Abril de 1960.

• Está aberta a luta entre o Sr. Assis Chateaubriand e o Governo Federal, em torno do aniquilamento da Rádio Nacional, com a desejada mudança dessa emissora para Brasília. O supremo dirigente dos jornais e emissoras associadas acusa o Governo da União de usar os dinheiros públicos para sustentar a hegemonia mantida por aquela emissora no rádio nacional (e brevemente também na TV). Recorda-se, a propósito, que o embaixador Chateaubriand convenceu o governador Bias Fortes, impedindo que a Rádio Inconfidência, de Belo Horizonte, entrasse no ramo da televisão. Convencerá, também, o Presidente?

• A proposta orçamentária enviada pelo governador BF à Assembléia mineira prevê, para 1960, uma receita

de mais de 13 e meio bilhões, para uma despesa superior a 14 bilhões, com um «deficit» em números redondos, de 646 milhões de cruzeiros. Na realidade, porém, esse «deficit» se elevará a dois bilhões de cruzeiros, se considerarmos as alterações decorrentes de leis que estão sendo votadas na Assembléia, por solicitação do próprio Governo do Estado.

• E por falar em proposta orçamentária, ressalta logo a insignificância do orçamento destinado à Secretaria da Agricultura, Indústria, Comércio e Trabalho: apenas 555 milhões. Ou seja menos de 4% do total da despesa!

• Carlos Lacerda, formalizando a sua renúncia à liderança da Oposição: «Acredito no valor do exemplo

o ilustre general Teixeira Lott, que já não lhes parece tão amoldável como desejariam, e cada vez mais convencidos da vitória de Jânio Quadros, os homens da situação dominante decidiram escapar pela tangente do parlamentarismo.

Os mesmos homens que nestes últimos anos viviam zombando da sinceridade (por elas considerada ingenuidade) do eminente Raul Pila, decidiram-se transformar, da noite para o dia, em fervorosos adeptos do regime de gabinete... A manobra, entretanto, não convenceu a ninguém, nem mesmo ao honrado Ministro da Guerra e ao Presidente Kubitschek, que trataram logo de se excluírem da brincadeira. Aquêle, porque acha que não seria correto «mudar-se as regras do jôgo, depois dêste iniciado», e o Presidente, porque não é nenhum tôlo para se colocar mal perante a opinião esclarecida do País, numa jogada perigosa que em nada o beneficiaria.

Vejamos qual será o próximo número dêsse espetáculo tragicômico criado pela candidatura do ex-governador paulista. Vamos ver até que extremo de ridículo o pavor da célebre vassoura será capaz de levar o exército de cupins que devora os orçamentos da República.

UM Deus, UMA Verdade UMA Humanidade

ESTA Revista está sendo convidada a enviar um representante autorizado para participar ativamente, ou como observador, em «World Congress of Religions Fraternities and Philosophies» (Congresso Mundial de Religiões, Fraternidades e Filosofias), que se realizará no período de 23 a 31 de outubro corrente, em Havana, Cuba, nos salões do Capitólio Nacional, com a presença das máximas autoridades cubanas, corpo diplomático e representantes do mundo religioso, espiritualista, humanista, intelectual e cultural. Estarão ainda presentes os mais destacados pensado-

e por isto quero dá-lo, como a melhor contribuição de que disponho. Aos vencedores, as batalhas e as consequências. Aos que pensam como eu, já vencemos. Jânio vem aí — e os udenistas virão com ele".

● Nova derrota sofreu o governador BF na FAREM, a entidade das classes rurais de Minas. Seu candidato à representação daquelas classes no Serviço Social Rural, obteve apenas 25 sufrágios do total de 83, perdendo para o Sr. Josafá Macedo, o candidato contra o qual se mobilizaram todas as influências palacianas.

● A Cia. Artécnica Comercial (CIBRAC), do Rio de Janeiro, vem de ingressar em juízo para haver do Estado a indenização de 45 milhões de cruzeiros, pelo não cumprimento dos

res, filósofos, escritores, educadores e economistas do mundo inteiro, em vista do que o programa do Congresso abrangerá importantsíssimos problemas atuais da Humanidade.

Somos convidados, ainda, a solicitar de nossos amigos e leitores em todo o Brasil, que enviem a esse importante Congresso mensagens, moções e outros trabalhos, por via aérea ou telegráfica, para serem apresentados perante a Assembléia Geral. Endereço: Universal Religious Alliance — Calle 21 número 19 (1.) — Vedado, Havana — Cuba.

Os nossos leitores já conhecem, através de notícia que veiculamos recentemente, as elevadas finalidades dêsse movimento, que procura estabelecer Confraternização e Cooperação de homens de todas as raças, crenças e nacionalidades, acima de fronteiras geopolíticas convencionais e das barreiras doutrinárias ou sectárias, para que se possa alcançar maior compreensão mútua e genuína concordância humana, porque só há UM Deus, UMA Verdade e UMA Humanidade.

Magalhães de Vento em Pôpa

ENQUANTO as comadres do PSD se entredevoram numa luta de bastidores que ameaça solapar a unidade do partido, num espetáculo de ambições pessoais que avulta o sentido do próprio regime, a candidatura Magalhães Pinto continua crescendo em prestígio perante a opinião mineira.

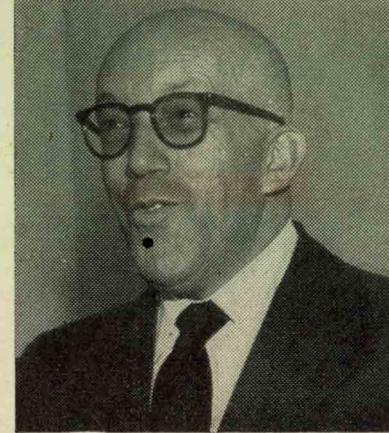
Nestes últimos dias, o ilustre presidente nacional da UDN viu a expressão eleitoral de sua candidatura robustecida com novos fatos, de alta significação política. O Partido Libertador, agora muito fortalecido com a inclusão em suas fileiras de Abgar Renault e outros prestigiosos líderes políticos, por seu Diretório Estadual recentemente constituído, ratificou o pedido de registro da candidatura Magalhães Pinto ao Governo do Estado.

contratos com ela celebrados, em 1956, para construção da Biblioteca Pública de Minas Gerais e da Escola Normal de Uberaba.

● O voto popular está sempre presente nos grandes momentos políticos do País. Entre as muitas poesias que andam correndo de mão em mão, em Belo Horizonte, vamos destacar aqui estas sextilhas, assinadas por João Mineiro :

Meu voto será de JÂNIO !
Nunca foi tão espontâneo
como o será desta vez :
— porque, com FERRARI ao lado,
eis o governo esperado :
— menos de homens que de leis !

E a nossa Minas Gerais ?
Creio que não deixarás
de votar — eu bem o sinto —



MAGALHÃES PINTO

Uma candidatura que se agiganta.

Visitando o município de Barão de Cocais, onde recebeu inequívocas provas de amizade e admiração de todas as classes, o honrado candidato trouxe, entre outras expressivas afirmações de solidariedade, as que lhe foram prestadas pelo presidente e pelo vice-presidente do PSD local, Cel. José Gomes e prefeito Wilson Alvarenga.

Os contatos mantidos pelo Sr. Magalhães Pinto com elementos de maior expressão eleitoral no interior do Estado, quer em seus costumeiros Encontros Democráticos, quer em visitas recebidas nesta Capital, continuam obtendo resultados auspiciosos, proporcionando à sua candidatura um sentido que poderíamos denominar de «extra-partidário», já que o seu nome está encontrando receptividade em todas as agremiações políticas que atuam em Minas Gerais. Nesse sentido, convém reproduzir aqui as suas recentes declarações à imprensa diária da Capital, ao regressar de uma de suas últimas excursões ao interior mineiro :

«Quanto à minha candidatura, devo dizer que venho recebendo as mais vivas manifestações de apoio por parte de elementos das mais variadas correntes políticas, o que a torna definitiva. Até hoje, tenho sido vitorioso em todas as iniciativas que tenho tomado. Por isso, acredito que, mais uma vez, assim acontecerá».

num nome em que esteja expresso nosso futuro progresso.
JOSE' DE MAGALHÃES PINTO !

Nesses três nomes porás teu sinal, pois marcarás um novo ciclo viril :
— o ciclo da honestidade,
do trabalho e da verdade
para Minas e o Brasil !

● O Banco da Lavoyra de Minas Gerais acaba de alcançar, em seus depósitos, a impressionante cifra de 15 bilhões de cruzeiros. Tomando-se por base o limite alcançado pelo dinheiro em circulação (132 bilhões, em 31 de agosto), a poderosa instituição fundada por Clemente de Faria detém nada menos de 11,36% dêsse total, o que a consagra como o maior Banco particular da América Latina.



O enlace matrimonial do jovem banqueiro mineiro Eduardo Magalhães Pinto com a Srt^a Terezinha de Paoli, realizado em setembro último, constituiu relevante acontecimento social no Rio. A união das tradicionais famílias mineiras refletiu, através do brilhantismo das cerimônias — a civil e a religiosa — às quais compareceram expressivas figuras da sociedade mineira, carioca e bandeirante — o elevado conceito de que gozam, merecidamente. O ato civil realizou-se na residência dos pais da noiva, sendo paraninfos, pela noiva, os Drs. Ney Octaviani Bernis e Sr^r e Rômulo de Paoli e Sr^r; e pelo noivo, Sr. José Luiz de Magalhães Lins e viúva Alice de Magalhães Lins e Sr. Rui Catão e Srt^a Lígia Catão. Na cerimônia religiosa, realizada na Igreja da Candelária, foram padrinhos da noiva o Sr. Rodolfo de Paoli e Sr^r, seus pais, e os Drs. Romeu de Paoli e Sr^r e Marcelo de Paoli e Sr^r; do noivo, os Drs. José de Magalhães Pinto e Sr^r, seus pais, Milton Vieira Pinto e Sr^r, e Sr. Marcos de Magalhães Pinto e Srt^a Maria Elisa de Magalhães Pinto. Na foto, os nubentes.

Fotos e Legendas

Apresentando belos trabalhos a óleo e aquarela, o pintor Renato Augusto de Lima inaugurou a sua exposição na Galeria Damiani, à rua Goiás, 65. Foi servido coquetel à imprensa, artistas e convidados, que puderam admirar uma série de quadros focalizando paisagens de Ouro Preto, Angra dos Reis, Niterói, Caraça e outros recantos onde o autor encontrou excelentes motivações para sua inspiração. Na foto, vêem-se, a partir da esquerda, os Srs. engenheiro Ajax Rabelo, prof. Lincoln Prates, Sr^r Magali Lima Bastos, Renato de Lima e esposa, e Sr^r Augusto de Lima Júnior.

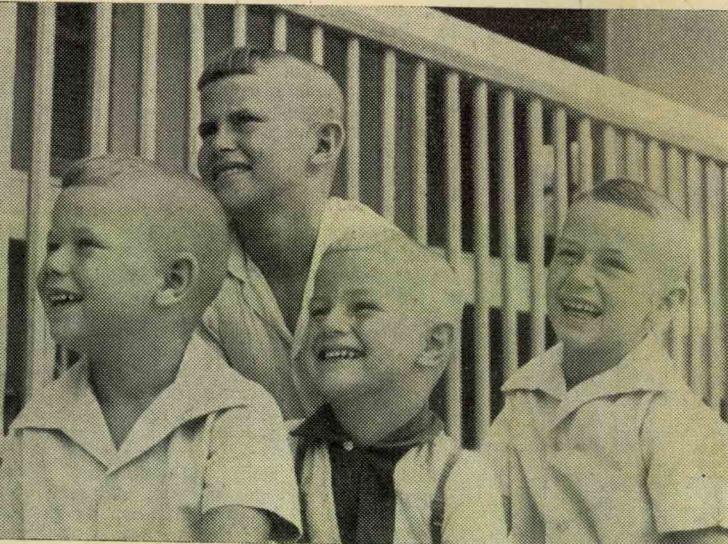
Realizou-se, em setembro último, na cidade de Rosário, na Argentina, em comemoração da Independência do Brasil, recepção do nosso Consulado às autoridades e sociedade locais. Na foto, o Dr. Carlos Sylvestre Begnis, Governador da Província de Santa Fé, elevando a sua taça num brinde ao Brasil, vendendo-se o nosso cônsul Reis Perdigão e Sr^r, Dr. Júlio Casas, presidente da Câmara de Apelações, o senador Ramón Domingo Madeo, Dr. Lauro Lagos, chefe do Cerimonial do Tribunal de Justiça, e o Dr. Francisco Cignoli, diretor da Biblioteca Pública de Rosário.



Realizou-se, em setembro último, nesta Capital, o enlace matrimonial do nosso companheiro de trabalho, jornalista Moacir de Castro Oliveira, com a Srt^a Maria Urânia Leite Corrêa. Foram padrinhos da noiva o Sr. Oscar de Oliveira e Sra^a, pais do noivo, e o Dr. José Carlos de Miranda Sá; e do noivo, o Sr. Cláudio Albernaz Corrêa e Sra^a, pais da noiva, e o Sr. Miranda e Castro e Sra^a, diretores de ALTEROSA. Após recepcionar, na residência dos pais da noiva, os padrinhos e convidados, os nubentes seguiram em viagem de núpcias.



Esses sorrisos saudáveis que iluminam a foto da graça que sómente a infância possui, constituem a felicidade do ilustre médico José Saturnino Filho, fazendeiro e presidente da Associação Rural de Cordisburgo, e sua esposa D. Emilia Mattana Saturnino. O flagrante reúne Heli, Héltton, Hélder e Hélcio — os quatro mais novos lourinhos dos nove filhos do casal — junto ao gradil da casa grande da sua bela fazenda, naquele município, ladeada pelo caminho que leva os turistas à famosa Gruta de Maquiné.

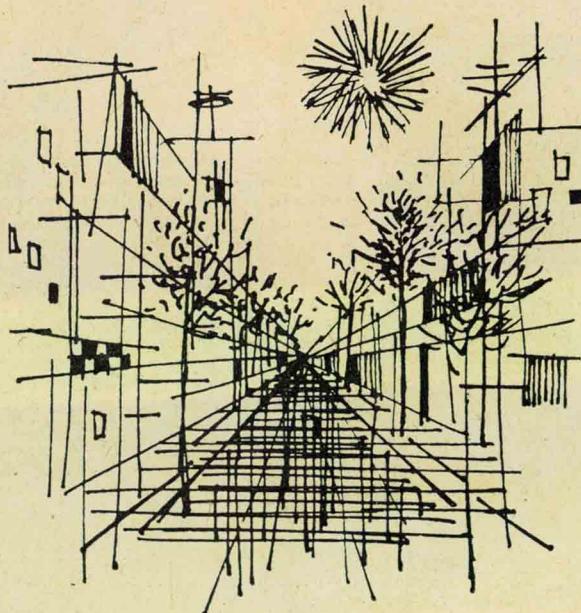


Belo Horizonte recebeu, setembro último, a visita dos prefeitos de quase todas as Capitais do País, que vieram participar do Congresso de Prefeitos das Capitais. Homenageando-os, a diretoria do Banco da Lavoura recepcionou todos os visitantes no 5º andar do Edifício «Clemente Faria». Vemos, no flagrante, alguns prefeitos em palestra com o Dr. José Bernardino Alves Júnior, presidente da grande organização bancária, ladeado pelo Sr. Rubens Garcia Nunes, diretor do Departamento de Relações Públicas do Banco.



**RUA
SÃO BENTO,
DOMINGO**

Maria Lysia Corrêa de Araújo



EXPEDIENTE

ADMINISTRAÇÃO :

Av. Afonso Pena, 941 — 4º andar
— Fones : Gerência 2-4251; Redação 2-0652 — Caixa Postal 279 — End. Teleg. "ALTEROSA" — Belo Horizonte — Minas Gerais — Brasil.

SUCURSAL NO RIO :

Diretor : Ulisses de Castro Filho
Rua da Matriz, 108 — conj. 503
Fone : 26-1881.

REP. EM SÃO PAULO :

Newton Feijó — Rua Boa Vista, 245 — 3º andar — Fone : 33-1432.

ASSINATURAS :

2 anos (48 números) .. Cr\$ 600,00
1 ano (24 números) .. Cr\$ 320,00
1 semestre (12 números) Cr\$ 170,00
Preços para todos os países do continente americano, Portugal e

Espanha. Para os demais países vigoram os seguintes preços : US\$ 5,00 para 2 anos, US\$ 3,00 para 1 ano e US\$ 2,00 para seis meses. As assinaturas começam sempre com a primeira edição de qualquer mês.

VENDA AVULSA :

Em todo o Brasil Cr\$ 15,00
Portugal e Colônias Esc. 5,00
Número atrasado Cr\$ 20,00

REDAÇÃO : Miranda e Castro, diretor; Jorge Azevedo, secretário; Nilza Magalhães, chefe de revisão.

A R T E : Alvaro Apocalypse, Eduardo de Paula, Euclides L. Santos, J. C. Moura, Jeronymo Ribeiro e Pinho.

SEÇÕES : André F. de Carvalho, Cristiano Linhares, Delauro Baumgratz, Euclides Marques Andrade, Garry C. Myers, Gibson Lessa,

Gilberto de Alencar, Leonor Telles, Maria Madalena, Oscar Mendes, Pessoa Esteves, Stella Marina e Temple Manning.

FOTOGRAFIAS : Aristides Roriz, Augusto Cardoso, Dario Carrera Justo, Hiroshi Watanabe, José Nicolau, Luxardo, Nivaldo Corrêa, Camera Press, Keystone, KFS, Odhan Press, Reuter e Trans-world.

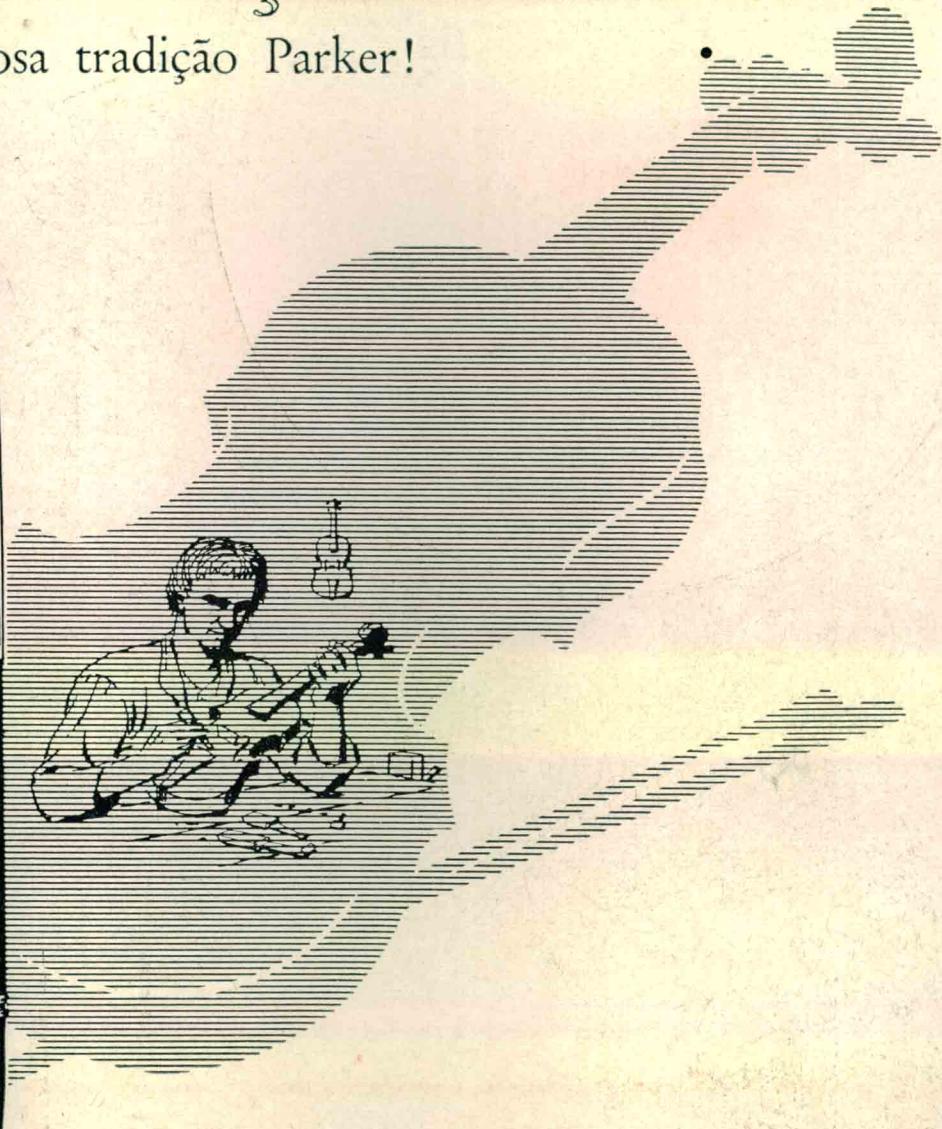
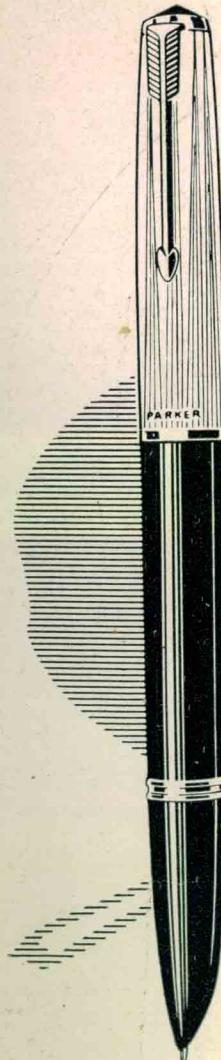
CORRESPONDENTES : Olga Obry e Domingos de Lucca Junior, em Paris; Orlani Cavalcanti, em Hollywood; Gastão Fernandes dos Santos, em Roma.

*
A redação não devolve originais de colaborações ou fotográficos não solicitados.

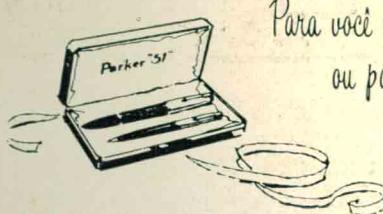
*
Os conceitos emitidos em artigos assinados não são de responsabilidade da direção da revista.

PERFEIÇÃO

...na famosa tradição Parker!



Tal como os artesãos do passado, os operários especializados da Parker utilizam seus instrumentos com infinito cuidado e arte, para criar a caneta mais desejada do mundo - a Parker "51". Essa perfeição, em perfeita harmonia com os instrumentos de precisão e as melhores e mais duráveis matérias-primas do presente, produz a caneta Parker "51"... respeitada no mundo inteiro por sua elevada eficiência ao escrever!



Para você mesmo...

ou para presente...

Parker "51"

UM PRODUTO DA  "THE PARKER PEN COMPANY"

9-5142-P.

JÁ PENSOU
NO SEU
PRESENTE
DE NATAL?

Não é preciso pensar muito,
para tomar a decisão
mais acertada: ofereça
UM PRESENTE DE CLASSE *
— um presente que o fará lembrado
por muito tempo — aproveitando
as vantagens do excepcional plano
de assinaturas de Festas que **ALTEROSA**
idealizou para Você.

(Veja detalhes nesta edição).

ALTEROSA

* uma revista de classe,
para pessoas de gôsto